UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

JONAZA GLÓRIA DOS SANTOS

ESTIGMAS NA EDUCAÇÃO:
O ENCARCERAMENTO SIMBÓLICO DAS JUVENTUDES DO BAIRRO AMÉRICA EM ARACAJU/SE

Salvador

2016

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Santos, Jonaza Glória dos.
Estigmas na educação [recurso eletrônico] : o encarceramento simbólico das juventudes do Bairro América em Aracaju/Sergipe / Jonaza Glória dos Santos. – 2016.
1 CD-ROM : il. ; 4 3/4 pol.

Orientador: Prof.º Dr.º Augusto César Rios Leiro.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2016.

1. Juventude - América (Aracaju, SE). 2. Educação. 3. Estigma (Psicologia social). 4. América (Aracaju, SE) - Aspectos sociais. 5. Prisões - América (Aracaju, SE). 6. Segurança pública. I. Leiro, Augusto César Rios. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 305.23098141 – 23ª ed.

ESTIGMAS NA EDUCAÇÃO:
O ENCARCERAMENTO SIMBÓLICO DAS JUVENTUDES DO BAIRRO AMÉRICA EM ARACAJU/SERGIPE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Cesar Rios Leiro

Salvador

2016

JONAZA GLÓRIA DOS SANTOS

ESTIGMAS NA EDUCAÇÃO:
O ENCARCERAMENTO SIMBÓLICO DAS JUVENTUDES DO BAIRRO AMÉRICA EM ARACAJU/SERGIPE

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 15 de janeiro de 2016

Augusto Cesar Rios Leiro_____
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro_____
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Lícia Maria Freire Beltrão_____
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

À mãe Nazaré Glória pelo amor que me dedica tão contraditoriamente demonstrado, mas sempre absorvido.

Suanam,

É só pensar em você
Que muda o dia
Minha alegria dá pra ver
Não dá pra esconder
Nem quero pensar se é certo querer
O que vou lhe dizer
Um beijo seu
E eu vou só pensar em você
Se a chuva cai e o sol não sai
Penso em você
vontade de viver mais
Em paz com o mundo e consigo.

Chico César

AGRADECIMENTOS

À UFBA...na sua *totalidade*. Pela oportunidade.

Aos componentes da banca pelo olhar criterioso e contribuições para esta pesquisa.

A turma 2013.2 do PGEDU/FACED/UFBA pela convivência alegre, singular, numa multiplicidade.

Às diretoras escolares Delmira Santos e Patrícia Pereira que permitiram minhas ausências para a conclusão desta pesquisa.

Aos meus amigos professores doutores Paulo Neves, Maria José Soares, Marcos Santana e Gleise Passos por se colocarem disponíveis.

Às primeiras fontes de inspiração, amigas: Fátima Melo, Mariclésia Batista e Cidéria Oliveira.

Aos que me receberam tão generosamente em suas casas em Salvador permitindo a estadia precisada: Família Camardelli Masafret, Thiago Corrêa, Alex Marques, Cândida Moraes, Cássia Hack, Bárbara Pupio e Rogério Massaroto.

À irmã-parceira Najó Glória por compartilhar comigo a *praxis* da vida.

Ao Suan, Luan e Naitã Glórias que me fazem viver as *contradições* do amor.

À Liège Pantoja minha *laotong* e Litza Menezes minha irmã não parida de minha mãe, ambas um alicerce forte quando me sinto fraca.

A todos da família Glória por representarem minha *tese, antítese e síntese* familiar.

Ao meu pai que com sua ausência me fez conhecer lugares de falta que me fizeram persistente.

Ao Alex Marques, meu *concierge*, pela cumplicidade acadêmica e pessoal.

Aos amigos Josiel Madiba, Jorge Bonga e Wandison Silva, companheiros de madrugadas insones e ansiosas. E tantos outros que contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao homem que chegou na hora certa e trouxe da nossa *juventude* a leveza necessária.

Os *enigmas do cotidiano* acadêmico me trouxeram até aqui... E é com doce alegria que o parto desta pesquisa se dá no FECOM/MEL. SIM...é a palavra! SIM Cândida, Christiano, Dani, Deni, Diana, Helô, Larissa, Paulinho, Romilson, Vanessinha; vocês transformaram o que era um suplício físico (as viagens) no mais sublime prazer da expectativa do encontro, da companhia e da partilha de poucas horas...foi a melhor parte!

E, ao meu orientador Prof. Dr. Cesar Leiro...o melhor! Por ser leve...*humano*! Numa torre em que essa característica anda meio esquecida. Um legítimo representante da solução radical proposta por Boaventura, em que se passa da ideia de universidade à universidade de ideias. *Merci beaucoup.*

Da Educação:

O quotidiano - costuma dizer-se - é o que se passa todos os dias: no quotidiano nada se passa que fuja à ordem da rotina e da monotonia. Então o quotidiano seria o que no dia a dia se passa quando nada se parece passar. Mas só interrogando as modalidades através das quais se passa o quotidiano - modalidades que caracterizam ou representam a vida passante do quotidiano - nos damos conta de que é nos aspectos frívolos e anódinos da vida social, no "nada de novo" do quotidiano, que encontramos condições e possibilidades de resistência que alimentam a sua própria rotura.

José Machado Pais, 2003, p.28

SANTOS, Jonaza G. Estigmas na educação: o encarceramento simbólico das juventudes do bairro América em Aracaju - SE. 120 f. 2016. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

A redução das desigualdades constitui-se um dos desafios da sociedade brasileira. Os números que envolvem o sistema penitenciário são considerados alarmantes e no seu entorno está o encarceramento simbólico dos jovens que tem um ente detento. Esta escrita resulta de estudos e pesquisas em torno da Educação e seus processos cotidianos na construção de sentidos em torno do estigma do encarceramento. Refere-se a uma dissertação que reúne três capítulos. Inicialmente, traduz as experiências que levaram a autora ao tema, delineia o percurso investigativo ao longo de vinte e sete anos de vivência no espaço pesquisado. Objetiva-se, seguindo uma inspiração histórico dialética na construção de um (re) conhecimento em torno do encarceramento simbólico das juventudes do Bairro América, na cidade de Aracaju no Estado de Sergipe. Estuda-se esse espaço pela particularidade da instalação do primeiro presídio modelo do Estado (1926), o que associada a diferenciais sociológicos, atribuiu ao bairro um estigma de violência que permeia o cotidiano e a construção das representações sociais dos jovens escolares habitantes, marcados pelo estigma do encarceramento de um dos seus entes. Atreve-se a um talhe metodológico que reúne diferentes e articulados procedimentos empíricos e, a partir do delineamento da presente pesquisa acerca da realidade social, apresenta as experiências vivenciadas e os desafios dessa juventude. Para investigar as formas de exclusão que esse estigma alimenta buscou-se jovens da escola pública e da comunidade do bairro. Identificou-se sentimentos contraditórios, de sofrimento mesmo com relação ao ente detento e a convivência no espaço/lugar. Há que se considerar que nessa comunidade os espaços públicos não contribuem para a alteração do imaginário social e coletivo em torno do prédio da penitenciária e sua representação simbólica de violência. Atualmente está tombado como patrimônio cultural. Aborda em torno do tema questões do sistema penitenciário, das aprendizagens cotidianas de referências simbólicas em torno do espaço/lugar de habitação, e apresenta, via depoimentos, as perspectivas de exclusão desencadeadas a partir dos estigmas do encarceramento simbólico das juventudes bairro americanas.

Palavras - chave: Educação; Juventudes; Estigma; Bairro América

SANTOS, Jonaza G. Stigmata dans l'éducation: l'incarcération symbolique de jeunes de quartier Amérique à Aracaju - SE. 120 f. 2016. Mémoire (Master) - College of Education, Université fédérale de Bahia, Salvador 2016.

RÉSUMÉ

La réduction des inégalités constitue l'un des défis de la société brésilienne. Les chiffres concernant le système carcéral sont considérés comme alarmante et ses environs est symbolique de l'incarcération des jeunes qui ont un détenu être. Cette écriture est le résultat d'études et de recherche autour de l'éducation et leurs processus quotidiens dans la construction de significations autour de la stigmatisation de l'incarcération. Il se réfère à une thèse qui comprend trois chapitres. Initialement, il traduit les expériences qui ont conduit l'auteur à ce sujet, décrit le cours d'investigation plus de vingt-sept ans d'expérience dans la recherche de l'espace. L'objectif est, à la suite d'inspiration dialectique historique dans la construction d'une (re) connaissance autour de la symbolique de l'incarcération des jeunes de quartier Amérique dans la ville d'Aracaju dans l'état de Sergipe. Étudier cet espace par la particularité de l'installation du premier modèle de la prison d'État (1926), ce qui entraîne des différences sociologiques, attribué au quartier un stigmate de la violence qui imprègne la vie quotidienne et la construction des représentations sociales de l'école habitants jeunesse, marquée par incarcération stigmatisation d'une de ses entités. Ose rogner une méthodologie qui combine différents et articulé procédures empiriques, de la conception de cette recherche sur le développement social, présente les expériences et les défis que les jeunes. Pour étudier les formes d'exclusion que la stigmatisation feeds demandé aux jeunes de l'école publique et de la communauté de quartier. Il a été identifié des sentiments mitigés de tristesse, même à l'égard de la personne détenue être et de vivre ensemble dans l'espace / lieu. Il doit être considéré que ce espaces publics communautaires ne contribuent pas à changer l'imaginaire social et collectif autour du bâtiment de la prison et de sa représentation symbolique de la violence. Il est actuellement classé comme patrimoine culturel. Adresses autour du thème des problèmes du système pénitentiaire, l'apprentissage quotidien des références symboliques autour de l'espace / lieu d'habitation, et des offres, via des témoignages, les perspectives d'exclusion déclenchés à partir de l'incarcération symbolique de jeunes Américains de stigmates de quartier.

Mots - clés: éducation; Les jeunes; La stigmatisation; Amérique du Quartier

LISTA DE FOTOS

Nº	FIGURA	PÁG
Figura 1	Década de 60 - Ao fundo as torres da penitenciária	33
Figura 2	Igreja São Judas Tadeu e mercado Roberto Silveira.	36
Figura 3	Década de 80 - Praça da Igreja São Judas Tadeu	39
Figura 4	Década de 70 - ao fundo Fábrica de cimento em funcionamento	40
Figura 5	Carta enviada ao Frei do BA	41
Figura 6	Vista panorâmica a partir da Igreja São Judas Tadeu	42
Figura 7	Fachada da penitenciária do BA	51
Figura 8	Capela de São Pedro no interior do presídio	54
Figura 9	Atual Praça da Liberdade	61

LISTA DE SIGLAS

AFIRSE - Associação Francófone de Pesquisa Científica em Educação

AMABA - Associação de Moradores do Bairro América

BA - Bairro América

CDA - Casa de Detenção de Aracaju

CEAC - Centro de Atendimento ao Cidadão

CFAP - Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças do Polícia Militar

CIOSP - Centro Integrado de Operações em Segurança Pública

COMPJAF - Complexo Penitenciário Advogado Antonio Jacinto Filho

CONSEB - Conselho de Segurança de Bairro

EDUCON - Educação e Contemporaneidade

EGESP - Escola de Gestão Penitenciária de Sergipe

EF - Ensino Fundamental

EM - Ensino Médio

EPT - Educação para Todos

FACED - Faculdade de Educação

FECOM - Grupo de Pesquisa em Formação de Professores, Comunicação e Memória

GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Exclusão, Cidadania e Direitos Humanos

IHGS - Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

INFOPEN - Sistemas de Informações Penitenciárias

MEC - Ministério da Educação e Cultura

MEL - Grupo de Pesquisa em Mídia/memória, Educação e Lazer

NPGED - Núcleo de Pós-Graduação em Educação

PAC - Posto de Atendimento ao Cidadão

PMSE - Polícia Militar do Estado de Sergipe

SSP - Secretaria de Estado da Segurança Pública

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UFS - Universidade Federal de Sergipe

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	10
1.1	RELEVÂNCIA SOCIAL DA PESQUISA	15
1.2	PROCESSO FORMATIVO DA PESQUISA	17
1.2.1	**CONHECENDO HISTÓRIAS: "AS VIÚVAS DE MARIDOS VIVOS"**	17
1.2.2	**TRILHAS FORMATIVAS**	20
1.3	TALHES METODOLÓGICOS	25
1.3.1	**PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E EMPÍRICOS**	25
2	**UMA VERSÃO HISTÓRICA DO BAIRRO AMÉRICA**	31
2.1	EVOLUÇÃO ESPACIAL DO AMÉRICA	33
2.2	ORGANIZAÇÃO POLÍTICA NO BAIRRO AMÉRICA: AMABA	43
2.3	SEGURANÇA PÚBLICA: ENCONTROS E DESENCONTROS	47
2.3.1	**SISTEMA PENITENCIÁRIO NO BAIRRO AMÉRICA**	50
2.3.2	**POLÍCIA CIDADÃ NA COMUNIDADE**	62
3	**ESTIGMAS NA EDUCAÇÃO**	65
3.1	UMA PERSPECTIVA TEÓRICA	65
3.2	JUVENTUDES DO ENTORNO	75
3.3	EDUCAÇÃO E FAMÍLIA	88
3.4	ESTIGMAS NAS ENTRELINHAS	96
4	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	100
	REFERÊNCIAS	104
	APÊNDICES	
	ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

A epígrafe de abertura desse trabalho traduz a amplitude e a pluralidade que envolvem as possibilidades investigativas no campo educacional e, nesse sentido, esta pesquisa tomou como fio condutor a concepção de educação em sua forma mais abrangente - como o processo de formação do comportamento como um itinerário a ser percorrido pelas juventudes, suas estratégias e articulações de formulação de sentidos, representações e (re) ações, a partir das mais complexas relações que englobam a vida cotidiana em uma determinada realidade. Educação como uma dimensão constitutiva da vida, seja nos espaços formais ou informais. Entendida aqui como o tempo que vai do nascimento à morte; período de existência. Tempo esse, em que se está continuamente em processo de aprendizagem; vivendo e aprendendo, aprendendo e vivendo. É nessa compreensão abrangente, que busca-se perceber o processo construtivo do estigma do encarceramento simbólico das juventudes do Bairro América.

Compreende-se que o processo educativo da vida, acontece na existência através da cotidianidade nas situações interativas. E a educação, como fenômeno humano, traz essa perspectiva: de processo, de todos os dias, de todos os lugares, pessoas, de sempre. Seu conceito *lato* está relacionado as aprendizagens ao longo de toda a vida. E a diversidade dos problemas sociais contemporâneos, exigiu que se pensasse o processo educacional, para além do seu entendimento convencional.

Foi nessa perspectiva que se desenvolveu esse estudo, que busca contribuir nas discussões sobre os estigmas que povoam o campo da educação; entre tantos, o encarceramento simbólico das juventudes que tem um ente detento. E ao fazê-lo, percebo que falar de estigmas, é falar de diálogos inquietantes. E comigo não foi diferente, se iniciou muito antes de eu fazê-lo conscientemente e com pretensões científicas. Filha de pais separados, na 'juventude', a pecha[1] de *filha da desquitada* sempre me acompanhou e me incomodou muito! Não percebendo na época, que o preconceito do qual era alvo estava relacionado ao conceito vigente de família. O que

[1] Imperfeição; falha moral; falta de adequação às conveniências.Deformidade; defeito ou algo capaz de alterar a forma física de alguma coisa.(Etm. do espanhol: pecha). Disponível em: http://www.dicio.com.br/pecha/. Acesso em: 05 mar de 2015.

nos dias atuais, não se configura mais um motivo de estigmatização. Alargou-se o sentido de família, mudaram as percepções sociais sobre a prole.

Nessa trajetória, analisar os estigmas que envolvem os presos e seus familiares nesse espaço é uma forma de conhecer, ainda que de modo metafórico, os estigmas difundidos na sociedade sergipana sobre esse grupo.

Ao estudar o bairro América, na cidade de Aracaju – Estado de Sergipe, apresento um espaço que teve sua realidade histórico-cultural construída em conjunto com eventos originados fora dos limites locais. A partir da instalação da penitenciária estadual em 1926, eventos globais - principalmente econômicos, repercutiram e tomaram forma nesse lugar, em um encontro cotidiano entre sujeitos humanos e lugar onde vivem. A edificação dessa realidade deu-se no convívio, perigosamente oscilante, entre a transformação social do cotidiano no presídio e os moradores nativos, novos e os visitantes. Que pelo processo educativo e dialético foram construindo e vivenciando o estigma do encarceramento e a violência, tendo como interlocutores seus anfitriões e seus hóspedes, nos quais eu me incluo.

Nos 81 anos de convivência com a penitenciária em funcionamento, o Bairro América desenvolveu uma interatividade singular de conexões às (r)evoluções do sistema prisional; inicialmente num convívio pacífico e harmônico, posteriormente em turbulências e contradições. Isso, até 2007, quando através da mobilização social pressionando o poder público, a penitenciária foi desativada.

Os nativos do bairro, inicialmente constituído por agricultores, famílias de baixa renda e pessoas dos municípios do interior do Estado que trabalhavam em Aracaju; posteriormente à instalação do presídio, foram dividindo o espaço com o crescente número de familiares dos presos, policiais civis e militares que ali se instalaram, agentes penitenciários e pessoas de baixo poder aquisitivo, em sua maioria ligadas às atividades da penitenciária. Hoje, há um mosaico social, que foi se constituindo gradativamente com o crescimento demográfico de Aracaju com a chegada de casas comerciais, pavimentação, transporte público, escolas e creches. Foi nessa dinâmica de interação desenvolvida ao longo do tempo de convivência - associada a outros fatores sócio políticos, que se alicerçou o estigma do bairro, antes considerado violento, agora perigoso.

E assim também, de forma gradativa e dialética, as transformações sociais que alteraram a prática das relações dentro dos presídios, impuseram novas formas de relação com a comunidade do entorno. Junto a essas transformações sociais, políticas, econômicas, culturais e históricas, consolidou-se também, o estigma do detento. Por transferência de *status* social alcançou o seu familiar e, por variáveis endógenas e exógenas, o Bairro América.

O encarceramento simbólico é compreendido nesta pesquisa como um conjunto de relações mais complexas do que a sua ideia original já cristalizada - o estigma do encarceramento; eis que aquele assume a constituição desse, sem necessariamente merecê-lo. Assim, as demais relações desenvolvidas nesse espaço, e o próprio espaço, se apresentam sob essa condição.

Nesse espaço estigmatizado socialmente se desenvolveram as experiências formativas dos jovens que tem um parente encarcerado, suas sociabilidades e suas estratégias de vida. A transfiguração do que me parecia familiar - no sentido de atravessar uma realidade que interconecta este estigma, o jovem em seus processos formativos na construção de suas representações sociais, foi o que me impulsionou para esta pesquisa; que tangencia o encarceramento e a violência, mas buscou se aprofundar em seu aspecto simbólico, na formação das juventudes que tem um ente encarcerado; habitantes de um espaço que tem como variável, há 89 anos, a presença física da penitenciária.

Para tentar contribuir na elucidação desses novos contextos, percorri trajetos de vida e experiências, delimitadas aqui em quatro etapas com conexões metodológicas entre si. A **primeira** etapa - de estruturação da pesquisa, consistiu no amadurecimento teórico das categorias elencadas como majoritárias, o que foi cumprido no curso das disciplinas obrigatórias e optativas junto ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia - PPGEDU/UFBA e ao Programa de Pós Graduação de Educação da Universidade Federal de Sergipe - NPGED/UFS. Bem como, nas discussões e eventos do Grupo de Pesquisa Mídia/memória, Educação e Lazer/MEL/UFBA.

A **segunda** etapa - ideação da pesquisa, consolidou-se no processo de conectar as experiências vivenciadas com a pesquisa ora apresentada; o que se deu, a partir de um resgate histórico dialético pessoal e acadêmico.

Delimitada a pesquisa, construiu-se a **terceira** etapa - estudo de campo, que caracterizou-se pela identificação dos jovens sujeitos do bairro América, com um familiar detento.

É importante salientar, que o caráter qualitativo da pesquisa orientou a acolhida de conceitos abrangentes das categorias: educação, juventudes, estigma e espaço/lugar; que, em conjunto com o percurso formativo, instigaram as sínteses aqui apresentadas. Essa orientação, buscou confrontar os conhecimentos teóricos produzidos em torno do tema e a da realidade vivenciada pelos interlocutores, numa perspectiva de se construir conhecimentos inovadores e contributivos na redução das desigualdades sociais, principalmente no âmbito educacional.

Dessa trajetória resulta o presente texto - **quarta** etapa, construído buscando dar conta dos percursos da pesquisa, que compreenderam dois tempos: um primeiro, que estendeu-se ao longo dos 27 anos de moradia no bairro e que alimentaram a observação, a participação, a percepção e os questionamentos que resultaram neste segundo tempo, transformado de projeto a pesquisa ora realizada, já descrita nas etapas acima.

Nesse **primeiro** capítulo apresento a pesquisa e sua relevância para os estudos da educação contemporânea, tomando como pressuposto seu envolvimento com o tema da segurança pública e, indissociabilidade, da questão da violência urbana envolvendo os jovens. Em seguida, no **percurso formativo da pesquisa,** descrevo meu envolvimento, trajetória pessoal e acadêmica - esse momento, dividido em duas etapas: uma primeira, que consistiu na construção sistemática das informações, atividades e experiências desenvolvidas no percurso da vivência; e uma segunda, que compreendeu o aprofundamento teórico e a realização da pesquisa. Ainda nesse primeiro capítulo, delineio os **procedimentos empíricos e o percurso metodológico** adotados na problematização dos conhecimentos em confronto com a realidade social, assentados em fundamentos teórico metodológicos e técnicas de estudo de campo. Os

procedimentos empíricos encontraram aporte teórico em Greenwood (2015) e Delleuze (2015).

No percurso metodológico, adotou-se uma abordagem puramente qualitativa, privilegiando a representatividade dos dados coletados. Antecedida das etapas de pesquisa bibliográfica e documental e dos procedimentos de coleta de dados. Para as quais se buscou aporte teórico em Gil (2002), Gatti (2007), Triviños (2012), Szymanski (2002), e Macêdo (2010).

No **segundo** capítulo exponho **uma versão histórica do bairro América**, por constituir-se um *locus* diferenciado onde as interações desta pesquisa acontecem. Pela particularidade de ter sua gênese urbana na instalação de um presídio, o bairro constitui-se como um lugar antropológico com simbolismos e significados edificados pelas contradições da vida social, que foram e são desenvolvidas em seus limites geográficos. Caracterizados pela atuação da sociedade civil através de associações de moradores; pelas questões com a segurança pública, via instalação pioneira da Polícia Comunitária e, a convivência com o presídio modelo de Aracaju instalado em 1926 e desativado em 2007. Esse espaço urbano é onde sujeitos juvenis que tem parentes detentos, interagem, constroem - pelo processo educacional, suas sociabilidades, e projetam suas perspectivas de futuro. Reconhecer essa população juvenil e analisar a interferência do estigma do encarceramento simbólico nas suas interações sociais e educativas é o objetivo deste trabalho. As informações e reflexões foram baseadas nas ideias de Rocha e Corrêa (2009), Macêdo (2010), Lefebvre (2000) e Silva (2013),

O **terceiro** capítulo aborda os **estigmas na educação** que são construídos nessa interação de habitante/identidade/lugar - delimitados os habitantes nas **juventudes do entorno** com um ente detento**;** das construções sociais da relação **educação e família,** e os **estigmas nas entrelinhas** que envolvem os habitantes do América numa memória individual e coletiva de avanços e retrocessos sociais. As discussões partem do conceito de estigma de Goffman (1982), Elias (2000) e Becker (2008). Juventude, educação e família são abordados a partir de dados oficiais e das ideias de Pais (2003, 2015), Gohn (2006), Leiro (2004), Charlot (2000) e Moraes (2011).

No **quarto** capítulo exponho as **considerações finais** que sintetizam-se, acima de tudo, como mais uma contribuição na compreensão dos percursos educacionais das

juventudes que vivem o encarceramento simbólico (auto) infligido pela condição de familiar de detento em espaços/lugares instáveis socialmente.

1.1 RELEVÂNCIA SOCIAL DA PESQUISA

Para que se entenda a questão específica dos estigmas do encarceramento simbólico das juventudes do bairro América, é preciso que se faça um exercício de contextualização desse tema com a questão da segurança pública no Brasil, que tornou-se temática obrigatória nos debates públicos da atualidade. A geométrica ascensão da violência urbana, os crescentes números do sistema penitenciário brasileiro e o acúmulo de poder do crime organizado nas últimas décadas, associados aos impedimentos das instituições policiais em se adequarem à essa problemática, tornam a segurança pública uma das maiores preocupações do povo brasileiro.

Nessa direção, todas as possibilidades de estudos e pesquisas que estão nesse entorno, apresentam-se como de fundamental importância por buscarem desvendar os percursos de construção do fenômeno da violência e, a partir desse conhecimento, se criar condições sócio políticas e educativas que minimizem as desigualdades geradoras.

Essas discussões introduzem o Bairro América em Aracaju - Sergipe no contexto da violência, tendo registrado no período de 2006 a março de 2015 o total de 32.240[2] acionamentos policiais para a sua área, o que permite concluir, que a violência neste lugar é um fato concreto. Esse quadro revela uma instabilidade na segurança pública desse espaço, ora simbólica, ora literal, e demonstra o quão preocupante é a percepção de insegurança dos moradores.

Outro dado que reforça a necessidade de um conhecimento mais aprofundado dos processos que relacionam educação com as áreas instáveis, está no Mapa da Violência

[2] Dados referentes até o dia 31/03/2015: CEAC/ PMSE / SSP/SE. Ver Anexo

2014: Os jovens do Brasil[3], que registra o índice de 78,9% na taxa de homicídio (por 100 mil) na população jovem de Sergipe; colocando-o em 7º lugar no *ranking* nacional de estados segundo taxas de homicídio juvenil.

Assim, este trabalho se insere na linha de pesquisa Educação, Cultura Corporal e Lazer da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia junto ao Grupo de Pesquisa Mídia/memória, Educação e Lazer - MEL, e articula experiências vividas, com ideias e depoimentos que encontram ressonância em teorias críticas e reflexivas que abordam a problemática do estigma no processo educacional de construção das representações sociais, reconhecendo suas heranças excludentes nas juventudes locais.

O presente estudo se inclui na Área de Concentração: Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica que tem a práxis educativa como processo de "constituição do sujeito social em educação e das formas de singularidade na sociedade, a pluralidade, a diversidade e a desigualdade como pressupostos para a construção da educação contemporânea", propósitos previstos no histórico da FACED e que dialogam com as especificidades deste trabalho.

[3]www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf. Acessado em: 10 ago de 2015

1.2 PROCESSO FORMATIVO DA PESQUISA

As inquietações que deram origem a esta pesquisa, estão relacionadas às minhas experiências de vida e aos espaços ocupados, desde a minha chegada em Sergipe, em 1987, especificamente no bairro América, no qual morei até 2014. Ao longo desses 27 anos, acompanhei, como moradora e, posteriormente, como pesquisadora, algumas mudanças que envolveram o América. Em um processo de imersão, vivi e escutei histórias que foram pouco a pouco colaborando com esta construção, e agregaram uma intenção científica quando retornei aos estudos acadêmicos, na Universidade Federal de Sergipe, em 2001, no curso de Letras.

1.2.1 CONHECENDO HISTÓRIAS: "AS VIÚVAS DE MARIDOS VIVOS" [4]

Logo no segundo período, para um seminário de Antropologia sobre o‘sistema penitenciário’, precisei entrevistar mulheres para colher depoimentos sobre suas histórias de vida com o parceiro na condição de detento. Para localizá-las, contatei pessoas próximas questionando se conheciam alguém nessa condição. Um pedreiro que, na ocasião, trabalhava em casa, me falou timidamente, envergonhado, que sua prima tinha o marido preso por homicídio. Uma jovem amiga de minha irmã tinha concebido uma criança com o companheiro preso. Em uma rápida conversa com a vizinha da casa ao lado, soube que sua irmã também tinha o parceiro detento.

Naquele momento, me chamou a atenção, o fato de elas estarem em meu círculo de relações próximas e eu não conhecer essa parte das suas histórias. Hoje, consigo

[4] Declaração de uma mulher de detento, na íntegra: "Nós somos viúvas de maridos vivos, passamos a semana toda sozinhas em casa e somos casadas no sábado e domingo". Entrevistas concedidas por CP2 [2002] conforme Apêndice A. Entrevistadora: Jonaza Glória dos Santos. Aracaju, 2015. Arquivo documental. A transcrição na íntegra encontra-se no arquivo documental da pesquisadora.

inferir que esse sentimento de auto - preservação está relacionado ao conjunto de "informações sociais, *status* ou símbolos de prestígio" (GOFFMAN, 2008, p.52) que a pessoa constrói sobre si. E são omitidas ante a possibilidade de sua desvalorização.

Tendo-as localizado, marquei as entrevistas que foram gravadas e conversei com as três. Duas delas moravam no bairro América e a outra em um bairro próximo; os parceiros das três haviam começado a cumprir suas penas na Casa de Detenção do América. Uma tinha 31 anos, era casada há 12, tinha dois filhos - um menino de 08 anos e uma menina de 02 concebida na prisão. O marido estava preso há 04 anos e cumpria pena de 21 anos e 06 meses [CP1]. Outra, tinha 26 anos e conhecera o marido ao visitar um amigo preso, estava com ele há 08 anos; tinha uma filha de 05 concebida na prisão. Da pena de 21 anos, o marido já havia cumprido 11 [CP2]. A terceira, tinha 34 anos, vivia com o parceiro há 13; tinha um primeiro menino de 14 que morava com a irmã, e uma menina de 09 concebida na prisão. O parceiro estava preso por ter violado a condicional, após cumprir 13 anos e 6 meses [CP3]. A primeira e a segunda eu entrevistei em suas residências e a terceira foi em minha casa. Foram conversas difíceis, entremeadas de silêncios, vergonhas e choros. Ainda sem um caráter rigorosamente acadêmico, todas se expuseram além da gravação e contaram alguns pormenores de suas vivências.

Neste primeiro contato e inspirada pela leitura das histórias contadas no livro *Estação Carandiru*, meus questionamentos foram movidos pela curiosidade de entender as estratégias, perspectivas e dificuldades de vida das mulheres que viviam relações amorosas com o parceiro encarcerado. Nessa busca, um ponto em comum nas falas das mulheres intrigou-me: todas admitiram omitir a condição de mulher de detento em suas relações sociais ou profissionais, inclusive, ressaltando que o faziam porque, diante do menor sinal de conhecimento dessa condição, as relações com elas se alteravam. Tal admissão, respondia ao questionamento do que para elas era o mais difícil de conviver como mulheres de presos.

Falaram do constrangimento e humilhação que passavam nos procedimentos adotados na "revista" antes da “visita íntima”; do longo tempo de espera nas filas para encontrá-los; de como dividiam o espaço da cela com os outros presos e suas mulheres; de como administravam a visita dos filhos aos pais; do medo das rebeliões quando iam

dormir com os maridos - tendo uma delas presenciado a morte de um detento; contaram da saudade que sentiam dos seus parceiros, e do quanto se sentiam tristes pelos maus tratamentos recebidos por eles na prisão. Das dificuldades de criarem os filhos na ausência paterna, e das tensões e conflitos existentes nas relações deles com a escola. A esse questionamento, uma delas afirmou que foi chamada pela professora, para conversar sobre o comportamento arredio da criança, ao que a mãe teve que falar da prisão do marido. E acrescentou que, os filhos não participavam das atividades sociais da escola por vergonha, pois, em sala de aula, os colegas comentavam o crime de seu pai, denominando-o de "bandido", sem saberem que se tratava do seu genitor[5].

A jovem mãe de 26 anos confidenciou-me que mesmo estando do lado de fora dos muros, sentia-se constantemente vigiada pelo companheiro, visto que sempre ao chegar para visitá-lo ele já conhecia antecipadamente a sua rotina. Todas falaram da falta de perspectiva de um futuro junto com os parceiros e do quanto se sentiam sós, mesmo tendo-os em suas vidas[6]. Identifiquei nas suas narrativas, algumas das angústias e inseguranças a que estavam expostas, em função do anonimato social em que viviam, da falta de parâmetros sociais e de oportunidades.

Essas informações encontraram eco em sentimentos de rejeição e diferença que eu já conhecia e, à medida que eu as entrevistava e elas contavam suas dificuldades de aceitação por outras pessoas, de relacionamento familiar e de conflitos afetivos no cotidiano, começou a se edificar uma necessidade de investigar o estigma do encarceramento no ente do encarcerado.

Elas me despertaram, também, para a 'real' existência da Penitenciária localizada no bairro, até então, invisível pra mim. O que me fez na ocasião em 2002, ir ao presídio e conversar com o diretor e um apenado; tendo o primeiro me falado das difíceis condições de administração pela superlotação, e, quando questionado sobre os procedimentos da revista, me mostrado utensílios com drogas que eram contrabandeados para dentro do presídio por mulheres de detentos. O segundo, falou das péssimas condições de higiene, da comida e da lotação do presídio. Esse detento foi

[5] Essas informações foram dadas verbalmente após a gravação da entrevista.
[6]Entrevistas concedidas por CP1, CP2 e CP3 [2002] conforme Apêndice A. Entrevistadora: Jonaza Glória dos Santos. Aracaju, 2015. Arquivo documental. A transcrição na íntegra encontra-se no arquivo documental da pesquisadora.

trazido das alas para conversar comigo na sala do diretor, na com sua presença. Essas primeiras investidas foram decisivas para que o tema se alojasse na minha curiosidade e passasse a ser alvo de observação mais apurada.

1.2.2 TRILHAS FORMATIVAS

Nessa época, eu já integrava o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Exclusão, Cidadania e Direitos Humanos - GEPEC da Universidade Federal de Sergipe, que desenvolveu, em 2002, o projeto "Sociedade Civil e Embates Simbólicos em torno dos Direitos Humanos nos anos 90 em Sergipe", no qual eu pude me aproximar de alguns conceitos e fundamentos em torno do tema; e, em 2003, o projeto "Espaços Públicos Autocentrados e Democracia: o exemplo da Polícia Comunitária". Esse tipo de policiamento havia sido instalado em 1996, como projeto piloto pioneiramente em Sergipe no bairro América, pela tradição de organização e participação popular, bem como, os altos índices de violência. Foi transcrevendo as entrevistas dos sujeitos da pesquisa: líderes comunitários, presidente da Associação de Moradores do Bairro América - AMABA, conselheiros, líderes religiosos e agentes da segurança pública, entre outros, que fui me aprofundando no histórico da criação do América, e assim, pude conhecer mais profundamente sobre o lugar onde eu habitava. Nesse período, também participei, como suplente, das reuniões do Orçamento Participativo[7] no bairro América. O que me aproximou da vida política da comunidade. Essas informações foram gradativamente se encontrando com as outras, se armazenando e fermentando inquietações.

[7]O Orçamento Participativo em Aracaju constituiu-se em um instrumento de participação democrática por parte da comunidade, no qual a Prefeitura Municipal de Aracaju, através da recém-criada Secretaria Extraordinária de Participação Popular - SEPP pretende que a população adquira controle social na administração municipal, ou seja, passe a fiscalizar e propor planejamentos acerca da receita e da despesa do orçamento do município. O bairro América foi denominado como Sub-distrito 2.2. Disponível em: http://participedia.net/sites/default/files/case-files/democracia_participacao_popular.pdf. Acesso em: 15 set de 2015.

Envolvida nas atividades de pesquisa, em 2006, participei de observações diretas em reuniões semanais da Pastoral Carcerária.[8] Esses encontros, além do cunho religioso, tinham por objetivo também, o auxílio material - através da doação de cestas básicas para as famílias de detentos que os frequentavam; bem como, um apoio psicológico e; algumas vezes, a intervenção da Pastoral junto à direção do presídio, quando as famílias reclamavam maus tratos intensos aos seus entes encarcerados. Aconteciam nas segundas-feiras, em uma sala de uma galeria no centro de Aracaju; começavam às 19h00min e estendiam-se até às 20h30min horas; eram conduzidos por um integrante da Pastoral; homens, mulheres e crianças participavam. Sentados em círculo, as reuniões começavam com cada um contando como havia sido a semana anterior: o andamento de obras em suas casas, o comportamento das crianças na escola, a saúde dos entes detentos e as relações familiares. Após cada um relatar seu cotidiano, era feita a leitura de uma passagem bíblica e uma breve explicação. Os participantes falavam seu entendimento sobre a leitura, buscando exemplificar com a realidade. Ao final, todos de pé, era feita uma oração e dado um "abraço coletivo". A esposa do condutor da reunião, também integrante da Pastoral, fazia a entrega da cesta para um dos participantes (num sistema de rodízio), distribuía os vales-transportes e todos seguiam seus caminhos[9].

A Pastoral mantinha a frequência dos familiares fornecendo esses "vales-transportes" de idas e vindas. Para tanto, contava com o apoio financeiro de um vereador da capital, recém eleito, ligado a Diocese e funcionário da Petrobrás, com quem, também, eu mantive algumas conversas sobre a Pastoral.

Tal experiência me proporcionou uma aproximação com as dificuldades enfrentadas pelos entes de detentos, e uma melhor compreensão das relações que se estabeleciam entre essas famílias, seus entes, a escola e a comunidade em geral. Pelos relatos, percebi o processo de exclusão social que as famílias de detentos vivenciavam, situação legitimada principalmente pelo preconceito. Essas observações e a busca pela compreensão mais aprofundada dessa realidade me fizeram chegar ao livro *Escuridão*

[8]Instituição criada pela Igreja Católica,no âmbito da Comissão Episcopal Pastoral, da qual fazem parte a Pastoral da Família, Encontro de Casais com Cristo eoutros segmentos sociais, tem por objetivo "preparar os candidatos para a vida matrimonial e familiar, bem como a evangelização e promoção humana, social e espiritual das famílias já constituídas".

[9]Essas informações constam nas minhas notas de campo.

no fim do túnel: o cotidiano das famílias de presos no Estado de Pernambuco, lançado em 2005, pelo professor Joanildo Burity e Samira Vainsencher, onde é contada a realidade cruel e o tratamento desumano que é oferecido aos presos brasileiros e aos seus familiares e onde encontrei ressonância dos depoimentos familiares da Pastoral.

Essas primeiras informações foram apresentadas no Congresso Internacional da Associação Francófone de Pesquisa Científica em Educação - AFIRSE em seu V Colóquio Nacional -Secção Brasileira, realizado na Universidade Federal da Paraíba/UFPB em 2009, com o título "Impactos sócio – educacionais da prisão em famílias de detentos de Aracaju/Sergipe: uma sentença, várias penas".

Em 2010, num segundo momento acadêmico, participando de uma especialização *lato sensu* em Escola e Comunidade na UFS, busquei compreender, a partir de jovens do 9º ano e de professores, qual era o sentido de pertencimento e as contradições desses sujeitos escolares, nas suas relações com a escola e com a comunidade. Isso, exatamente, pelas particularidades já conhecidas do bairro. Particularidades essas, que eu, como hóspede, só começara a perceber, lá atrás, nas entrevistas das mulheres de detentos. A partir delas, meu olhar sobre o bairro mudou. Era uma inquietação subjacente e contínua.

Para a compreensão desse pertencimento e contradições, entrevistei 29 alunos na faixa etária entre 13 e 23 anos: 10 (dez) alunos do turno da manhã, 10 (dez) da tarde e 09 (nove) alunos do turno da noite da 8ª série/ 9º ano do Ensino Fundamental, e 08(oito) professores, todos do Colégio Estadual Prof. Arício Fortes no bairro América, que nessa época ainda tinha o Ensino Fundamental[10]. Para os alunos, as questões inquiriam sobre: o significado de comunidade, a participação de atividades desenvolvidas na comunidade, a representação da escola para a comunidade e quanto a escolha 'daquela' escola e não outra. O 9º ano foi escolhido em função de representar o final de um ciclo – Ensino Fundamental para Ensino Médio – e ter nas séries subseqüentes, registros de matrículas inferiores aos números de concludentes do ensino fundamental.

Na ocasião, os jovens manifestaram suas opiniões reforçando um entendimento natural e vinculante sobre o significado de comunidade, mais sentido do que vivenciado

[10]Hoje o Colégio só atua no Ensino Médio nos turnos matutino e noturno por não ter tido número de alunos matriculados suficientes para funcionar no turno vespertino. Informação dada pela secretária da Escola, confirmada pelo Coordenador do turno noturno.

- onde havia o sentimento de ser coletivo, mas não a prática de viver o coletivo. Ao serem questionados quanto a representação da escola para aquela comunidade, os jovens exteriorizaram a ingênua percepção de que a escola, sozinha, era o lugar de salvação para os menos favorecidos. Sobre suas participações em atividades da e na comunidade, 68,9% admitiram não participar de nenhuma.

Junto à escola, perguntei aos professores sobre: o significado de comunidade, a importância daquela escola para a comunidade, a participação da escola na comunidade e a participação pessoal nas atividades da escola na comunidade. Quanto ao significado, 50% respondeu que o conceito estava centrado, basicamente, no convívio, união e interesses comuns; quanto à importância da escola, 87,5% direcionou suas respostas para o caráter formativo escolar. Na época, 87,5% dos professores abordados não residiam no bairro América e suas participações nas atividades na comunidade reduziam-se às ações intra muros, como: jogos, gincanas e reuniões de pais. Contraditoriamente, professores moradores do Bairro América afirmaram não participar de atividades, nem fazer nada na escola voltado para a comunidade[11].

Esses resultados foram expostos no IV Colóquio do Congresso Internacional sobre Educação e Contemporaneidade - EDUCON/UFS em 2010 com o título "Escola e Comunidade: sentidos e contradições do pertencimento".

A realidade escolar do bairro também foi relatada por integrantes da gestão pedagógica do Colégio Estadual Francisco Souza Porto - primeira escola do América após a demolição do Colégio Estadual Silvio Romero, e me elucidou algumas questões educacionais históricas. E1[12], moradora do América há 61 anos, relatou que por muitos anos, os profissionais da educação - no caso desse colégio no bairro América, em suas relações com os alunos, reforçavam o estigma da prisão, transferindo para o filho-aluno a condição do pai encarcerado, em claras alusões ao dito popular “filho de peixe, peixinho é” [13].

[11]Entrevistas concedidas por 29 alunos [2010]. Entrevistador: Jonaza Glória dos Santos. Aracaju, 2015. Os questionários aplicados compõem o Arquivo documental dessa pesquisadora.
[12] Ver Apêndice A
[13] Desse encontro, mais as informações anteriores, resultou um capítulo de livro intitulado "Filho de peixe, peixinho é? Prisão, Estigma e Família publicado em 2012 no livro "Segurança Pública: gestão, formação e valores" pela Rede Nacional de Altos Estudos em Segurança Pública [978-85-7822-202-4].

Concluí essa pesquisa com a curiosidade ainda mais aguçada, visto que, pelos relatos, a comunidade escolar, no caso do bairro América, ao não refletir sobre o espaço coletivo realmente existente, se privava do possível questionamento crítico e da fatal perda da inocência que lhe exigiria uma tomada de ações, e o consequente desencantamento (BAUMAN, 2003). Como, também, já estava assentado em mim o interesse em conhecer as pessoas que moravam ao redor da penitenciária, suas convivências e estranhamentos.

Nesse tempo, as experiências, informações, dados, questionamentos e reflexões já ansiavam sair do campo da "pseudoconcreticidade" (KOSIK, 1976) para a verdadeira essência do problema. Com uma filha sergipana e bairroamericana adolescente, essas relações e seus impasses no âmbito das juventudes se tornou uma necessidade imposta objetivamente assumida subjetivamente, lembrando Saviani (1996, p. 10), ao explicar a necessidade de se recuperar a problematicidade do "problema".

Assim, cheguei ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia - FACED/UFBA com o projeto intitulado "Uma sentença, várias penas: impactos sócio-educacionais da prisão em famílias de detentos de Aracaju/SE", onde cursando a disciplina Abordagens e Técnicas de Pesquisa em Educação, na busca pela produção do conhecimento acerca do tema, constatei uma limitação teórica que abordasse a dinâmica dos fenômenos envolvidos: educação - juventudes familiares de detentos - estigma do encarceramento.

A disciplina Projeto de Dissertação FACED/UFBA, coincidiu com a necessidade de contextualizar a pesquisa em uma dimensão mais cotidiana e urgente. Essa necessidade me aproximou das linhas de estudo do Grupo de Pesquisa Mídia, memória, Educação e Lazer/MEL/FACED/UFBA, o que me possibilitou o recorte final nas *juventudes*, como tema central deste estudo, inserido na linha de pesquisa Educação, Cultura Corporal e Lazer. Por se tratarem de fenômenos contemporâneos e ressonantes, com o crescimento dos números do sistema penitenciário brasileiro, esta pesquisa se evidenciou necessária, numa perspectiva de contribuir no debate sobre os estigmas que permeiam a educação. O processo formativo dos jovens parentes de detentos que habitam espaços estigmatizados e suas vivências se constitui o objeto dessa dissertação.

Dessa forma, o presente trabalho é o produto final dessas experiências e inquietações acumuladas ao longo dos 27 anos em que habitei no América - meio anfitriã pelo longo tempo, e meio hóspede pelo estranhamento; tempo esse que se mostrou determinante para a persistente necessidade de realização desse estudo. E chego aqui, com a certeza de que essa, ora apresentada, é só uma das faces do América.

1.3 TALHES METODOLÓGICOS

A complexidade de fatos, fenômenos e processos históricos da realidade brasileira, determina que sejam pensadas novas possibilidades de atuação no campo da pesquisa em educação. Possibilidades que busquem traduzir os novos problemas e tenham por objetivo contribuir para a redução a crescente desigualdade de raça, gênero e classes sociais. E uma das faces das desigualdades que assolam a sociedade brasileira está retratada no caótico sistema penitenciário que condena, não só o encarcerado, pelas deficiências do sistema e maus tratos a que é submetido, como o seu familiar, que ao ter seu ente desumanizado, vê-se na condição de refém. Assim, ao carregar o estigma do encarcerado pelo processo de transferência (GOFFMAN, 1982), o familiar, também, absolve a repulsa pelo sistema. Foi na observação dessas relações que essa pesquisa teve sua gênese.

1.3.1 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E EMPÍRICOS

Para cumprir os rigores acadêmicos que uma pesquisa desse porte requer, conceituamos sua natureza como qualitativa - exploratória, eis que tem "como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado" (GIL, 2002, p. 41). O percurso metodológico foi feito em

duas etapas: procedimento técnico - que consistiu na pesquisa bibliográfica e documental e o estudo de campo, e os procedimentos empíricos.

A pesquisa bibliográfica e documental efetivou-se no levantamento de dados históricos junto aos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGS, Biblioteca Pública Epifânio Dórea, arquivos do Jornal Cinform, bancos de dados da Polícia Militar, fontes estatísticas do Sistema de Informações Penitenciária - INFOPEN e acervo fotográfico da Igreja São Judas Tadeu. Utilizou-se ainda de leitura corrente da obra de divulgação: *Bairro América: a saga de uma comunidade* (2009), tendo em vista que, segundo Gil (2002), os estudos exploratórios se utilizam dessa técnica por possibilitar a rápida obtenção de informações requeridas. No caso dessa pesquisa, a obra recorrente possibilitou um conhecimento acerca de informações históricas e cultuais sobre o espaço escolhido.

Nessa direção, a pesquisa documental revelou-se imprescindível para a confrontação das informações obtidas na obra corrente. Daí, as visitas ao IHGS no acervo temático dos bairros de Aracaju, ao arquivo particular de documentos e fotos do acervo da Igreja São Judas Tadeu e jornais de circulação local. Considerando-se que a diferença entre a pesquisa bibliográfica e documental, "está na natureza das fontes, pois esta forma vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa". (GIL, 2002, p. 45)

O estudo de campo consolidou-se em dois momentos: um primeiro quando foi feita a observação direta em reuniões da pastoral da família. E um segundo momento quando se realizou entrevistas semiestruturadas com: lideranças da comunidade, mulheres de detentos, agentes penitenciários aposentados, professores e alunos da escola pública do bairro[14]. Para esta dissertação, cumpre informar que os sujeitos entrevistados foram identificados na escola pública estadual Prof. Arício Fortes no bairro América, a partir de um contato prévio com a coordenação pedagógica da escola e a explanação sobre os objetivos do trabalho. A escola me apresentou três alunos que tinham um familiar detento e as entrevistas foram gravadas em uma sala contígua a dos

[14]Ver Apêndice A - Quadro de Entrevistados

professores. O quarto entrevistado foi identificado a partir de relações pessoais desenvolvidas no bairro.

Nos procedimentos empíricos foram edificados teoricamente os caminhos percorridos na construção do percurso formativo. Assim, o histórico descrito no percurso formativo da pesquisa, foi construído tomando como pressuposto teórico argumentos da ciência empírica que afirma que, nesse campo, "a teorização converteu-se numa actividade disciplinada, confinada em áreas restritas da vida social e sujeita repetidamente à prova do confronto com os factos" (GRENWOOD, 2015)[15], através de métodos empíricos de investigação.

Foi no percurso de tornar social um interesse (DELLEUZE, 2015), que se passou pelas fases da: *afetação do espírito*, quando aprioristicamente, se manteve contato com as mulheres de presos e, a partir das entrevistas, alojaram-se as primeiras impressões sobre a temática; *fixação na imaginação*, quando dessas primeiras impressões, tornou-se recorrente a busca por aproximação e conhecimento do tema, através da visita à penitenciária, participação nas reuniões da Pastoral da Família, inserção em projetos de pesquisa, participação política no bairro, leituras e cursos, publicações, entre outras atividades; *e, formação de ideias* quando se discutiu as possibilidades nas atividades do grupo de pesquisa. Já com liames de idéias, buscaram-se os princípios que as influenciaram.

> A constância e a uniformidade estão somente na maneira *pela qual as idéias são associadas na imaginação*. Em seus três princípios (contigüidade, semelhança e causalidade), a associação ultrapassa a imaginação, é algo distinto desta. A associação afeta a imaginação. Encontra nesta seu termo e seu objeto, não sua origem. A associação é uma qualidade que une as idéias, não uma qualidade das próprias idéias (DELLEUZE, 2015, p.4).

[15] Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224164262K2lAE9wd1Ui39AM8.pdf, Acessado em: 03 set de 2015

Assim, o tempo e as situações de interação (PAIS, 2003a) possibilitaram que a *causalidade* e a *associação* fossem construindo o *corpus* formativo da pesquisa; na medida em que

> a idéia apodera-se do papel que a torna capaz de representar todas as idéias às quais ela é associada por semelhança na imaginação: idéia geral. Ou a união das idéias *pelo* espírito adquire uma regularidade que ela não tinha, posto que "a natureza, de algum modo, indicaria a cada um as idéias simples mais apropriadas para se unirem em uma idéia complexa": substância e modo. Ou então uma idéia introduz nele uma outra idéia: relação. Nos três casos, o efeito da associação é a cômoda passagem do espírito de uma idéia à outra; a essência da relação é a transição fácil. O espírito, devindo natureza, tem *tendência*. (DELLEUZE, 2015, p.6-7).

Numa processo de qualificação da empiria, mesmo antes de essa estar formalmente constituída. Isso porque, para Delleuze (2015)

> todo objeto, em certo grau e certa direção de movimento, está determinado por um destino absoluto, e não pode contrariar essa linha precisa, segundo a qual ele se move, assim como não pode transformar-se em anjo, espírito ou substância superior. "Os exemplos da matéria devem, portanto, ser considerados como exemplos de ações necessárias; e tudo aquilo que, a esse respeito, está em igualdade com a matéria, deve ser tido como necessário". (sublinhado por G. Deleuze).(DELLEUZE, 2015, p.9).

Necessário de tal forma que, persistentemente, marcou minha trajetória acadêmica buscando o fato do que já estava acumulado como conhecimento, perscrutrando ultrapassar a impressão de necessidade para a condição de sujeito constituído, visto que,

> assim como a associação fixa no espírito uma generalidade necessária, uma regra indispensável ao seu esforço de conhecimento teórico, assim também a paixão fornece-lhe o conteúdo de uma constância, torna possível uma atividade prática e moral, e dá à história sua significação. (DELLEUZE, 2015, p.16).

Foi na busca de compreender as ideias - aqui apresentadas como percurso formativo e a construção da educação ao longo de toda a vida - apresentada na epígrafe dessa dissertação, que rompeu-se esse ultrapassar. Isso porque, a contradição implica, pelo menos, um desacordo das ideias com os objetos que elas representam (DELLEUZE, 2015).

Aceitando-se que método é ato vivo, concreto, que se revela nas ações, na organização e no desenvolvimento do trabalho de pesquisa, os desafios foram se revelando e as confrontações teóricas se apresentando. Assim, investigar no familiar do detento a forma de convivência com o encarceramento simbólico, exigiu uma metodologia mais elaborada do que a simples delimitação de quantidade ou qualidade.

Com o firme propósito de fugir do aparente determinismo que insistia em se mostrar no contexto da investigação, buscou-se "a manutenção da lucidez quanto às limitações dos conhecimentos trazidos à luz" (GATTI, 2007, p. 56), isso por acreditar-se que "o fenômeno tem sua própria realidade fora da consciência. Ele é real, concreto e como tal, é estudado" (TRIVIÑOS, 2012, p. 129).

Dessa forma, apesar do relato das mães, das observações e dos registros colhidos neste percurso, fez-se imprescindível a escuta dos sujeitos da pesquisa, delimitados para este trabalho nas juventudes legalmente estabelecidas pelo Estatuto da Juventude - de 15 a 29 anos com um familiar detento, moradores do bairro América.

Nesse momento da pesquisa confrontou-se a questão teórica evidenciada pelo fato de se estar como *outro* na posição de *biógrafo*, pois, segundo Goffman (1982), esta relação implicaria saber o *quanto* o outro sabe do estigma, tanto o *biógrafo* quanto o entrevistado.

> [...] tudo isso é relevante, na medida em que o problema do indivíduo, no que se refere à manipulação de sua identidade pessoal e social, variará muito segundo o conhecimento ou desconhecimento que as pessoas em sua presença têm dele e, em caso positivo, segundo o seu próprio conhecimento do fato. (GOFFMAN, 1982, p. 77)

E ter morado no bairro por 27 anos, colocou-me à frente de uma geração de jovens moradores, o que possibilitaria o reconhecimento de algumas pessoas sem ter tido conhecimento prévio da condição de familiar de detento. Em metodologia, tratando-se em específico do campo de pesquisa em educação, Gatti (2007) adverte que:

> Educação é área de conhecimento e área profissional, um setor aplicado, interdisciplinar, e o conhecimento que produz, ou deveria produzir, diz respeito a questões de intervenção intencional no âmbito da socialização, diz respeito a metodologias de ação didático-pedagógica junto a setores populacionais, com objetivos de compreensão desse agir e de seu potencial de transformação. (GATTI, 2007, p. 61)

O reconhecimento por parte do *outro* poderia causar uma situação de retraimento. Para localizar os jovens sujeitos da pesquisa, pelo anonimato da condição de familiar de detento, buscou-se a gestão da escola estadual Prof. Arício fortes, única no bairro a ofertar o Ensino Médio, nível de ensino condizente à faixa etária pesquisada.

Tais questões só contribuíram para a responsabilidade dessa pesquisadora, ao adotar como instrumento a entrevista reflexiva[16] aprofundada (SZYMANSKI, 2002) semiestruturada, por constituir-se em uma situação de trocas intersubjetivas e por se apresentar como "uma solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados num formato padronizado" (SZYMANSKI, 2002, p. 10). O roteiro da entrevista foi pensado numa perspectiva de atribuir um caráter sociobiográfico ao sujeito e considerou, para o número de questões, a possibilidade de um laconismo que, porventura, pudesse dificultar a fluidez da entrevista. Para atingir o objetivo proposto nesta pesquisa elaborou-se um roteiro contemplando aspectos: pessoais - relação com o eu, familiares, educacionais, sociais e perspectivas de futuro. O que possibilitou um panorama sócio-familiar para análises categorizadas.

[16]Ver roteiro de entrevista no Apêndice B

2 UMA VERSÃO HISTÓRICA DO BAIRRO AMÉRICA (BA)

Ao chegar ao Bairro América em 1987 já encontrei um bairro minimamente urbanizado e em vias de crescimento demográfico. Assim como com tantas outras pessoas, a escolha deu-se por, na época, os imóveis terem preços acessíveis para compra e a aproximação com a Universidade. Os primeiros anos de moradia foram marcados pela adaptação ao bairro, a cidade, ao clima e a nova vida longe das paisagens florestais amazonenses.

O tempo encarregou-se de revelar as minúcias do cotidiano, as particularidades do lugar, assim como, foi construindo "nos aspectos frívolos e anódinos da vida social" (PAIS, 2003) a memória individual que me ligaria ao bairro pelos próximos 27 anos. Em relação análoga as Cidades Invisíveis de Marco Polo (CALVINO, 1972), hoje observo que, além do lugar onde os eventos acontecem, esses espaços são também,

> o reflexo da atividade dos seus habitantes, sendo redutor resumi-la em descrições de detalhes arquitetônicos, ela é o resultado de conexões entre o seu espaço e as vivências do seu passado. A cidade é constituída pelas recordações dos seus habitantes, são os *acontecimentos do seu passado* que a constroem, portanto a sua descrição tem de conter essas histórias. No entanto, afinal a cidade não necessita contar o seu passado, porque este está gravado em todos os seus recantos, recordando-nos da dificuldade em desassociar a cidade do seu contexto histórico (SILVA, 2013, p. 33).

E a história do Bairro América começa oficialmente em 1947 quando foi registrado na Prefeitura Municipal de Aracaju com 1.610 lotes de terra. Algumas particularidades foram contadas no livro *Bairro América: a saga de uma comunidade* (2009), escrito pelos historiadores Emanuel Souza Rocha e Antônio Wanderley de Melo Corrêa, ambos moradores do bairro. No livro os autores fizeram um resgate dos 60 anos de vida comunitária, desde a sua fundação em 1947 até 2004. Como a segunda metade desse tempo eu já habitava o BA referenciei no livro as informações históricas, principalmente, por ele apresentar minúcias, depoimentos e informações de um tempo anterior que, como hóspede, dificilmente, teria acesso. Informações essas que foram

confirmadas por depoimentos de moradores mais antigos que eu, e encontram-se recortadas nesse contexto. A narrativa pormenorizada do livro revelou-se importante, na medida em que, me permitiu conhecer alguns sujeitos referenciais do bairro, a cotidianidade do passado religioso, cultural, esportivo - processos educativos desenvolvidos anteriormente, somente perceptíveis aos anfitriões. Dessa história contada, a partir de 1987 já posso corroborar alguns fatos, num exercício de memória, por tratar-se, também, de um período de vida pessoal.

2.1 EVOLUÇÃO ESPACIAL DO AMÉRICA

O bairro América na época de sua fundação era considerado uma região afastada da cidade, uma vez que terminava nas proximidades do bairro Cirurgia, era uma região desabitada, exatamente por isso, teve construída na sua localidade a penitenciária modelo de Aracaju em 1926. Mas, não era uma região desabitada, lá havia sítios, riachos e plantações. A ocupação no entorno da penitenciária foi gradativamente alterando a paisagem e a ocupação. Atualmente, o censo demográfico 2010 registrou 15.870 habitantes.

O registro mais antigo a que tivemos acesso nos mostra uma região com ainda pouco povoamento.

FIGURA 1 - DÉCADA DE 60 - AO FUNDO AS TORRES DA PENITENCIÁRIA

Acervo: Arquivo da Paróquia São Judas Tadeu

Antigos moradores entrevistados contam que o bairro no início, era formado por pequenas áreas rurais de médio e pequeno porte. Plantações de mandioca, legumes e

árvores frutíferas, além de matagal abundante, brejos, lagoas e riachos, afluentes do rio Poxim. Dessa época, poucos moradores ainda estão vivos. A entrevistada E1 é um deles, moradora do bairro desde 1953 falou d isolamento e das poucas casas que havia no bairro.

> Quando a gente chegou aqui, a partir dos meus 4 anos é que vem mais a lembrança. A gente morava aqui na rua Peru no bairro América, os países tudo da América do sul as ruas. Na rua Peru só existia 3 casas, meu pai, a do vizinho e duas da frente. A penitenciária[...] Já existia a penitenciária, uma casa lá na rua Argentina, do capitão Antonio Oliveira, ele morou aqui e algumas casinhas de palha dos familiares dos presos, na rua argentina[...] O bairro América cresceu totalmente do lado de cá mesmo, tinha a rua Chile, que hoje em dia é a avenida José da Silva Ribeiro, era rua Chile, rua Argentina, ai tinha as transversais, rua Peru, rua Venezuela, rua Paraguai, Uruguai, até Estados Unidos. A parte da igreja e a parte onde é o mercado, ali tudo era mato, mato e buraco, barreiro puro.

Esses depoimentos, tanto confirmam a origem rural, quanto revelam os laços mantidos pelos antigos moradores com o bairro. O pai de E1 era bombeiro e veio do município de Malhador morar no BA por trabalhar em Aracaju. Ao contar a sua história, a professora confessou ter uma relação de amor com o bairro, o que fez com que comprasse a casa contígua a sua por ter sido a casa dos seus pais. Essas relações, permitem a compreensão desse espaço como um lugar antropológico, visto estar investido de sentido variável de acordo com o indivíduo e o meio, pela necessidade de preservação do passado que nasce da sensação de empatia, responsável pela adaptação do indivíduo ao lugar. Nesse sentido, diversos espaços são considerados patrimônio da memória coletiva (SILVA, 2013, p.29) .

O nome América foi dado pela família judia de origem russa, Zuckerman, que, fugindo da Segunda Guerra Mundial, após viver em vários países da América do Sul, sem conseguir conter as perseguições, fixou residência no Rio de Janeiro e, posteriormente, em Aracaju. Aqui, adquiriu esta grande área rural e, em homenagem ao acolhimento, denominou-a “América”, loteando-a logo em seguida para evitar as invasões por parte das pessoas que vinham visitar familiares detentos e ficavam. Foi

oficialmente reconhecido pela Prefeitura Municipal de Aracaju como "Bairro América" em 1947.

As áreas foram demarcadas e o espaço, então área rural, ganhou ruas de nomes de países do continente americano, o que não impediu que os moradores continuassem chamando as zonas pelos nomes tradicionalmente conhecidos. Assim, as subdivisões do BA eram conhecidas pelo: “Riacho das Pedras”, “Alto da Pindaíba”, “Alto do Miolo”, “Alto da Boneca”, “Caatinga da Penitenciária”, “Escorrega”, “Tamanco sem Salto” – nomes marcados por características do local. Ainda são presentes na memória coletiva do bairro as áreas denominadas anteriormente de “Campo do Vidro” e “Zona do Biju”, as demais o tempo encarregou-se de fazer prevalecer as novas demarcações.

Nessa época, as dificuldades de locomoção eram acentuadas pelo distanciamento do bairro com relação ao centro.

> A gente pegava ônibus lá na rua do Acre, porque o ônibus não vinha pra cá porque não tinha rua,era só os *varedozinho* ai a gente descia pra pegar ônibus lá, pra ir pro centro, não tinha água encanada, não tinha energia, era os poços...que a gente tinha muito minador aqui no bairro, muito minador mesmo, onde é esse viaduto, tinha minador de água, onde é a rodoviária, era água e ali tudo matagal. E tinha o rio Poxim, que tinha o poço, depois que a gente tava foi que construíram lá a caixa dágua, pra poder fazer a encanação de água pra Aracaju, mas não tinha nada aqui, foi no governo de Leandro Maciel que fez.

Essas dificuldades não inibiram o crescimento populacional e a chegada de moradores de outros Estados e mesmo países. Foi assim, que os frades capuchinhos foram uns dos primeiros a receber seus lotes em 1961, que correspondiam a dois quarteirões e uma praça – atual Praça Tancredo Neves (foto abaixo), abrindo frentes de trabalho para a construção da igreja. Mas, a maioria dos terrenos foi adquirida por pessoas pobres, da capital e do interior.

FIGURA 2 - IGREJA SÃO JUDAS TADEU E MERCADO ROBERTO DA SILBEIRA

Disponível em: http://sergipeemfotos.blogspot.com.br/2013/12/vista-aerea-da-igreja-dos capuchinhos.html. Acesso em 15 mar de 2015

Foi na década de 1960, que o bairro começou a receber serviços de infraestrutura, primeiro a água encanada em 1959, e em 1963, é que algumas ruas foram revestidas de piçarra - terra misturada com areia e pedra; além da construção do Mercado Dr. Roberto Silveira (Figura 4).

Na década de 1960, havia dois distritos policiais ou subdelegacias de polícia. Uma localizada na Avenida Brasil e outra onde hoje funciona o Colégio Estadual Arício Fortes. O esquadrão de cavalaria fazia o patrulhamento das ruas, após o toque de recolher do corneteiro, às 22 horas. Este esquadrão era encarregado de garantir a ordem e a tranquilidade pública à noite, revistar e deter pessoas que estivessem circulando sem documentos, reprimir os cultos de candomblé e deter arruaceiros por comportamento inadequado. Os detidos eram levados para as subdelegacias e passavam por longas sessões de espancamento, o que, pelos relatos, era audível pelos moradores.

Em caso de rebelião na penitenciária, o esquadrão da cavalaria era chamado para reprimir os presidiários amotinados. Este destacamento impunha o medo e o terror aos moradores, pela violência com que seus policiais agiam, por serem numerosos e pelo

armamento que usavam: sabre, cassetetes longos e pistolas e, quase sempre, o temido cipó caboclo[17]. Pelo relato de antigos moradores, a ordem era mantida por força do medo; quando se ouvia longe o som das patas dos cavalos, crianças e adultos se recolhiam. Esse esquadrão foi extinto em 1970.

Esse medo é lembrado ainda hoje, também, pelos jovens. E3, de 28 anos, nascido no bairro, conta que na sua infância havia

> medo, tinha toque de recolher, 6 horas não podia mais botar a cara do lado de fora...medo de pegar bala na cara, saia da escola pra casa, num jogava bola, num ia na praça, por fato de morar em frente a uma praça mais não ia pra praça...medo...agora não

Os bandidos que eram pegos no bairro eram divididos entre os muito perigosos, que praticavam estupro e homicídio que iam para a penitenciária; os 'cachaceiros' que iam pros distritos; e os que roubavam que iam para a temida 'invernada'. O entrevistado E2, tem 79 anos e chegou no BA em 1955 para trabalhar no presídio, onde se aposentou em 1988, e contou que a invernada era uma prisão de trabalhos forçados, onde os presos ficavam só para trabalhar pro Estado sem direito à remuneração, só contavam com o alimento. Uma descrição simplificada para o que o livro descreve como "o horror dos que cometiam crimes, pois além dos maus tratos, os internos eram obrigados a trabalhos forçados em roças e olarias" (ROCHA e CORREIA, 2009). Lá, os presos tinham a cabeça raspada ficando em relevo as letras "LF" - ladrão fino, trabalhavam na roça e na fabricação de tijolos. A 'invernada' ficava no município de Nossa Senhora do Socorro; na época, pela distância, causava terror nas crianças.

O entrevistado E2 contou que, em 1955, quando chegou à penitenciária

[17] É uma planta, trepadeira, lenhosa, de tamanho variável. É nativa do Brasil. É reputada como planta medicinal, com propriedades depurativas e estimulantes. As suas folhas são ásperas, com nervuras proeminentes na parte inferior. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cip%C3%B3-caboclo

> Ah, quando eu cheguei aí era bom de se viver lá porque...lá só chegava preso...sentenciado, só chegava preso...criminoso e preso por estupro, esse negócio de droga, num existia droga; cachaça... ia pros distrito, de lá mesmo se soltava; lá só chegava criminoso e por estupro, e por roubo, roubo ia pra invernada.

Segundo o mesmo entrevistado, essas relações mudaram quando

> começou a piorar depois que começou esse movimento de muita droga, porque na época que eu cheguei lá num existia droga, num tinha, num tinha isso. Aí depois que começou a surgir esse movimento de droga, foi que as coisas começou a piorar lá, porque chegava aqueles preso perigosos de fora...aí foi o tempo que também acabou a invernada lá, e que todo mundo vinha pr'aqui. Quando, quando acabaram a invernada lá foi que, começou a ficar ruim aí, porque todo mundo vinha pr'aí.

É a partir dessas interações que entendemos a construção do estereótipo violento em torno do bairro, já que "as relações que os indivíduos mantém com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É em realidade o espaço possível de ser apropriado, vivido e significado (MACEDO, 2010, p.36)". Assim, numa concepção sociológica, a identidade do nativo será preenchida entre o 'interior' e o 'exterior' - o pessoal e o público, internalizando seus significados e valores, buscando alinhar os sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 1999, p. 12).

O processo de ocupação correspondeu a lógica do capital; na medida em que o comércio central crescia em número e espaço, ele foi ocupando o lugar de antigos moradores e comerciantes menores, que foram gradativamente sendo conduzidos para as regiões periféricas de Aracaju.

Nesse contexto, consideramos também a concepção de “espaço” como *produto* de um processo histórico e cultural, visto que ele intervém no modo de produção, sendo, ao mesmo tempo, efeito, causa e razão; ele muda com esse modo de produção. Ele muda

com “as sociedades”, como explica Lefebvre (2006). Isso nos orientou para entender as mudanças na sociedade do BA e seus desdobramentos. A figura 3 nos mostra um outro momento demográfico do BA, já na década de 1980 com sua urbanização crescente.

FIGURA 3 - DÉCADA DE 80 - PRAÇA DA IGREJA SÃO JUDAS TADEU

Acervo: Arquivo da Paróquia São Judas Tadeu

Como um lugar não homogêneo e com a industrialização em franca expansão a internacionalização da economia reforçou a diferenciação e as especificidades locais. Assim, desde o ano de 1967 funcionava na sua área, a Companhia de Cimento Portland, que utilizava pedra calcária, argila e minério de ferro para a fabricação do cimento. Esses produtos eram queimados em fornos com chaminés altíssimas que expeliam uma fumaça cinzenta por sob o bairro, cobrindo telhados e plantas, riachos e mobílias, roupas e animais. Comprometeu a saúde dos moradores causando doenças bronco-pulmonares chamadas de "cimentite" - oriundas do cimento; e mortes são atribuídas a essa doença (Figura 4). Tornou-se alvo de campanha popular para a sua desativação. Era a terceira maior arrecadação do Estado na época e empregava os bairroamericanos.

FIGURA 4 - DÉCADA DE 70 - AO FUNDO A FÁBRICA DE CIMENTO EM FUNCIONAMENTO

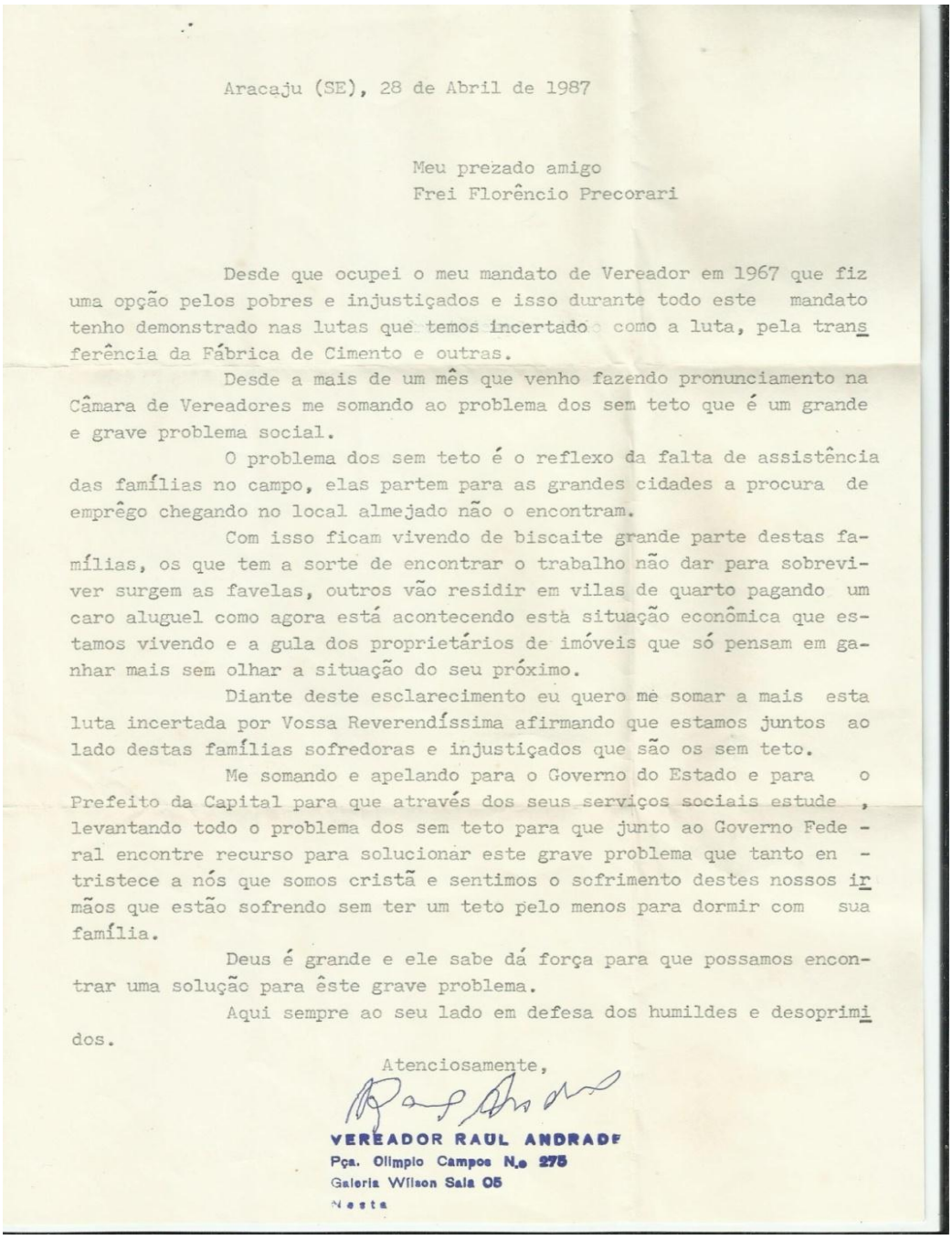
Acervo: Paróquia São Judas Tadeu

A luta pela sua transferência ou desativação inaugurou um movimento organizado no BA, que reuniu o poder público, os moradores e a igreja, e em 1984 foi desativada, numa luta intitulada "Davi contra Golias" - em analogia ao relato bíblico do menino (povo) que derrubou o gigante (fábrica).

A década de 80 marcada por profundas transformações na economia brasileira, encontrou um BA também mergulhado em crises de moradia, desemprego e falta de renda, consequência do cenário nacional. Paralela a essas dificuldades, a luta pela redemocratização do país, também atingiu os bairroamericanos, que organizados, criam oficialmente em 1984 a Associação de Moradores do Bairro América - AMABA, com o objetivo de pressionar o poder público em prol de melhorias para o bairro, que vinha acumulando problemas estruturais desde sua criação. Se se considerar a instalação da penitenciário em 1926 como o primeiro marco do bairro, em 2015 o América completou 89 anos. As condições precárias de vida nesse espaço de tempo, até chegarem as obras

de saneamento básico em 1961, tornou-se alvo da preocupação de políticos e religiosos, é o que demonstra a carta abaixo (Figura 5) enviada por um político ao Frei da Igreja São Judas Tadeu, que demonstra as dificuldades enfrentadas pela comunidade na convivência com a fábrica de cimento e as precariedade locais.

Figura 5 - CARTA ENVIADO AO FREI DO BA



Aracaju (SE), 28 de Abril de 1987

Meu prezado amigo
Frei Florêncio Precorari

Desde que ocupei o meu mandato de Vereador em 1967 que fiz uma opção pelos pobres e injustiçados e isso durante todo este mandato tenho demonstrado nas lutas que temos incertado como a luta, pela transferência da Fábrica de Cimento e outras.

Desde a mais de um mês que venho fazendo pronunciamento na Câmara de Vereadores me somando ao problema dos sem teto que é um grande e grave problema social.

O problema dos sem teto é o reflexo da falta de assistência das famílias no campo, elas partem para as grandes cidades a procura de emprêgo chegando no local almejado não o encontram.

Com isso ficam vivendo de biscaite grande parte destas famílias, os que tem a sorte de encontrar o trabalho não dar para sobreviver surgem as favelas, outros vão residir em vilas de quarto pagando um caro aluguel como agora está acontecendo está situação econômica que estamos vivendo e a gula dos proprietários de imóveis que só pensam em ganhar mais sem olhar a situação do seu próximo.

Diante deste esclarecimento eu quero me somar a mais esta luta incertada por Vossa Reverendíssima afirmando que estamos juntos ao lado destas famílias sofredoras e injustiçados que são os sem teto.

Me somando e apelando para o Governo do Estado e para o Prefeito da Capital para que através dos seus serviços sociais estude, levantando todo o problema dos sem teto para que junto ao Governo Federal encontre recurso para solucionar este grave problema que tanto entristece a nós que somos cristã e sentimos o sofrimento destes nossos irmãos que estão sofrendo sem ter um teto pelo menos para dormir com sua família.

Deus é grande e ele sabe dá força para que possamos encontrar uma solução para êste grave problema.

Aqui sempre ao seu lado em defesa dos humildes e desoprimidos.

Atenciosamente,

VEREADOR RAUL ANDRADE
Pça. Olimpio Campos N.o 275
Galeria Wilson Sala 05
Nesta

Acervo:Arquivo pessoal de Emanuel Rocha, gentilmente cedido.

Essas dificuldades foram a mola propulsora para a organização política dos moradores, que a partir de 1984 tem na AMABA a oficialização do sentido de cooperação mútua, do dever "pura e simplesmente, de ajudar uns aos outros, e assim, ter pura e simplesmente o direito de esperar obter a ajuda precisada" (BAUMAN, 2003, p. 8). É nesse contexto de organização política, que eu chego ao BA em 1987 e começo minha imersão no bairro, já descrito no percurso formativo.

FIGURA 6 - VISTA PANORÂMICA A PARTIR DA IGREJA SÃO JUDAS TADEU

Fotografia: Ivan Masafret/Agosto de 2015

Hoje a indicação de bairro mais violento é o Conjunto Terra Dura no bairro Santa Maria, onde está instalado o Complexo Penitenciário Advogado Antonio Jacinto Filho - COMPJAF e ao bairro América, é atribuída a indicação de mais perigoso.

2.2 ORGANIZAÇÃO POLÍTICA NO BAIRRO AMÉRICA: AMABA

É no contexto de luta política que a comissão que se autodenominou "Comissão Pró-Associação", em abril de 1984, criou a AMABA oficialmente, com a finalidade de unir e organizar a comunidade pelo desenvolvimento do BA, passando a existir legalmente, em 1985. Imediatamente após a experiência da luta contra a indústria Portland, a nova associação foi em busca de melhorias de infraestrutura para a o bairro: transporte, pavimentação das ruas, creche e melhorias no posto de saúde. Participou ativamente de programas do governo federal, a exemplo do programa do leite, que tinha nas associações de moradores uma ponte com a comunidade.

A história de organização coletiva já tinha um embrião no BA desde 1968, no trabalho comunitário que era realizado no Centro Social Dom José Vicente Távora pelas freiras vindas do Rio de Janeiro, e que promoviam reuniões nas casas dos moradores criando grupos de crianças, de casais, de idosos, de viúvos, entre outros. Uma antiga moradora nos relatou que a associação, foi uma espécie de dissidência do Centro Social que não aceitou se envolver em política partidária, como ela explica

> ela pegou os nossos estatutos, a gente foi quem orientou...nós que orientamos eles a criarem o estatuto...nossa associação tem estatuto, tem regimento, tem tudo...que ela agora tá sendo guiada por conselheiro, que eu faço parte, só que agora eu tô relaxada nunca mais tive lá [...] a amaba acabou porque quem estava na frente era E2, que teve uma série de problemas, E2 afastou porque toda associação entrou político no meio, se o presidente da associação não tiver punho ele vai de água abaixo, porque eles usam [...] eles usam a política partidária pra ser curral eleitoral e o Centro Social Dom José Vicente Távora nunca aceitou. [extrato de entrevista de E1]

O extrato revela que desde o seu início a associação teve que lidar com conflitos internos, o que posteriormente, no seu histórico vai aparecer como um dos fortes indícios de seu enfraquecimento e desativação.

A AMABA foi reconhecida como de utilidade pública, pela Câmara Municipal em 1985 e pela Assembleia Legislativa do Estado em 1992; serviu de inspiração para novas associações em outros bairros. Inovou, criando um sistema de comunicação intrabairro, através de boletins informativos, jornal popular, rádio comunitária e sítio na internet. Dialogou com sindicatos, outras associações, ONGs, grupos independentes, grupos culturais, étnicos, conselhos e gabinetes parlamentares progressistas, além de participar de eventos comunitários, estaduais e nacionais. Criou pré-vestibular comunitário. Essa intensa atividade político-comunitária envolveu os jovens da comunidade que, nesse período, eram vítimas de um grupo de extermínio.

Para tanto, um grupo de membros elaborou o Projeto Reculturarte, que foi financiado pela Coordenadoria Ecumênica de Serviço de Salvador/BA (CESE) e pela Visão Mundial[18]. O objetivo do projeto era resgatar jovens em situação de marginalização social: na mendicância, no uso ou tráfico de drogas ou na prostituição. O primeiro coordenador do projeto e morador do bairro há 40 anos, E4, nos explicou as atividades que eram desenvolvidas com os jovens.

> [...] a gente tinha teatro, capoeira, reforço escolar pras crianças, alfabetização de adultos, naquela época a gente já tinha pra os pais, a gente tinha futebol, voleibol, a gente tinha basquete, a gente tinha banda afro, três bandas afro; onde a gente quando foi o lançamento do Estatuto da Criança e do Adolescente, a nossa banda tocou com Geraldo Azevedo no palanque ele chamou; tinha artesanato, de corda, de *rafia*, de vitral, então tinha várias atividades e os menino daqui eles se identificava. [extrato de entrevista de E4]

Com o financiamento, as ações culturais passaram a ser predominantes, o que gerou uma divergência de concepções sobre quais seriam as *reais* atividades da Associação. Uns defendiam, como prioridade o trabalho reivindicativo, enquanto, outros, o trabalho cultural do projeto. Assim, os primeiros renunciaram e os demais

[18]A Visão Mundial é integrante da World Vision International, que atua em mais de 90 países. A organização tem *status* consultivo, junto à Organização das Nações Unidas (ONU). No Brasil, atua desde 1975, beneficiando diretamente ou indiretamente mais de 83 mil crianças e quase três milhões de pessoas, em 1.024 comunidades em 10 Estados.Disponível em: <http://www.visaomundial.org.br/nossa-organiza%C3%A7%C3%A3o/quem-somos>. Acesso em: 20 fev. 2015.

ficaram à frente da associação desenvolvendo o projeto, até um novo "racha" na instituição. Essas disputas enfraqueceram e esvaziaram a entidade, que deixou de atuar em algumas áreas e passou a se concentrar nas atividades do projeto.

Durante o tempo de funcionamento *ativo*, principalmente no desenvolvimento do Reculturarte com os jovens, a Associação enfrentou resistências e perseguições, relatadas por E4, que integrava o grupo que se alternava na presidência da Associação

> Então a gente enfrentou policiais, tinham policiais que assediavam as meninas jovens de lá, porque muitas das vezes a gente foi parar em delegacia, muitas vezes tentaram prender um ou outro educador...eles...muita coisa, teve perseguição. Eu tive que fugir por um ano daqui porque tentaram me matar; abriram a cabeça de um colega meu de martelada, quebraram o maxilar do outro e eu disse que enquanto não me matassem não sossegava porque, porque eles começa a perder espaço pros meninos que deixam de usar droga. Que a nossa ideia era essa, tirar da prostituição, da prática do roubo e do vício. [extrato de entrevista de E4]

É importante destacar que o Centro Social Dom José Vicente Távora mantém sua sede em funcionamento no bairro até os dias atuais, enquanto que a AMABA, após esse período de intensa atividade política, foi desativada em 2012. No livro, a inatividade da Associação foi explicada como o resultado de *sucessivas disputas e distensões* que culminaram por enfraquecer a entidade e tirar sua credibilidade junto à comunidade.

As disputas de poder dentro da AMABA a enfraqueceram, os projetos financiados acabaram e já não havia mais a participação popular. Sem sede própria, os membros que resistiram até 2012, ainda tentaram um resgate, chamando os moradores, promovendo jogos e competições, mas não houve mais mobilização popular. O espaço físico onde aconteciam as reuniões foi deteriorado pela falta de reformas e invadido por moradores de rua; os arquivos foram roubados por catadores de papel. A associação de Moradores encerrou suas atividades em 2012, estando atualmente com o CNPJ desativado.

Desde 1987 essa história se confunde com a minha, e como moradora -hóspede vivi os problemas estruturais, o aumento no consumo de drogas que trouxe os traficantes e os consumidores como visitantes e o toque de recolher ditado pelo tráfico.

Era cena corrente os tiroteios pela disputa das áreas de venda. O medo ditava horários e locais possíveis de se frequentar.

É importante salientar que as décadas de 1980 e início da de 1990, consideradas as mais violentas do bairro, representaram também o período de organização social da comunidade em prol de melhorias. Assim, unir forças para combater a violência instalada no bairro, parece à continuidade de um processo natural de luta instalado em todo o país, já que "os problemas em pequena escala do desenvolvimento de uma comunidade e os problemas em larga escala do desenvolvimento de um país são inseparáveis" (ELIAS, 2000, p. 16) e no BA essa luta havia se iniciado lá atrás pela desativação da fábrica de cimento.

Assim, no final da década de 90 foi criado o Movimento de Luta pela desativação da Casa de Detenção do BA em que se reuniram novamente, AMABA, a igreja através de seu pároco frei José Raimundo e bairroamericanos; o que aconteceria somente em 2007. O que nos leva a questão da segurança pública no bairro América.

2.3 SEGURANÇA PÚBLICA: ENCONTROS E DESENCONTROS

A violência descontrolada que caracterizou os anos 80 e 90 em todo o país foi determinante para os alarmantes índices de crescimento do sistema penitenciário. No Brasil revelou-se como a mais perversa forma de reduzir a violência das ruas. Historicamente, apesar de versar em sua gênese uma teoria sobre a readaptação dos transgressores sociais, a prisão tem se constituído, na prática, como um campo de concentração para os pobres. O que originalmente corrigiria os indivíduos por meio da "privação da liberdade" transformou-se na representação do *flagelo social*.

No país, há um histórico em que desigualdades vertiginosas, associadas à pobreza da maior parte da população, têm se combinado e contribuído indiscutivelmente para o aumento da violência criminal, transformada em principal suplício das grandes cidades. Isso se dá em paralelo ao que ocorre em outros países, em que, para usarmos a expressão de WACQUANT, "[...] está-se passando de um Estado social para um Estado penal" (2001, p.11-12). Em que,

> o aparelho carcerário brasileiro só serve para agravar a instabilidade e a pobreza das famílias cujos membros ele sequestra e para alimentar a criminalidade pelo desprezo escandaloso da lei, pela cultura da desconfiança dos outros e da recusa das autoridades que ele promove (WACQUANT, 2001, p.11).

Nessa combinação de "mais Estado" policial e penitenciário, de um lado, e "menos Estado" econômico e social de outro, saímos de uma população carcerária, em novembro de 2000, de 232.755 (duzentos e trinta e dois mil, setecentos e cinquenta e cinco) presos, para 607.731 (seiscentos e sete mil, setecentos e trinta um) detentos, segundo o Relatório de Informações Penitenciárias - INFOPEN/Junho de 2014, ocupando o 4º lugar no *ranking* mundial, ficando atrás somente dos Estados Unidos, China e Rússia.

Os dados que envolvem o sistema penitenciário brasileiro são alarmantes, quanto aos números, e preocupantes, quanto às consequências. Desse total, 340.329 (trezentos e quarenta mil, trezentos e vinte e nove) estão na faixa etária de 18 a 29 anos, ou seja: 56% são jovens.[19] 68% não concluiu o Ensino Fundamental. Em Sergipe, registrou-se, nesse mesmo período, o total de 4.307 (quatro mil, trezentos e sete) presos, dos quais mais de 60% são jovens e 74% não tem o Ensino Fundamental completo.

Esses dados estatísticos reforçam o histórico traçado por Wacquant (2001), ao explicar o início dessa trajetória de passagem de Estado social para Estado penal, quando ele afirma que

> é justamente *porque* as elites do Estado, tendo se convertido à ideologia do mercado-total vinda dos Estados Unidos, diminuem suas prerrogativas na frente econômica e social que é preciso aumentar e reforçar suas missões em matéria de 'segurança', subitamente relegada á mera dimensão criminal. (WACQUANT, 2001, p. 7).

As estatísticas revelam ainda, que essa "penalidade neoliberal" é mais danosa nos países com fortes desigualdades sociais e sem condições de oportunidades de vida; sem tradição democrática e sem instituições capazes de reduzir o choque da mudança da relação do trabalho e do indivíduo, no início do século XXI. Segundo esse autor, alguns fatores contribuem para esse quadro de desequilíbrio: a histórica posição subordinada na estrutura das relações econômicas internacionais; as disparidades sociais vertiginosas, entre poucos ricos e a grande maioria pobre, combinando-se num crescendo da violência criminal; a difusão das armas de fogo associada a uma economia estruturada ao tráfico de drogas internacional, o que mistura crime organizado e polícia, ambos propagando o crime e o medo do crime.

Para Wacquant (2001) a crise do sistema penal brasileiro está calçada em alguns fatores: na insegurança criminal *agravada* pela intervenção da força da ordem via

[19] Lei nº 12.852, de 5 e agosto de 2013,Art. 1º, em seu§ 1º: Para os efeitos desta lei são consideradas jovens as pessoas com idade entre quinze e vinte e nove anos de idade.

torturas policiais; o recorte da hierarquia de classes e da estratificação étnico racial e a *descriminação baseada na cor*; e o mais grave, o *estado apavorante das prisões do país*, descritas por ele, como "as taras das piores jaulas do Terceiro Mundo, mas levadas a uma escala digna do Primeiro Mundo" (2001, p. 8-11).

Com esses alicerces, o sistema penitenciário brasileiro se traduz em um depósito punitivo, parece que, indefinidamente, num impasse: como sustentar uma política de encarceramento crescente, sem uma política de desencarceramento? Se a possibilidade não for uma expansão ao infinito, a capacidade de prender deverá, em alguma medida, estar associada à capacidade de soltar.

O fato de no Brasil mais de 40% dos presos estarem em situação provisória revela, entre outras coisas, a arbitrariedade em que o sistema penal opera e o descumprimento escandaloso da lei, quanto ao prazo da prisão temporária, que é de 120 dias. Em Sergipe, o número de presos provisórios foi considerado "absurdamente elevado" pelos conselheiros que fizeram o relatório da última inspeção realizada pelo Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária do Ministério da Justiça, em Sergipe, em janeiro de 2011[20]. Hoje esse número chega a 73%.

O relatório INFOPEN 2014 informa ainda, que do início dos anos 90 para junho de 2014, houve um acréscimo de 575% na população carcerária no Brasil. Há um déficit de 231.062 (duzentas e trinta e um mil, sessenta e duas) vagas no sistema, o que contribui, consideravelmente, para que as cadeias sejam espaços de desumanização, convertendo-se em oportunidades de vícios e degradações que acabam por inviabilizar a reintegração desses apenados. Dificuldade essa já explicada por Foucault na *Microfísica do Poder* (2005).

> Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade. Foi então que houve, como sempre nos mecanismos de poder, uma utilização estratégica daquilo que era um inconveniente. A prisão fabrica delinqüentes, mas os delinqüentes são úteis tanto no domínio econômico como no político. Os delinqüentes servem para alguma coisa. (FOUCAULT, 2005, p. 75)

[20]Disponível em: http://portal.mj.gov.br. Acesso em: 10 mar de 2015

E as estatísticas de crime no BA demonstram isso. Quando em funcionamento, os detentos, na grande maioria, eram mantidos em penitenciárias, cadeias públicas, colônias agrícolas e em centros de observação, em condições de abandono e indiferença social, em situação de vida abominável, caracterizada pela falta de espaço, ar, luz, alimentação e higiene. É nesse ambiente que eles recebiam a visita dos familiares, inclusive de suas mulheres para a "visita íntima", quando por vezes, concebiam filhos que passavam, desde o nascimento, a visitar o familiar preso. A situação física das cadeias, pela falta de manutenção e pela superlotação, revelava-se um dos agravantes que pressionavam o sistema.

Essas minúcias revelam-se importantes, por apresentarem, além das disparidades sociais, o processo minucioso em que se deu a corrosão do sistema penitenciário e que em muito contribuiu para a dinâmica interna do bairro na construção das representações simbólicas para os que estão no seu entorno.

2.3.1 - O SISTEMA PENITENCIÁRIO NO BAIRRO AMÉRICA

Essas questões da violência e da segurança pública envolvendo o sistema penitenciário brasileiro se refletiam, também, na Penitenciária de Aracaju. Os problemas estruturais e a efervescência social dos anos 80 e 90 evidenciavam a falta de segurança no bairro. O estigma de violento já estava sedimentado, ao que os moradores reagiram se mobilizando liderados pela igreja na figura do Frei Raimundo - pároco da igreja João Judas Tadeu, junto com a AMABA, representantes da segurança pública e demais associações do bairro, para viabilizar a implantação da polícia comunitária.

Nesse período, o tráfico de drogas ditava horários e locais para os moradores frequentarem. Os jornais noticiavam mortes violentas no presídio (Anexo 1 e 2), as tentativas de fuga e rebeliões foram, gradativamente, colocando a penitenciária como o centro das atenções do BA.

Mas, nem sempre foi assim.

FIGURA 7 - FACHADA DA PENITENCIÁRIA DO BA

Disponível em: <https://farm5.staticflickr.com/4142/4858559144_f9fcbed15d_z_d.jpg>. Acesso: 05 abr de 2015.

> A penitenciária não foi um corpo estranho inserido no organismo social do bairro América. E sim o contrário, a comunidade surgiu a partir e em função daquela instituição prisional. E os vínculos continuaram existindo ao longo do tempo. (ROCHA; CORREIA, 2009, p.13 e 29).

A epígrafe acima sintetiza o processo imperceptível, cotidiano e histórico de construção da relação entre os bairroamericanos e a penitenciária. Ao ser inaugurada em 1926 a penitenciária contava com um campo de futebol, uma capela, a cozinha e a enfermaria. Três alas, cada uma com 60 cubículos e cada cubículo com duas camas de cimento para abrigar dois detentos; sua capacidade máxima era de 360 presos. As torres, voltadas para o nascente, abrigavam a administração. Do seu quadro de funcionários constavam: diretor, secretário, contador, datilógrafo, médico psiquiatra, eletricista,

enfermeiros, cozinheiro e ajudante, servente, dois motoristas e dois professores primários, sendo um deles de Educação Moral e Cívica.

A entrevistada E1 trabalhou 02 anos na penitenciária como professora na década de 1970 e nos contou que,

> na época que eu trabalhei lá, foi na época de setenta e...era muito bom. Porque a violência dos presos...não tinha droga assim, a violência hoje em dia é por causa das drogas. Os presos lá dentro eram mais: roubo, esses roubos simples...de galinha, roubo de uma loja, era motorista que matava em acidente, o estupro era lá uma vez ou outra, o maior caso...o terror que tinha lá era 'la conga' que matou um menino, que ele era sapateiro e o menino jogou bola e a bola e sempre sujava o sapato dele, ele pegou o menino e matou o menino e enterrou ali depois da linha do trem, nas areias. Foi o crime de terror, ele e a mulher, 'la conga', ele morreu lá dentro...cumpriu mais de 20 anos, ela foi absolvida. [...]Eu dava aula a 30 presos, dentro da igreja, que nem sala tinha...eu sozinha e Deus. Eu trabalhei 2 anos e consegui alfabetizar. Porque naquela época pra ter o induto natalino, porque naquela época não tinha tanto induto como tem hoje né, era o induto natalino, só saía quem assinasse o nome...o doutor Rizaldo que era o diretor da penitenciária e ele criou isso, e foi uma coisa boa. Ele só saia no induto natalino, primeiro tinha o bom comportamento e segundo quem assina o nome e eu consegui alfabetizar.[...] eu trabalhei 2 anos e só deixei porque eu fiz o concurso do Estado e fui trabalhar em Pacatuba. [extrato de entrevista de E1]

A professora relatou que em alguns dias, quando chegava para dar aula havia flores sobre o birô, colhidas pelos presos-alunos. Numa demonstração de reconhecimento e agradecimento pelo serviço recebido. Tal informação revela que, nesse período, sistema penitenciário e educação ainda não estavam, perceptivelmente, em lados opostos. Há que se considerar que o momento histórico político, social e, principalmente econômico, no Brasil era outro.

Como atividade prática e produtiva para os internos, a penitenciária mantinha uma horta, casa de farinha e oficinas de sapataria, alfaiataria e marcenaria. Os presidiários com bom comportamento também ajudavam na limpeza das dependências internas e nas obras de recuperação e manutenção do presídio. A esses presos era permitido o cultivo de roças, nos terrenos baixos e úmidos, para o plantio de macaxeira, feijão, milho e

inhame. Os produtos eram usados na alimentação dos encarcerados. O entrevistado E2 confirmou que

> Tinha uma pequena horta assim ao redor, quem não trabalhava na oficina, trabalhava de horta. Naquela horta plantava macaxeira, mandioca existiu até uma casa de farinha lá...até uma casa de farinha teve lá, aí fazia os produtozinho pra lá e aquele produto era consumido na...na própria penitenciária [extrato de entrevista de E2]

Além do trabalho na horta, o que garantia uma relativa qualidade na alimentação, havia ainda a disponibilidade de aulas. Na capela, eram dadas as aulas de alfabetização do Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL e do curso supletivo. Em 1972, foram construídos canteiros, na entrada da capela, que foram denominados de "Jardim dos Namorados". A vida ativa da penitenciária também movimentava a economia local e muitos moradores abriram casas comerciais variadas para atender a visitantes e pessoas que vinham conhecer o presídio modelo.

FIGURA 8 - CAPELA DE SÃO PEDRO NO INTERIOR DO PRESÍDIO

Fotografia: Ivan Masafreti, em agosto/2015

O dia do presidiário – 24 de maio – era marcado por uma intensa programação desportiva, almoço e baile de confraternização, que contava com a participação dos familiares dos presos, amigos e amigas. A comemoração culminava com a libertação dos presos que finalizavam suas penas. No São João, havia sanfoneiros, forró e futebol.

A vida social do bairro se misturava com as atividades sociais da penitenciária. E1 frequentava as festas na cadeia.

> [...] lá na penitenciária, primeira vez que eu vi Luiz Gonzaga assim cara a cara foi ai na penitenciária, existia procissões, São Pedro padroeiro...que ainda tem a igreja lá dentro, não demoliram e tinha procissões, então a comunidade podia ir e eu gosto de desafio. [extrato de entrevista de E1]

Equipes do Projeto Rondon realizavam campanhas de saúde e higiene, a exemplo da “Semana da Saúde”, com palestras sobre higiene bucal, educação sexual, vacinação e doenças venéreas, extensivas aos familiares e funcionários do presídio.

> Nas décadas de 1950 a 1970, ir à Penitenciária visitar os presidiários era uma opção de lazer e de interação social de muitos moradores antigos do Bairro América. Alguns deles afirmam que os presos não eram perigosos, não faziam rebelião, não usavam drogas, se aprontavam e ‘ficavam limpinhos’ e respeitavam as mulheres visitantes, chegando inclusive a haver namoros com as solteiras. (ROCHA; CORRÊA, 2009, p.30)

Tais particularidades revelam uma confiabilidade mútua; os jovens do BA - homens e mulheres, frequentavam e participavam da vida social da prisão, e o fato de detentos relacionarem-se afetivamente com jovens da comunidade, nos leva a crer que, eles também se percebessem como parte da comunidade.

Nas décadas de 1950 e 1960, a população encarcerada não atingia 300 pessoas, em sua maioria acusada de homicídio ou estupro. Os casos de roubo eram punidos com a cabeça raspada, deixando em relevo as letras “LF”: ladrão fino; esses presos eram colocados na famosa “Invernada”. O uso de drogas era mínimo, as fugas eram esporádicas e havia pouco uso da violência com os internos. Os detentos usavam uniforme listrado, denominado “João Riscão”, e recebiam duas mudas de roupa, confeccionadas por um dos detentos alfaiates, que recebia pagamento pelo seu trabalho.

Aos domingos à tarde, havia missa na capela São Pedro, celebrada inicialmente pelo pároco do município de Nossa Senhora de Lourdes, substituído posteriormente pelos frades capuchinhos da paróquia São Judas Tadeu, após terem se instalado no bairro. Os pastores evangélicos pregavam ao ar livre, no pátio, entre os grupos de presos. Nesses dias, havia ainda uma feirinha que vendia produtos artesanais e brinquedos fabricados pelos detentos, tais como: miniaturas de mobílias domésticas, moldura de espelhos, porta-toalhas, cabides de roupa, mesas, cadeiras e até camas. Nos

dias de visita, havia jogos de futebol no campo existente no interior do presídio. As partidas eram disputadas entre os presos e os rapazes da comunidade, parentes e visitantes.

Essa realidade perdurou até o final da década de 70 quando, a partir daí, a população carcerária cresceu vertiginosamente e rapidamente, o que trouxe como consequência os atos de violência com os presos, o tráfico de drogas, o vício e as tentativas de fuga, muitas delas bem-sucedidas. As notícias da violência no interior do presídio e as múltiplas fugas foram deteriorando as relações físicas da comunidade com a penitenciária e seus internos. A transformação dessas relações fez com que a penitenciária passasse, também rapidamente, a ser considerada pelos moradores do bairro e adjacências como um transtorno, uma inconveniência, "um monstro", com sua violência latente a demarcar fronteiras e espaços sociais. Isso acontecia, também, porque os presos fugitivos não mais saíam do bairro; eles fugiam da penitenciária e se alojavam na comunidade, praticando delitos e resolvendo suas rixas internas e externas. As escolas não eram poupadas e quando aconteciam fugas, o clima de terror se instalava.

> Ai veio as fugas violentas, que era muito tiro, mas o colégio mesmo foi vítima 2 vezes de preso escondido dentro do colégio, um no banheiro e outro dentro da caixa dágua, um morreu de cima do muro do colégio, levou um tiro e caiu e morreu...só que caiu do lado de lá. Então a gente ficou assustado, ficou...o bairro ficou um terror, mas eu como gostava daqui [Extrato de entrevistada E1]

Os crimes dentro da cadeia, segundo os depoimentos colhidos no livro, eram facilitados em função dos cubículos não terem cadeados, serem permanentemente abertos, pois somente as alas eram fechadas. Os casos de fuga foram numerosos; as tentativas aconteciam através de túneis subterrâneos que, pelo número existente, passou a denominar a penitenciária de "queijo suíço" ou "tábua de pirulitos". Muitos prisioneiros morreram asfixiados, por terem sido descobertos a tempo dos agentes carcerários tamparem as entradas e saídas dos túneis. Eram enterrados vivos. "O fato de ter existido um pequeno cemitério ao lado da muralha, não tinha associação com as

mortes violentas. O cemitério era destinado para os internos que tiveram morte natural" (ROCHA; CORRÊA, 2009, p.31).

Esses fatos são confirmados pelo entrevistado E2, quando questionado quanto ao tratamento dado pelos policiais aos presos que tentavam fugir.

> Ah, morria. Ou na saída, ou lá dentro mesmo do buraco.[...] (risos) ou na saída ou lá dentro do buraco. [...] Ficava...ficava lá mesmo. Que era, era tapado as duas boca, era tapado as duas boca aí...[...] Ficava lá mesmo. [...] As famílias...nem reage, num, num reagia, ficava só na, não...oh, se acabou, cadê, cadê meu parente?, onde?, onde ele entrou?...ninguém sabia, ninguém sabia. Num tinha também essa...essa exigência que tem hoje, num tinha, num tinha. Hoje quando chega um preso lá, a família fica acomodando ou fica cá fora e lá naquela época num existia isso não. [extrato de entrevista de E2]

A corrupção, envolvendo presos e alguns guardas, também se tornou uma constante. Em troca de suborno, os guardas e policiais corruptos facilitavam a entrada de drogas, saídas privilegiadas e a fuga de presos. No início da primeira década do século XXI, podia-se ler no portal de entrada das alas uma faixa com os dizeres: "Bem vindo ao inferno".

Em 1985, o presídio passou a denominar-se Cada de Detenção de Aracaju – CDA, onde ficavam os presos detidos que aguardavam julgamento ou cumprimento da pena. Os malcomportados eram trancados em cubículos denominados "tranca", e não saíam nem para as refeições; essa punição foi extinta no final da década de 1980, sendo substituída pela "solitária", que chegou a abrigar 40 detentos de uma única vez.

O tempo não corroeu somente as relações sociais, mas também as condições físicas do presídio; a higiene transformou-se na pior possível, proliferavam baratas, ratos e escorpiões. As paredes eram úmidas de limo, o que provocava doenças na pele e no pulmão entre os detentos. A alimentação era insuficiente e preparada em péssimas condições de higiene, sendo distribuída desigualmente entre os presos de maior e menor poder dentro do presídio. Esse poder estava demarcado pela ala de instalação; os mais perigosos – matadores – ocupavam a ala "B", conhecida como "Raio da Merda", por ter

um esgoto a céu aberto, cortando-a do começo ao fim, e que, quando entupido, impregnava de mau cheiro todo o pavilhão. A ala "C" era ocupada pelos presos menos perigosos e mais calmos, e havia ainda a ala dos evangélicos.

Na transformação ocorrida dentro do presídio, os detentos dividiam-se em classes: os "considerados" – eram os chefes temidos e respeitados, fortes, ameaçadores e sanguinários; os "laranjas" – estupradores que serviam de mulheres aos outros presos e eram submetidos aos serviços de limpeza; havia ainda os presos que, quando soltos, armavam contra os familiares de presos veteranos e tinham por pena o exaustivo espancamento; os "novatos" –recém-chegados sem direito nenhum, e os "sofredores" – abandonados pela família que nunca recebiam visitas. Nessa "luta de classes", o preso que tinha família ascendia internamente, via negociação de empréstimo de dinheiro e outros favores, como, aluguel de TV e venda de cigarros. Com a proibição da entrada de dinheiro, as famílias passaram a negociar essas facilidades externamente. O entrevistado E2 fala do envolvimento de alguns policiais na época em que trabalhou lá.

> Porque começou a surgir muita fuga, começou a surgir muita droga e através dessa droga, surgia muita safadeza entre, entre guarda penitenciário e...e policiais, cê sabe em todo canto tem coisa ruim, então começou, quando a droga chegou lá, aí começou a...a entrar mais dinheiro e com aquele dinheiro começava a subordinar aquelas pessoa mais fraca, porque só caía nisso pessoa de mente fraca, mente segura num caía, como eu mesmo nunca caí, graças a Deus nunca caí, nunca caí. [extrato de entrevista de E2]

As fugas facilitadas pelos agentes e policiais corruptos eram feitas por uma corda de lençol, chamada de "Tereza", com a qual era escalado o muro e os fugitivos transpunham a muralha chegando à rua Tancredo Neves, onde eram recebidos por parentes ou cúmplices, que os esperavam de carro para a fuga. Às vezes, não dava certo, o entrevistado E2, ao ser questionado quanto a um dos horrores presenciados e inesquecíveis, conta

> a lembrança mais forte que eu tenho é do...do, uma fuga que teve lá que saíram 7 a 8 preso duma vez, e se esconderam dentro duma lagoa, e esses 7 morreu tudo afogado(risos). A lembrança mais forte que eu tenho dessa...é de lá é só essa, que esses 7 morreram tudo afogado dentro da lagoa. Porque eles, eles, teve a fuga e eles correram e se esconderam dentro da lagoa e a polícia "arrudiou" a lagoa, e num saiu ninguém, morreram tudo afogado lá. A lembrança que eu tenho só é essa, a lembrança mais forte que eu tenho só é essa.

Logo após, o policial que facilitara a fuga dava o sinal, criando um álibi para a próxima contagem de presos, em seguida era chamada a Tropa de Choque da Polícia Militar. Nessas ocasiões, "uns aprontavam e todos pagavam", com extremo espancamento em um "corredor polonês", que correspondia a duas fileiras de policiais, de frente uns para os outros, armados com longos cassetetes por onde os presos passavam; havia ainda o "grêmio" – local onde "os que mais aprontavam" eram espancados severamente, saindo invariavelmente com dentes e membros quebrados, e os que eram levados para "pegar caboge" - sucessivos afogamentos.

O estranhamento entre bairro e penitenciária perdurou até a década de 90, quando, novamente, os moradores organizados começaram o Movimento de Luta pela Desativação da CDA, o que encontrou resistência em outra parcela de moradores – comerciantes que tinham na penitenciária a sua fonte de renda e sustento. Essa disputa prolongou mais ainda a desativação da cadeia, que só aconteceu a partir da articulação da AMABA com o pároco da Igreja São Judas Tadeu, Frei José Raimundo, que aderiu ao movimento, fortalecendo-o. Entre 2003 e 2004, foram realizadas passeatas e a imprensa começou a divulgar o descaso e os maus-tratos que os presos sofriam.

Em fevereiro de 2007, após 81 anos de funcionamento, o governo do Estado desativou a CDA, transferindo os presos para o Complexo Penitenciário Manoel Carvalho Neto, no povoado Timbó, hoje área rural do município de São Cristóvão, a 50 quilômetros da cidade de Aracaju. Quando foi desativada, a penitenciária, inicialmente construída com capacidade para 360 presos, abrigava 2.150[21] homens. No mesmo ano, o prédio teve as alas demolidas, ficando preservada sua fachada, em estilo de um castelo europeu medieval, cujo formato arquitetônico foi inspirado no castelo San Giorgio de

[21]Disponível em: http://www.justica.gov.br/seus-direitos/politica-penal/transparencia-institucional/estatisticas-prisional/relatorios-estatisticos-analiticos. Acessado em 05 set de 2015.

Salermo, na província de Campânia, no sul da Itália, o que fez os moradores o chamarem de "Castelo de Graskull"[22] e foi tombado como patrimônio histórico estadual.

Hoje, funciona como a Escola de Gestão Penitenciária de Sergipe- EGESP, pelo vínculo ao sistema de segurança pública, em nossa análise, isso dificultará a (re) utilização e transformação do espaço em um lugar com novos valores de significação e experiências.

Essas experiências e percepções edificam cotidianamente a memória coletiva em torno desses espaços e a eles agrega valores simbólicos que os vinculam. Nesse caso, a representação simbólica da penitenciária - por todas as experiências nela vividas, contribui para uma memória coletiva manifestadamente por moradores como nefasta. O que suscita a curiosidade desta pesquisadora quanto à utilidade humana e educativa do tombamento dessa (grifo meu) referência espacial. A negatividade dessa memória está explícita no depoimento de alguns jovens entrevistados, que ao serem questionados quanto à simbologia do prédio, mesmo dizendo não sentir nada ao passar por ele; quanto às lembranças, revelam que

> lembrança de coisas ruins que já teve lá, que meu tio também meu tio foi preso também e passou nessa cadeia, lembranças ruins, coisas ruins de lá de dentro [extrato da entrevista de A]
>
> porque não era uma coisa que chegava até a mim, não me atingia em nada. Eu passava, voltava, passava, voltava e nada, só via o povo fumando maconha, cheirando pó. Mas só isso que eu via, mas era uma coisa que não chegava até mim, não me atinge, entendeu? Nada. [...]Pra mim uma coisa tão... que eu morei lá né, um tempo no Castelo Branco, que era bem perto, ali, que fez aquela praça ali, que eu não sei pra que. Mais local para usar droga, mais local. Que fez a praça , mas fica lá. Praça lá [extrato da entrevista de B]
>
> Uma penitenciária em um bairro, sendo um bairro populoso, entendeu. Porque o bairro América, é um bairro populoso, não é um bairro onde mora cem famílias, mora um monte de famílias, são milhares de famílias. Então ai só difama o bairro por ter um presídio [extrato da entrevista de D]

[22]O Castelo de Grayskull (que significa "crânio cinza") é um local das séries animadas He-Man e She-Ra, onde mora a Feiticeira Zoar. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Grayskull. Acessado em 12 set de 2015.

Essas informações revelam que na relação pessoa - identidade - lugar, há uma construção "tecida nas relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a constituição de uma rede de significados e sentidos tecidos pela história e pela cultura que produz a identidade homem - lugar" (MACEDO, 2010, p. 36). Assim, há que se considerar a positividade ou não dos significados produzidos pela penitenciária. Na área externa, ironicamente, foi construído um espaço de lazer comunitário denominado Praça da Liberdade. Local onde ainda se registra assaltos, assassinatos e consumo e tráfico de droga, apesar das instituições que o cercam ligadas a segurança inviabilizando que a população local frequente e usufrua.

FIGURA 9 - ATUAL PRAÇA DA LIBERDADE

Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9rica_(Aracaju)#/media/File:Penitenci%C3%A1ria,_Aracaju-SE.JPG>. Acessado em: 25 mar de 2015.

É sabido e vivenciado que as décadas de 80 e 90 foram registradas como as mais violentas do BA, as relações intra e extra muro fervilhavam pelo aumento no número de prisioneiros e, os assaltos, arrombamentos e mortes nas ruas do bairro. Essa realidade

exigiu um posicionamento dos órgãos públicos. Assim, em 1996, de forma pioneira, foi instalado o 1º Posto de Atendimento ao Cidadão – PAC de Aracaju, com uma proposta comunitária de policiamento.

2.3.2 POLICÍA CIDADÃ NA COMUNIDADE

Nas últimas três décadas e meia, tem-se assistido no Brasil intensos debates abordando a questão da segurança pública, incentivados em grande parte pelo aumento das taxas de violência e de criminalidade, sobretudo nas regiões metropolitanas e periféricas das grandes capitais; paralelamente, esses debates são acompanhados por críticas à polícia, em função de sua ineficiência para lidar com o problema.

Essa realidade se evidenciou a partir dos anos 80 com o Brasil saindo do regime autoritário e dando os primeiros passos rumo à normalização democrática, mas ainda, sob o reforço da militarização no campo da segurança pública. Os anos seguintes foram marcados pelo crescimento vertiginoso da violência, colocando a segurança pública como prioridade na pauta política.

Em Sergipe não foi diferente, as mudanças político - econômicas que trouxeram transformações na infraestrutura e nas condições de vida, não trouxeram um crescimento hegemônico de oportunidades para a população. O Estado, que na década de 60 convivia com índices relativamente baixos de criminalidade, mudava seus hábitos de uma realidade majoritariamente rural, para uma realidade em que o medo ditava as normas.

Assim, numa iniciativa coletiva da sociedade civil organizada, em conjunto representantes da segurança pública do estado, o pároco da Igreja São Judas Tadeu - Frei Raimundo e as lideranças da comunidade, criaram o Conselho de Segurança de Bairro - CONSEB. Essa iniciativa resultou na instalação do 1º Posto de Atendimento ao Cidadão - PAC. A polícia cidadão, como era chamada a polícia comunitária, tinha por objetivo provocar um impacto de cultura política para uma superação de estereótipos e

preconceitos que impediam a cooperação e o relacionamento construtivo entre agentes públicos e sociedade. Inclusive, desmistificando a falsa expectativa sobre a capacidade da polícia de resolver todos os problemas de violência de forma imediata. Nesse contexto, o bairro América tinha as características ideias para o lançamento pioneiro do projeto.

> A implantação do modelo comunitário de policiamento em Sergipe em 1996 tomou como bairro-piloto justamente um bairro popular de Aracaju conhecido por seus altos índices de violência, o Bairro América. Ele foi por muito tempo chamado de "Bairro de Cão" por causa da grande violência que afetava a comunidade. Entretanto, dois anos após a implantação da "Polícia Cidadã" chegou a comemorar, em 30 de julho de 1998, "*500 dias sem homicídio*". Essa comemoração tornou-se, aliás, o maior *slogan* para justificar o sucesso da implantação do policiamento comunitário no bairro e a importância da sua permanência. (PASSOS, 2011, p.19)

Com isso, iniciou-se um processo de alteração, com a tentativa de resgate da autoestima dos moradores, pela desconstrução do estigma de bairro violento, acompanhadas de uma mudança radical no padrão de conduta policial que antes era de conter "violência com violência", foi substituído por um trabalho de inteligência da polícia, que através de rodas de diálogo esclarecia quanto aos poderes, tarefas, recursos e limites da instituição policial. Essa estratégia aproximou os moradores dos policiais, e contribuiu para formação de redes de lideranças.

Pelo PAC estar instalado na área contígua à igreja, o Frei Raimundo –1º presidente do CONSEB, funcionava como o fiscalizador do posto, que tinha 4 (quatro) viaturas, 2 (dois) automóveis particulares, 2 (duas) motos, computador, rádio telefone e dormitório. Em 1999, instalou-se também, na área da Igreja São Judas Tadeu, a 11ª Delegacia Metropolitana, e foi a primeira vez em que Polícia Civil e a Militar atuaram juntas no planejamento do policiamento comunitário de um bairro. O trabalho integrado fortaleceu a sensação de segurança dos moradores.

Durante o tempo em que funcionou houve uma redução no número de ocorrências no bairro, o que não quer dizer que a violência tenha sido reduzida. E o policiamento

comunitário, gradativamente, foi se distanciando da comunidade, voltando aos comportamentos tradicionais de caráter exclusivamente punitivo.

> A verticalização das ações policiais nesses bairros ocorre não somente no sentido de as estratégias de policiamento serem elaboradas desarticuladas da comunidade, mas ainda na perspectiva de que não há ações integradas com outros agentes públicos (polícia civil, escolas, Centros de Assistência Social, postos de saúde etc.). Isso demonstra a permanência do afastamento entre o trabalho policial e os outros tipos de políticas sociais - reflexo de uma ideia tradicional de segurança como "assunto (exclusivo) de polícia" - e da ideia de que a ação policial destina-se somente a problemas de natureza criminal (PASSOS, 2011, p.156).

Em 2003, a delegacia foi desativada e gradativamente começou o desmonte da Polícia Comunitária. A "filosofia" do policiamento comunitário, como política pública para a segurança, retirou-se aos poucos, à medida que as ações policiais passaram a ser repressivas e as antigas desconfianças alusivas à polícia voltaram. Hoje, no mesmo local, funciona um posto de atendimento da Polícia Militar que encaminha ao Centro Integrado de Operações em Segurança Pública – CIOSP, as ocorrências registradas.

Esse quadro de encontros e desencontros com a segurança pública no BA tem contribuído com os rumos juvenis, e é um reflexo do que tem afetado as *juventudes* de todo o país. É o que aponta o Mapa da Violência 2014: Os jovens do Brasil[23], que registra o índice de 78,9% na taxa de homicídio (por 100 mil) na população jovem de Sergipe; colocando-o em 7º lugar no *ranking* nacional de estados segundo taxas homicídio juvenil.

[23]www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf. Acessado em: 10 ago de 2015

3 ESTIGMAS NA EDUCAÇÃO

O termo *στίγμα* foi criado pelos gregos para evidenciar “marca, punção, picada” e foi passado para o latim “stigma”, como alguma coisa de extraordinária ou mau sobre o *status* moral da pessoa que o possuísse; sinal, marca ou cicatriz deixada por ferida; mancha infamante e imoral na reputação de alguém; sinal outrora aplicado com ferro em brasa nos ombros ou braços de humanos tratados como criminosos ou escravos; aquilo que é considerado indigno, desonroso; falta de lustre, brilho ou polimento moral; demérito, descrédito, mácula, nódoa. Era uma advertência, um sinal para se evitar contatos sociais, no contexto particular e, principalmente, nas relações institucionais de caráter público, comprometendo relações comerciais. Sinais facilmente identificáveis para serem evitados.

Na atualidade, essa forma de identificação corporal foi sendo substituída e, na maioria das vezes, o termo é usado para a identificação da desgraça em si, e não mais de sua evidência. A própria palavra desgraça sofreu uma alteração de ordem conceitual, não se limitando mais somente ao infortúnio, à desdita, miséria ou penúria. É associada, também, a comportamentos sociais fora dos padrões convencionais.

3.1 UMA PERSPECTIVA TEÓRICA

É na perspectiva fora dos estudos convencionais sobre a temática que Howard Becker em seu livro *Outsiders* (2008) aborda a questão relacionando-a com o *desvio* e a *rotulação*. Para ele, esses conceitos foram erroneamente analisados pelas pesquisas científicas, quando elas aceitaram que; "há algo inerentemente desviante (qualitativamente distinto) em atos que infringem (ou parecem infringir) regras sociais" e que "o ato desviante ocorre porque alguma característica da pessoa que o comete torna

necessário ou inevitável que ela o cometa". Para ele, esses pressupostos esquivam-se da "possibilidade de que a pessoa que faz o julgamento e à situação em que ele é feito possam todos estar intimamente envolvidos no fenômeno" (BECKER, 2008, p. 17). Essas ideias trazem para essa discussão a atuação do professor em sala de aula, que ao tratar com o aluno indisciplinado - filho de detento correlaciona o comportamento do aluno a condição do pai encarcerado, sem julgar seu papel reprodutivo nessa relação. Ao que o autor nos adverte, ignorar o caráter variável do processo de julgamento, pode omitir os tipos de teorias que podem ser desenvolvidas e o tipo de compreensão que se pode alcançar.

Sem entrar nas discussões ético - morais propostas por Becker (2008), para Goffman (1982, p. 11), a gênese do estigma está em um “tipo especial de relação entre atributo e estereótipo”. Assim, quando se encontra alguém estranho às categorias previamente definidas como comuns e naturais pela sociedade e seus espaços sociais, transformam-se essas pré-concepções em “expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso”. Esse entendimento se interliga com o estudo de Elias (2000) sobre a complexidade do processo de estigmatização.

> Não é fácil entender a mecânica da estigmatização sem um exame mais rigoroso do papel desempenhado pela imagem que cada pessoa faz da posição de seu grupo entre outros e, por conseguinte, de seu próprio status como membro desse grupo. (ELIAS, 2000, p. 25-26)

Antes disso, os primeiros estudos realizados na década de 1950, relacionaram o estigma aos portadores de doenças mentais, que - pelo desconhecimento, as pessoas manifestavam reações negativas -, eram considerados relativamente perigosos, sujos, imprevisíveis e sem valor. Essa percepção provocava sentimentos de medo, desconfiança e aversão. O fechamento dos hospitais psiquiátricos e a abertura de serviços comunitários e residências terapêuticas não diminuíram esse processo, visto que a população ficou mais exposta ao contato com os doentes mentais graves, e, desinformada sobre a real situação deles, acabou por contribuir para a permanência e o crescimento do sentimento de aversão, que se constrói a partir da percepção de que a

pessoa não está inserida nas categorias sociais previamente escolhidas pela sociedade.

Para Goffman,

> as rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com 'outras pessoas' previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua 'identidade social' – para usar um termo melhor do que '*status social*', já que nele se incluem atributos como 'honestidade', da mesma forma que atributos estruturais, como 'ocupação'. (GOFFMAN, 1982, p. 12)

Essas expectativas prévias e seus significados, caracteristicamente, nos são ignorados até que se apresente uma questão afetiva. A partir daí, o primeiro questionamento que se instala é: essas expectativas são preenchidas? Segundo Goffman (1982), é nesse momento que se percebe que se havia feito algumas afirmativas sobre o indivíduo com o qual se estabeleceu contato – essas afirmativas se constituirão como uma *identidade social virtual*, em confronto com a *identidade social real* que a pessoa, na realidade, prova possuir. No caso do surgimento de evidências de atributos que o tornem diferente dos outros classificados "inclusivos", "deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída" (GOFFMAN,1982, p. 12). Para Becker (2008) esse ato de rotular, tal como é praticado por empreendedores morais, apesar de importante, não pode ser aceito como a única explicação para o que os possíveis desviantes fazem. E a contribuição dessa abordagem,

> foi centrar a atenção no modo como a rotulação põe o ator em circunstâncias que tornam mais difícil para ele levar adiante as rotinas normais da vida cotidiana, incitando-o a ações "anormais" (como quando um registro de passagem pela prisão torna mais difícil ganhar a vida numa ocupação convencional, predispondo assim o sujeito a ingressar numa atividade ilegal). (BECKER, 2008, p.181)

Ou, como quando há o baixo rendimento do filho na escola, como relata a mãe

> É porque a professora me chamou e conversou comigo tudo que tava acontecendo, ele tava muito parado, sabe, disse que ele é muito quieto, ela perguntou se tinha algum problema pra ele estar assim, aí eu disse que tinha que era o pai dele. [Extrato da entrevista de CP1, realizada em março de 2002]

Várias são as formas de apresentação e ressonâncias nos estigmatizados, considerando-se que as pessoas ligadas, direta ou indiretamente ao apenado, também partilham desse descrédito. Para Elias (2000, p.188) "é fácil observar, na vida cotidiana, que a imagem que as crianças fazem de si é afetada não apenas pela experiência dos pais, mas também pela experiência do que os outros dizem e pensam sobre seus pais".

Situação vivenciada por mulheres de detentos, que falam das reações ao conhecimento dessa condição,

> se a gente chegar num canto e disser que é mulher de detento, nós não somos bem-tratadas, nós não somos bem-recebidas, por exemplo, se nós formos numa justiça e for falar que nós somos mulher de um detento, a justiça não vai tratar a gente como uma mulher de um…empresário, de um…o tratamento deles com a gente é diferente, num é igual, nós já se sente "recém" por dentro, de chegar naquele canto e falar e dizer que somos mulher de detento, não por vergonha da gente, é por eles, de não receber a gente bem [sic]. [Extrato de entrevista de CP3].

Para Becker (2008) o grau em que a rotulação tem esse efeito, é uma questão empírica, a ser resolvida por pesquisas específicas e não por decretos teóricos. Isso porque,

> a teoria quando concentra a atenção nas ações inegáveis daqueles oficialmente encarregados de definir desvio, não faz uma caracterização empírica dos resultados de instituições sociais

> particulares. Sugerir que definir alguém como desviante pode, em certas circunstâncias, dispô-lo a uma linha particular de ação não é o mesmo que dizer que hospitais psiquiátricos sempre tornam as pessoas loucas, ou que prisões sempre transformam pessoas em criminosos contumazes (BECKER, 2008, p. 181)

É importante destacar, que os jovens, primordialmente, vivem esses conflitos de aceitação ou não nas suas relações sociais. Ao ser questionado quanto a mudanças na vida após a prisão do primo, o jovem D falou,

> eu sempre fico no receio. Eu até já disse a minha mãe. Eu tenho até medo, porque eu tenho um amigo, eu chamo amigo irmão, porque sei lá, a gente é muito unido, entendeu. Ai eu digo, mãe eu tenho, às vezes eu tenho até medo que a mãe do meu amigo, ou as pessoas acharem que eu sou da vida errada, porque eu tenho um primo que é errado. Mas minha mãe disse, não se preocupe não, todo mundo sabe do coração e Deus sabe também o que tem no seu coração. Sabe quem tu és realmente. [extrato de entrevista de D]

Novamente aqui, os dilemas morais de Becker (2008) se apresentam como um obstáculo a ser superado pelo jovem familiar do detento nas suas interações. Essa preocupação de os outros não associarem o familiar com a 'vida errada' do detento, percebe-se angustiante na juventude, por essa ser uma fase de intensa movimentação social e necessidade de aceitação.

O que vai marcar essa (im) possibilidade de aceitação é o estereótipo criado. Quanto a isso, é preciso destacar que o que está em questão é a “linguagem de relações e não de atributos”. Assim, um “atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, logo, ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desenroso” (GOFFMAN, 1982, p. 14). Ou seja, na fila de espera para visitar o parceiro ou familiar preso, a condição de familiar de detento, não será um problema para os demais, visto se encontrarem na mesma situação e manterem as mesmas relações. Já em uma situação externa, isso se constituirá um obstáculo consciente - se já for de conhecimento do outro, ou inconsciente pela auto estigmatização, como já foi descrito pelas mulheres nas suas relações profissionais e pessoais ao negarem a condição de mulher de preso.

Assim, o estigma é também conceituado como um tipo especial de relação entre um atributo da pessoa e um estereótipo negativo, e acaba sendo visto como algo que a define mais do que um rótulo a ela aplicado, provocando o distanciamento social do estigmatizado. No caso do estigma do encarceramento, Bauman (2003) o conceitua como um grupo "invisível", visto que é cercado pelo segredo, frequenta as salas escolares e é formado por crianças e jovens que vivem ou viveram o encarceramento de um dos progenitores. Essa "invisibilidade" está relacionada ao sentimento de vergonha pela posição socialmente construída como negativa. No relato das mulheres de detentos é identificada esta situação quando os filhos menores deixam de participar das atividades escolares por não se sentirem à vontade com os colegas, em função do crime do pai. O que se pode entender como um obstáculo para as interações sociais.

> No Brasil, o 'estigma', associado aos filhos de presidiários, tem origem no século XIX, por meio da penetração de teorias criminais, originárias em grande parte da Europa, das políticas eugenista[24] e higienista. O discurso educacional apropriou-se dessas concepções e, ao longo de décadas, despendeu esforços no sentido de tentar recuperar indivíduos já 'viciados geneticamente' ou influenciados pelo meio familiar e social. Esse foi o grupo estudado para compreender como operam com o estigma que os cerca e que se concretiza na maneira como suas imagens são fixadas e amalgamadas às figuras criminosas de seus pais. Como resultado, vêm-se vidas marcadas pela ambivalência: emergem as figuras dos 'indefiníveis', dos 'estranhos'(SCHILLING e MIYASHIRO, 2008, p. 243)[25].

Esses sentimentos estão ligados ao que Goffman (1982) nos explica como uma das definições do termo "[...] um atributo profundamente depreciativo" (1982, p. 7), pois ele inabilita o indivíduo para a aceitação social plena. Além disso, possui uma dupla perspectiva: é a condição do desacreditado e a condição daquele que lhe é próximo e que, por essa razão, é contaminado, pois,

[24] Controle social que pode melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações, física ou mentalmente.
[25] Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v34n2/03.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2015.

> o indivíduo que se relaciona com um indivíduo estigmatizado através da estrutura social – uma relação que leva a sociedade mais ampla a considerar ambos como uma só pessoa. Assim, a mulher fiel do paciente mental, a filha do ex-presidiário, o pai do aleijado, o amigo do cego, a família do carrasco, todos estão obrigados a compartilhar um pouco o descrédito do estigmatizado com o qual eles se relacionam. (GOFFMAN, 1982, p. 39)

A aproximação do vínculo familiar tende a intensificar o sentimento de estranhamento, visto também perceber-se, principalmente nos jovens, o incômodo pela condição de familiar de detento. Sobre os sentimentos que nutria com relação à prisão do irmão, o entrevistado C, respondeu que

> Mexia. Porque ele era o mais velho, sabe. Ai meu pai tá morto. Ai não tinha uma, assim uma imagem paterna para mim, assim me ajudar, sei lá, sei lá. Ele era a única pessoa assim, de homem mais velho que morava na minha casa. Ai ficou meio assim sabe. [Extrato da entrevista de C]

Nesta mesma trajetória, o processo de exclusão social, principalmente das mulheres de detentos, legitima um preconceito social, que reside nas angústias e inseguranças a que essas pessoas estão expostas, em função do anonimato social em que vivem; da falta de parâmetros sociais e de oportunidades de trabalho para a sua sobrevivência. Esse estigma a que estão submetidas só revela a sua situação de vulnerabilidade social. Pois,

> o que pode ser dito sobre a identidade social de um indivíduo em sua rotina diária e por todas as pessoas que ele encontra nela será de grande importância para ele. As consequências de uma apresentação compulsória em público serão pequenas em contatos particulares, mas em cada contato haverá algumas consequências que, tomadas em conjunto, podem ser imensas. Além disso, a informação quotidiana disponível sobre ele é a base da qual ele deve partir ao decidir qual o plano de ação a empreender quanto ao estigma que possui (GOFFMAN, 1982, p. 58).

Uma das estratégias adotadas para se sentirem aceitas socialmente é a omissão da condição de familiar de detento, em seus relacionamentos, tanto afetivos como profissionais. Esse comportamento confirma o que o autor explica como uma das noções de "perceptibilidade" do estigma, que deve ser separada da sua noção de "possibilidade de ser conhecido", pois "[…] quando um estigma é imediatamente perceptível, permanece a questão de se saber até que ponto ele interfere com o fluxo de interação" (1982, p. 59). No caso do conhecimento tácito dessa condição, isso invariavelmente impossibilita o fluxo da relação, tanto que, segundo as entrevistadas, as reações ao conhecimento dessa condição, são de rejeição, pois

> em certas ocasiões sim, geralmente em família, não são todas, mas algumas, qualquer coisa já passa isso na cara, amizades quando sai, amizade, não, que hoje eu não tenho amigos, mas pessoas assim que a gente tenta, quando sabe, aí se sente meio diferente, mas eu… já me acostumei, é tanto que certos lugares assim eu não digo, ninguém sabe, em casa, no trabalho mesmo, ninguém sabe lá, aí pronto [sic]. [Extrato da entrevista de CP3]

> quando a gente sai pra algum lugar, assim que a gente não pode falar que é mulher de detento, porque é discriminado, discriminado assim, porque o que a gente vê uma rejeição das pessoas, falar que é mulher de detento, então é isso, daí que eu vejo assim sabe, difícil, repare que eu sou uma pessoa assim que eu não falo pra todas as pessoas que meu marido é...(ela não completa a frase). [Extrato da entrevista de CP1]

Os jovens também alimentam o sentimento de autopreservação através da omissão; o jovem C, ao ser questionado se no seu trabalho sabiam dessa questão, explicou:

> Não, não. Porque ainda, assim... no ambiente de trabalho, ele pode o que, sei lá, não sei nem explicar sabe, tem isso ai. Ou seja, é assim né... A pessoa vai e fala e vishi, vou ficar perto desse menino não, um exemplo. Vou ficar perto desse menino não, porque ele teve parente preso, vai que ele é também da vida, entendeu. Eu penso assim, e é o que as pessoas pensam, porque são família errado, quer dizer que os demais são, mas na verdade não são. Ai dar opinião, fala, julga sem saber da realidade dali, sabe. Mas não.

Essas interações são discutidas por Becker (2008, p.21) partindo de uma crítica à concepção sociológica que "define o desvio como a infração de alguma regra geralmente aceita". E explica que "o desvio é criado pela sociedade", quando

> grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como *outsiders*. Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sansões a um "infrator". O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal (BECKER, 2008, p. 22).

Os extratos das entrevistas acima revelam o quanto o estigma se encontra impregnado nas relações sociais dessas pessoas e como o reconhecimento deste afeta a vida e as suas estratégias de convivência social. Essa condição de auto exclusão social, apesar de às vezes não ser perceptível, habita a imagem que o familiar tem de si, alterando as suas relações com os outros e consigo mesmo. Visto que o "estigma" é motivo de preconceito, caso seja de conhecimento público, porque, ao faltar "[...] o feedback saudável do intercâmbio social quotidiano com os outros, a pessoa que se auto-isola possivelmente torna-se desconfiada, deprimida, hostil ansiosa e confusa" (GOFFMAN, 1982, p. 22).

Essa dificuldade de interação social do estigmatizado pode se revelar em prejuízos sociais, afetivos, pessoais e escolares. Com relação à aprendizagem, Elias (2000) informa que:

> Relatórios recentes de psicólogos japoneses demonstram que há uma diferença sistemática entre os escores obtidos nos testes de QI e de realização por crianças que frequentam as mesmas escolas mas provém do grupo majoritário ou do grupo dos párias. Isso faz parte das provas cada vez maiores de que crescer como membro de um grupo *outsider* pode resultar em déficits intelectuais e afetivos específicos. [...] (ELIAS, 2000, p. 31)

Para tentar elucidar essas questões Becker (2008, p. 206) na conclusão de seu livro, reconsiderando a sua "teoria da rotulação", conclama os pesquisadores a incluir "um conjunto mais amplo de pessoas e eventos em seus estudos dos fenômenos desviantes, sensibilizando-os para a importância de um conjunto mais amplo de fatos". Isso para, se permitir um estudo com todos os participantes desses dramas morais, tanto acusadores como acusados, não oferecendo uma isenção convencional de indagações profissionais a ninguém, por mais respeitáveis ou altamente situados que sejam.

Nesse contexto se inserem os estigmas do encarceramento simbólico dos jovens que tem um ente detento.

3.1 JUVENTUDES DO ENTORNO

> [...] Sim, senhor Gray, os deuses lhe foram propícios. Mas os deuses, o que dão também prontamente o tiram. O senhor dispõe só de alguns anos para viver deveras, perfeitamente, plenamente. Quando a mocidade passar, a sua beleza irá com ela; então o senhor descobrirá que já não o aguardam triunfos, ou que só lhe restam às vitórias medíocres que a recordação do passado tornará mais amargas que destroçadas. [...] Nós é que não temos outra mocidade. A pulsação vibrante dos vinte anos esmorece. Perdemos o vigor físico, a acuidade dos sentidos. Degeneramos em fantoches hediondos, perseguidos pela recordação das paixões que tanto receávamos, das deliciosas tentações a que não nos animamos a ceder. Mocidade! Mocidade! Nada há no mundo, senão a mocidade!
>
> *O retrato de Dorian Gray,* Oscar Wilde (2001, p. 39)

O mito da eterna juventude traduz com precisão o mais antigo desejo da humanidade – talvez até mais do que a imortalidade. Isto porque, é no período da "mocidade" que a *priori* reunimos as características ideais da perfeição humana. Esse "período de transição, que constitui a etapa juvenil, é marcado por *trajetórias* relativamente longas, intermitentes e, muitas vezes, não lineares de formação, inclusão social e desenvolvimento da autonomia"[26].

Apesar da plenitude histórica e cultural, a juventude sempre foi considerada como um período de preparação para a vida adulta, um período que ainda vai vir, estando no futuro o sentido das ações do jovem no presente. Talvez, pela diversa interpretação do sentido de 'vir a ser', é que as políticas públicas específicas para jovens tenham se retardado. Nessa perspectiva, há que se considerar também, a mudança do conceito de família, que alterou a relação com a comunicação, o consumo, a violência, o trabalho e a renda. "Tais fatores apontam para uma subjetividade juvenil diferente das gerações anteriores e para um cotidiano marcado pelo transitório e pela principalidade da definição de percursos, experiências e ocupação espaço-temporal do lazer, nas relações de trabalho" (LEIRO, 2004, p. 66).

[26] Agenda Juventude Brasil, 2013.

Para que se entenda essa *temporalidade juvenil* recorremos às ideias de Pais (2011), que explica que essa temporalidade é marcada por trajetórias e transições. Assim,

> a trajectória é o itinerário completo que o jovem traça desde que começa a sê-lo, a partir do momento em que abandona a sua infância, até que o deixa de ser, quando entra na idade adulta. Esta trajectória desenha um todo unitário cuja história natural começa com o nascimento do jovem, após o parto da sua adolescência, e culmina com a sua morte, da qual renasce como adulto. E por, transições, cabe entender cada um dos episódios consecutivos em que se decompõe essa trajectória, sucedendo-se como fases transitórias ao longo do ciclo de vida juvenil: escolaridade, procura de emprego, início da carreira profissional, namoro e casamento, constituição de família, conquista da posição adulta...(PAIS, 2011, p. 39)

Essas definições auxiliam a compreensão do curso de vida dos jovens e, de certa forma, explicam porque somente nas últimas décadas, é que os jovens tornaram-se alvo de estudos, pesquisas e políticas públicas exclusivas, como é o caso da criação, em 2005, da Secretaria Nacional de Juventude – SNJ e da Proposta de Emenda Constitucional nº 48 em 2008. Iniciativas legais, que resultaram em medidas como a instituição do Estatuto da Juventude, aprovado em 2013, e a criação do Conselho Nacional de Juventude – CNJ e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJOVEM. Todas essas ações, com o fim específico de articular estratégias para a redução das desigualdades políticas, econômicas e sociais que afetam a vida dos jovens brasileiros. Com efeito, o conceito de juventude, também mudou, saiu do restrito aspecto etário para uma compreensão de experiências vividas. Nessa percepção, ao abordar a complexidade dos problemas juvenis, Dayrell (2007) explica que

> [...] se compreendemos que vivemos em meio a diferentes formas de ser jovem e temos diante de nós juventudes, no plural, não podemos pensar que somente a implementação de uma política social de caráter universal, voltada para a juventude, contemplará por si só as especificidades desses sujeitos. (DAYRELL, 2007, p. 21)

Apesar do Estatuto da Juventude preconizar, em seu § 1º, que são consideradas jovens as pessoas com idade entre quinze e vinte e nove anos, as experiências no curso da vida é que estão definindo essa fase, que está mais associada à condição juvenil do que propriamente a faixa etária. Cerca de 1/4 da população brasileira está entre 15 e 29 anos, ou seja, 51,3[27] milhões de pessoas estão classificadas entre *jovem-adolescente, jovem-jovem e jovem-adulto*. Pela Agenda Juventude Brasil (2013); desses todos considerados jovens, os primeiros, que estão na faixa de 15 a 17 anos, em sua grande maioria, ainda estão na escola e ainda são dependentes dos pais; os *jovem-jovem*, na faixa de 18 a 24 anos, grande parte está no mundo do trabalho ou conciliando estudo e trabalho; e, os *jovem-adulto*, aqueles da faixa de 25 a 29 anos estão, em sua maioria, assumindo as responsabilidades pelo próprio sustento e da prole.

Pelos dados do Observatório Participativo da Juventude (2013), 33% do total de jovens pararam de estudar revelando uma distorção idade-série. Na faixa etária dos 15 aos 17 anos, quando, em princípio, o jovem deveria encerrar o ensino médio, somente 12% deles alcança essa meta; 46% só vão concluir essa etapa na faixa etária de 25 a 29 anos, exatamente por terem interrompido esse momento lá anteriormente.

Esses dados explicam, gradativamente, o fato de o bairro América ter 9 (nove) escolas públicas e, dessas, somente 1 (uma) ofertar o Ensino Médio regular no turno matutino e noturno. Por falta de matrículas suficientes para o funcionamento vespertino - o Colégio Estadual Prof. Arício Fortes, onde se realizou a pesquisa, e outras 2 (duas) ofertarem Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo o restante das escolas de Ensino Fundamental – que é completado por 38% da população jovem brasileira.

A distorção idade-série é registrada em 33% do total de jovens, que afirma ter parado de estudar. Isso nos leva a outra complexidade das *juventudes*: as dificuldades de inserção no mercado de trabalho. O fato de 46% dos jovens concluírem o Ensino Médio na faixa etária de 25 a 29 anos pode ser um indicador dessas dificuldades, no que diz respeito à qualificação.

Em Sergipe, foi realizada pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - UNESCO e coordenada pelo professor Bernard Charlot em 2006, pesquisa similar à do Observatório. Na época, 58% dos jovens sergipanos tinham só o

[27] IBGE – Censo Demográfico, 2010.

Ensino Fundamental, 30% o Ensino Médio e 6% eram analfabetos, confirmando a pesquisa nacional, que indicava a presença de 70% dos jovens, na faixa etária de 15 a 19, no Ensino Fundamental, já revelando os números da distorção idade/série. O abandono dos estudos foi justificado pelos jovens por três motivos principais: oportunidade de trabalho, dificuldade financeira e 10,6% por gravidez, entre as moças.

O censo do IBGE de 2010 registrou 592.311 jovens sergipanos, na faixa etária de 15 a 29 anos, desses 2.529, ou 0,42% em situação prisional. O último censo educacional nas prisões sergipanas não indicou, nos últimos 5 anos, alteração na escolaridade dos detentos nessa faixa etária. Com relação à inserção no mercado de trabalho, há uma "imprecisão das noções de situação econômica e trabalho" (CHARLOT, 2006, p. 232), pois, quando questionados sobre a principal fonte de renda pessoal, 50,6% dos entrevistados declara ter um trabalho regular ou esporádico, e 31% diz não ter renda pessoal. O que revela uma distorção na compreensão de renda e trabalho.

Na direção de conhecer essas temporalidades acerca dos sujeitos dessa pesquisa, pormenorizamos as entrevistas em cinco eixos: relação com o eu e a família; relação com a comunidade; relação com a escola; relação com o estigma e o futuro. Ao eleger o trabalho com o bairro, situamos os jovens em sua comunidade e nos problemas que os atingem, assim como a elaboração crítica das questões que envolvem com a problemática da pesquisa, perscrutamos seus posicionamentos e suas histórias.

Apresentamos a seguir os perfis dos jovens entrevistados intercalados pelas reflexões tomando os eixos norteadores como princípio. No eixo "a relação com o eu e a família" buscamos conhecer o contexto familiar desses sujeitos, por entendermos ser na e da família que nascem e se criam as primeiras representações que criamos em torno dos nossos espaços. Sobre a interação familiar Engels (2002) já afirmava, que a ordem social em que vivem os homens de determinada época ou determinado país está condicionada por duas espécies de produção: pelo grau de desenvolvimento do trabalho, por um lado, e da família, de outro. Nos dias atuais, essa afirmação é endossada por Pais (1999, p. 126) ao explicar que "se o presente reproduz o passado é porque os indivíduos são instâncias dos seus precedentes - dando origem a relação de *descendência*, tomada no sentido econômico, mas também social, da expressão".

* O jovem "A" nos contou que mora com a avó no BA desde que nasceu, tem 28 anos, uma filha de 8, trabalha como forneiro em um supermercado do bairro; não se interessa por política e mora com eles em casa própria; a família é formada por 6 membros. Que parou de estudar no 2º ano do EM (2007) e reprovou na 5ª série, tem dois irmãos que pararam os estudos na 7ª série do EF, uma irmã que está no 3º ano do EM e a tia que não estudou porque ficou cuidando dos avós. Sempre estudou em escolas do bairro e fez teatro na escola aos 15 anos, gostava de matemática. Gosta de esporte. Nunca brigou na escola. Joga futebol com os garotos do bairro. Considera-se tímido. A mãe trabalha e mora a maior parte do tempo no município de São Cristóvão, vindo sempre visitá-los. O jovem explica que parou de estudar por que não conseguia conciliar com o antigo trabalho que era embarcado. Atualmente, nas suas folgas diverte-se assistindo TV e dormindo. No bairro diverte-se com os amigos em "paredão" - onde ligam o som do carro em alto volume e tomam cerveja, e festas em off (escondidas); quando sai com garotas busca locais distantes como a orla e botecos da zona sul. Um dos irmãos do entrevistado está preso desde 2009.Teve um tio preso que ele visitou dos 10 aos 17 anos, esse tio é sua referência paterna, e há 02 anos, outros 02 primos foram presos também e estão cumprindo pena. Sobre o futuro, ainda não parou pra pensar, "vai deixar pra Deus levar até onde ele for".

O jovem A exemplifica o fato de que a maioria dos jovens entrevistados tem como característica, na sua composição familiar, a ausência paterna e a presença feminina como guardiã do lar, o que favoreceu a ampliação do sentido de família em todos os jovens entrevistados; essa ampliação hoje encontra forte respaldo na matrilinearidade. A presença predominante dos avós também nos permite inferir, que a *monoparentalidade feminina* amenizou a falta da referência paterna.

No eixo "relação com a comunidade" buscamos apreender o sentido de pertencimento e estranhamento desses jovens com o espaço onde vivem e que ocupam, exercendo suas cidadanias e sociabilidades, construindo sentidos na interação habitante/identidade/lugar. Isso porque,

> os autores que tratam desse tema afirmam inexoravelmente que a natureza social da identidade, do sentimento de pertença, liga-se aos

> lugares habitados, marcados e remarcados, nomeados e ressignificados pela presença, criados pela história. Ademais, o lugar é um espaço presente construído como uma totalidade, com suas ligações e conexões mutantes. Mas, isso só pode ser entendido se se transcende a ideia do lugar como fato isolado, o que faz, segundo Alexandre Carlos, com que a vida e suas relações ganhem impulso na articulação entre o próximo o distante (MACEDO, 2010, P. 36).

Essas ligações e conexões mutantes ajudam a explicar o sentimento *recíproco* e *vinculante* que interliga os jovens nas suas percepções sobre a presença da penitenciária e os estigmas que o bairro carrega. Em uma "felicidade abençoada e despreocupada" (BAUMAN).

* A jovem "B" mora em casa alugada no bairro Novo Paraíso com o pai e a mãe desde que nasceu, tem 16 anos, não trabalha, não tem filhos, faz o 1º ano do EM no Colégio Estadual Arício Fortes e tem mais duas irmãs que moram com a avó, reprovou na 5ª série. O pai tem o EM completo e a mãe parou os estudos na 6ª série do EF; fala que não gosta de estudar, mas gosta de ler e de filosofia e fez judô num projeto desenvolvido pela EGESP. Conta que numa briga já mandou um colega de escola pro hospital e que enfrentava muito com os professores por não aceitar autoritarismo, até começar a fazer muay thai, o que mudou seus pensamentos violentos. Considera-se extrovertida. Diverte-se no bairro com os amigos e nos finais de semana com amigos, primos e primas 'riquinhos' no Parque das Sementeiras, orla e shopings (quando está com amigos afirma morar no bairro América). A família é de evangélicos. Disse não ter parente preso, apesar de a secretária escolar confirmar que o pai está detento. Sobre o futuro ainda não sabe direito, mas afirma que "não sair da escola" já é uma decisão pensando no futuro.

Esses sentimentos são a base do *entendimento ao estilo comunitário, casual*,

> não precisa ser procurado, e muito menos construído: esse entendimento já "está lá", completo e pronto para ser usado - de tal modo que nos entendemos "sem palavras" e nunca precisamos perguntar, "o que você quer dizer?". O tipo de entendimento em que

> a comunidade se baseia *precede* todos os acordos e desacordos (BAUMAN, 2003, p. 15).

Os jovens foram unânimes ao não reconhecerem na presença da penitenciária um dos motivos do estigma do bairro, e ao serem questionados sobre que pensavam sobre isso, responderam:

> Jovem A - eu não sinto nada, olho pra ele e pra mim mesmo não vejo nada, vejo só...uma lembrança.
>
> Jovem B - Também né. Porque tudo começou por causa disso, né. Parece que foi um negócio de rebelião. Mas, não sei, vem de um longo tempo. Desde que eu nasci que tem esse negócio de bairro América, bairro do amor, bairro da tragédia, bairro do não sei o que...
>
> Jovem C - Nada. Porque meu irmão não ficou lá não. Passo por passar
>
> Jovem D - Não, para mim não, só lembra, lembra o que.. sei lá, só deve ser no bairro, né. Eu acho na minha concepção. É, ter uma...

Aqui, cabe ressaltar que a entrevistada E1 ao ser questionada sobre a relação da violência e do estigma com a presença da penitenciária, respondeu:

> E1 - não, não...porque no fundo no fundo, no início logo socializava, existia uma carpintaria, eles trabalhavam e vendia pra comunidade cama, mesa, brinquedo, existia isso.

Já o entrevistado E5 não morador do bairro, ao ser questionamento, respondeu prontamente:

> E5 - eu acho que é mais em função do que existia da penitenciaria... então tudo que se passava de violência era em função de todo mundo

> vim em função dessa penitenciaria, o que acontecia quando se tinha essa penitenciaria funcionando aqui

Esses extratos confirmam as teorias de Bauman (2003) e nos levam a refletir em como o *entendimento ao estilo comunitário* está relacionado com o mito de Tântalo[28], em que você só pode ser feliz enquanto mantiver a inocência, desfrutando de sua alegria, ignorando a natureza das coisas que o fazem feliz sem tentar refleti-las, isso porque, "a perda da inocência é um caminho sem volta" (BAUMAN, 2003). Logo, ao perceber a natureza das coisas, haveria a exigência de uma tomada de posição, e se perderia para sempre a felicidade primitiva da inocência. Assim, ao não refletir sobre as contradições e as relações entre o estigma, a violência do barro e a penitenciária, os moradores se eximem do desencantamento.

No eixo "relação com a escola" buscamos investigar junto aos jovens do bairro suas convivências e relações com o ensino-aprendizagem, a fim de conhecer seus cotidianos escolares. Isso porque, no Brasil, a centralidade da educação ainda está na escola e, tardiamente, na Constituição de 1988, é que a educação passou a ser considerado um direito do cidadão e um dever do Estado. No entanto, foi somente, em 1996, com a LDB, que se incluiu a obrigatoriedade de democratização da escola, dando a possibilidade de acesso a toda a sociedade. Essa discussão nos obriga a inserir o tema da violência presente nesse espaço.

* O jovem "C" tem 17 anos, não tem filhos; mora em casa própria no BA desde o nascimento; quando questionado com quem, informou morar com a avó, mas a mãe morava junto, mais um irmão, uma irmã e uma prima. Trabalha com a mãe em um ponto de venda de galinha, bode e guiné. Faz o 2º ano do EM no Arício Fortes também, a mãe não estudou, a avó parou na 2ª série do EF, a irmã está na 7ª série e a prima cursa faculdade. Reprovou o 1º e 8º ano do EF. Gosta de esporte, mas não pratica. Diverte-se jogando bola com os amigos do bairro, shopping e praia. Considera-se extrovertido.

[28] Segundo a mitologia grega, Tântalo, filho de Zeus e de Plutó, tinha excelentes relações com os deuses que frequentemente o convidavam a beber e comer em companhia deles nas festas do Olimpo. Sua vida transcorria, pelos padrões normais, sem problemas, alegre e feliz - até que ele cometeu um crime que os deuses não quiseram (não poderiam?) perdoar. [...] Tântalo foi culpado de adquirir e compartilhar um conhecimento a quem nem ele nem os mortais como ele deveriam ter acesso. Ou melhor ainda: Tântalo não se contentou em partilhar a dádiva divina - por presunção e arrogância desejou fazer por si mesmo o que só poderia ser desfrutado como dádiva.

Afirma que não gosta de estudar. O irmão mais velho ficou preso um ano e foi morto assim que saiu da cadeia. Sobre o futuro, quer ou fazer enfermagem ou cuidar/administrar o negócio começado por sua avó.

A partir da LDB (1996), fica preconizado que a gestão da escola deve ser democrática e participativa, com a presença da comunidade e da família, via participação nos conselhos e colegiados, com a utilização do espaço escolar para lazer e associativismo. Na pesquisa sobre Escola e Comunidade identificamos que as atividades desenvolvidas para incentivar essa interação ficou delimitada intra muros em: reuniões mensais com pais, exposições e gincanas. O que nos leva a considerar, que a escola está na comunidade e esta presença está limitada ao aspecto geográfico, e a comunidade não interage com ela. Pelo menos não, em seu sentido *recíproco* e *vinculante*; um dos indicadores dessa desvinculação é a violência que frequenta o espaço escolar. Os entrevistados E1 e E5, ligados a gestão da escola contam que

> teve menino que foi armado pro Souza Porto de revólver, pra matar a namorada e se matar porque ela não queria namorar mais com ele, nesse dia ele não foi pra escola, depois ele entrou, ai a servente me avisou...corre que menino entrou e arrodiou...eu digo, ele não veio pra aula, como foi que ele entrou, eu conheço ele, conheço os pais dele ai fui [extrato de entrevista de E1]

> um aluno entrou e foi atirar em um colega ai, a sorte foi que não pegou em ninguém tá certo? e ele saiu da escola logo, logo, não voltou mais pra escola, aconteceu [extrato da entrevista de E5]

Considerando a natureza do fenômeno, é importante destacar que não somente o ato da violência dentro da escola deve ser exposto, mas também a capacidade da escola enquanto instituição e de seus gestores de suportar e criar situações de conflito, ligadas à cultura da própria escola, sem que essas situações não esmaguem os alunos sob o peso da violência institucional e simbólica.

Os jovens nas suas relações intra muros com os professores, afirmam que:

> Jovem A - nunca briguei na escola, nunca tive estresse com professora
>
> Jovem B - Já. Eu briguei. Tinha briga na escola todo dia por causa de mim. Não era porque eu não estudava, era só por causa de briga. Eu

> brigava todo dia com o professor. Não é não respeitar. Não é que eu não respeite, é por causa que eles eram muito autoritários, e eu não gostava de regra, entendeu.
>
> Jovem C - São boa. São todos amigos. Eu gosto de todos, sabe.
>
> Jovem D - Não. Apesar do povo e de alguns colegas terem, assim, discutir, ficar com brincadeira, gaziar aula e chamava mãe. Ai nunca acontecia isso comigo.

Os discursos nos permitem considerar que o espaço escolar está sendo visto de locais diferentes dos seus sujeitos. A história demonstra que a violência nas escolas não é um fenômeno novo. Contudo, novas formas de violência escolar nascem cotidianamente, fatos estes que têm tornado a violência o objeto de estudo de pesquisadores de diversas áreas, pois ela afeta a sociedade como um todo. Para Moraes (2011)

> Pode-se observar que herdamos na contemporaneidade características da forma moderna de ver o jovem, ou seja, uma fase de vida, ou uma cultura à parte, ainda não compreendida. Porém, ao mesmo tempo, diante das questões colocadas pela união entre a cultura do capital e a contemporaneidade, a cultura juvenil emerge com uma urgência. E para a educação, como no modelo moderno, a juventude constitui ainda um "problema social", pois, ao confrontarmos as questões das culturas juvenis no ambiente escolar, como não conquistamos uma formação adequada para lidar com as diferenças, assumimos, através das estatísticas de evasão escolar, principalmente a partir dos 14 anos, a nossa incapacidade de lidar com a juventude, em detrimento do entendimento de que os jovens são sujeitos de direitos e possuidores de cultura(s) juvenil(s) (MORAES, 2011, p. 66-67).

Há que se considerar também, que a violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da forma como a instituição e seus agentes os tratam - modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos, racistas ou autoritários. Esses dilemas evidenciam um impasse nas relações de poder instituído em uma *cultura escolar*.

O eixo "relação com o estigma" buscou conhecer a forma de convivência desses jovens e suas percepções sobre o parente encarcerado. Fugindo de concepções reprodutivistas, deixemos que os jovens falem de suas relações com o fato.

> Jovem A - rapaz, ruim...e ao mesmo tempo um alívio, porque eu não sou contra quem faz as coisas todas que ele fez, eu não sou contra quem faz suas besteiras, o que eu espero de uma pessoa que seja igual a ele, é que respeite pelo menos a mãe, a mãe, o pai que botou no mundo, num precisa respeitar irmão não, mas respeite a mãe e o pai que botou no mundo, que deu comida, deu roupa, deu um teto, pelo menos isso e ele não respeitava minha mãe, não respeitava meu avô, não respeitava vó, e minha avó fez tudo por ele, meu avô fazia tudo por ele, então a prisão dele pra mim foi um alívio, uma coisa boa
>
> Jovem B - (Negou ter um parente encarado, apesar de a escola ter confirmado a condição de detento do pai).
>
> Jovem C - Normal, as mesmas coisas.
>
> Jovem D - Bom, a gente fica com, assim, com medo, porque a gente sabe que quem entra nessa vida tem inimigos e a qualquer momento os inimigos podem atacar, entendeu? Ai a tal chamada rixa. Rixa com fulano, rixa com cicrano, ai vai e a pessoa fica, ou seja aprisionado em casa. Mas assim, antigamente eu tinha mais medo, agora não. Porque quem fez que pague, a gente não vai pagar pelos erros dos outros. Ou seja, sempre levo isso comigo.

As diversas percepções - da omissão à naturalização, nos leva a concluir que os jovens administram esse sentimento de forma individualizada. E nesta pesquisa, nos preocupa saber se o *estigma* de familiar de detento afeta o aprendizado e sua continuação, bem como seus processos interativos. Sobre essa questão, Becker (2008) nos adverte, que "é útil ter um termo que indique que os outros irão provavelmente definir tais atividades como desviantes sem fazer disso um juízo científico sobre se o ato é de fato desviante. Sugiro que chamemos tais atos de "potencialmente desviantes" (p. 182). E aqui, entendemos que essa potencialidade encontra-se presente, também, nas mais diversas formas que excluem socialmente: negros, pobres, homossexuais, entre outros.

E, como último eixo, a "relação com o futuro", onde buscamos conhecer as perspectivas de vida desses jovens. Tomamos como princípio a ideia de que se concentra nas *juventudes* a responsabilidade de alterar a ordem estabelecida dos

problemas atuais. Assim, falar de futuro é falar de perspectivas de vida, formação, precariedade de emprego entre os jovens e as dificuldades de inserção nesse mercado.

***** O jovem "D" tem 18 anos, sem filhos, mora em casa alugada no BA há seis anos, com a mãe e três irmãos. Trabalha como estagiário na Polícia Rodoviário Federal. Está no 2º ano do EM, reprovou na 5ª série, a mãe parou de estudar na 5ª série do EF, a irmã está na 7ª série do EF os outros dois, gêmeos de 8 anos, estão na 3ª. Trabalha como estagiário na Polícia Rodoviária Federal. O pai deixou a família quando ele era pequeno. Diverte-se com o grupo de jovens da igreja evangélica que frequenta e vai pra casa de amigos, shoping ou praia. E diz que gosta de estudar por ser um direito e não um dever. Gosta da disciplina Português. Fala que política acaba em discussão e que assiste o Jornal Nacional. Teve um primo próximo preso por quatro anos[29]. Sobre o futuro diz já ter feito planos, mas Deus pode mudar isso sempre. Apesar de se ver formado, com sua casa e sua família.

A Agenda Brasil (2013, p. 30) traz em sua apresentação de como vivem os jovens brasileiros, a informação de que "há desejo tanto de formação universitária quanto de formação profissional, que ainda não são experiências generalizadas para essa geração, indicando nesse sentido, campos importantes para avançar na garantia dos direitos". Quanto a essa perspectiva, os sujeitos dessa pesquisa dizem que:

> Jovem A (28 anos) - eu pretendo, eu tô com o pensamento agora de tentar voltar às escolas, tem que ter paciência né.
>
> Jovem B (16 anos) - Hoje em dia eu não ter saído da escola ainda, porque hoje em dia o que eu vejo de jovem que optou por sair da escola por algum motivo, porque casou, porque engravidou, ou porque foi trabalhar, ou porque isso, e eu não ter saído ainda, porque eu quero estudar, já é alguma coisa, para mim é alguma coisa. Porque hoje em dia o mundo está muito competitivo, se você não tiver estudo, você não tem nada. Então querendo ou não, eu não ter saído ainda da escola, eu não ter entrado nas droga. Eu acho assim, porque quem não estudar não...Pra mim o meu futuro é meu estudo. Porque querendo ou não o que eu tenho hoje de garantia é estudar, se eu estudar eu não tenho..., O que é que eu vou ter? um empreguinho qualquer, trabalhar tanto e não ganhar nada, porque você trabalha muito e não ganha nada. Então querendo ou não isso é o que eu estou planejando... Porque eu estou fazendo hoje para colher amanhã.

[29] Entrevistas concedidas [ago. 2015]. Entrevistador: Jonaza Glória dos Santos. Aracaju, 2015. 3 arquivos em mp3 (69m07s). As transcrições na íntegra compõem o arquivo documental dessa dissertação.

> Jovem C (17 anos) - Olha, estudando, fazendo faculdade. [...]Enfermagem. Isso. Quero ajudar minha vó, a negociar. Quando ela para de negociar, eu quero negociar, assim, administrar as coisas dela, sabe.
>
> Jovem D (18 anos) - Assim né. Eu assim. Antes eu fazia planos, mas na verdade a pessoa tem que fazer planos, mas assim pelo o que eu percebi, eu fazia planos antigamente,então assim, quando eu chegar em tal idade eu quero fazer isso, isso e isso, mas Deus vem, os planos dele que são melhores que os meus e muda toda história. Ai ou seja, eu vejo assim, eu formado, tendo minha casa, minha família eu vejo assim meu futuro.

Essas perspectivas correspondem aos dados que demonstram que "há diferenças significativas de formação, da inserção no mercado de trabalho, da constituição de família e da maternidade/paternidade na juventude" (Agenda Juventude Brasil, 2013, p.26). Essas diferenças sim estão diretamente relacionadas às suas faixas etárias.

> Os jovens de 15 a 17 anos, em sua maioria, estudam, não são casados, não estão no mercado e não tem filhos. Já para os jovens de 25 a 29 anos, a situação se inverte. Para os jovens de 18 a 24 anos, existe o desafio de conciliar estudo, trabalho e família. (Agenda Juventude Brasil, p. 26)

Afora essa diferenciação, no que diz respeito à precariedade do trabalho - fator decisivo para a consolidação do futuro, marca essa trajetória juvenil "a transitoriedade e aleatoriedade, que mais do que por fim ao trabalho, sinaliza para a substituição do emprego formal, cuja estabilidade é assegurada por benefícios assistenciais, por um emprego precário, informal, autocriado. Pais (2005) lembra, que "em consequência, também os conceitos de emprego e desemprego, tal como têm sido entendidos, se manifestam desajustados em relação à realidade vivida por esses jovens" (p. 17). O que nos leva a exigência de uma preocupação urgente sobre a maleabilidade do capital que bloqueou a linearidade tradicional das carreiras profissionais.

3.3 EDUCAÇÃO E FAMÍLIA

A trajetória histórica do conceito da instituição família - considerando-se a sua configuração e a intrinsecabilidade decorrentes dos percursos políticos, econômicos e sociais nas suas perspectivas de gênero e transformações, em seu sentido social; assim como repousa na concepção sobre a existência do casal e sua essência é representada na relação pais-filhos, também está alicerçada na ideia de que, sendo o primeiro núcleo social do indivíduo, é a sua fonte de saberes, de onde sai à noção de êxito ou fracasso. E para Bourdieu (1998) é no âmbito familiar, também, que vão ser transmitidos os valores sócioeducacionais, que seguramente vão definir a importância da escola na formação pessoal e profissional de cada aluno.

Para Charlot (2000, p.22), esse aluno [...] é uma criança cujos pais disseram que o que se aprende na escola é muito importante para a vida ou, ao contrário, que não serve para nada [...]. Os jovens abordados nessa pesquisa, ao serem questionados se gostavam de estudar responderam

> já gostei mais, agora já não tanto[...] agora já não tenho aquela paciência que eu tinha antes [Entrevistado A]
>
> Não, não gosto não. Eu gosto de ler bastante se me der um livro eu leio. Em um dia só eu leio um livro. Mas de estudar especificamente, não [Entrevistado B]
>
> Não muito. Oh, tá tendo aula ai, eu sai [Entrevistado C]
>
> Gosto. É um direito e não um dever. É o direito estudar. Estuda quem quer realmente um futuro melhor, que hoje para você arranjar um emprego, tá difícil, ou seja, até os empregos assim, todos os empregos são dignos. Ai tem aqueles a exemplo de trabalhar na Torre[30], pegando lixo tem que ter segundo grau agora, ou seja, até para pegar lixo tem que ter segundo grau completo. Imagina quem não estuda, né [Entrevistado D]

[30] Empresa que faz a coleta de lixo em Aracaju.

As respostas sugerem uma diferenciação entre estar na escola, estudar a aprender. Processos que se percebem distintos nesse contexto, onde estar na escola não representa estar aprendendo; estudar tem um objetivo específico - ter um futuro/profissão melhor, e aprender fica no imaginativo.

Para enfrentar essas visões *informativas, fragmentárias e utilitaristas* (HOBSBAWN, 1995, p. 13) e na tentativa de resgatar os fundamentos básicos da educação, a UNESCO reuniu, em 1998, sob a coordenação do pesquisador Jacques Delors, pensadores renomados na Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Dessa reunião, saiu o relatório *Educação um tesouro a descobrir*, onde os estudiosos da área enfatizaram o peso dos *quatro pilares da educação* para a construção de um processo educacional com visão *formativa, global e humanista*, focado no desenvolvimento das potencialidades verdadeiramente humanas de todos os envolvidos neste processo. Assim,

> [...] para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: *aprender a conhecer*, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta. (UNESCO, 1998, p. 89-90)

As dificuldades para se alcançar essa previsão são, tanto crescentes, quanto de difícil aplicação. Isso porque, a aquisição dessas competências está relacionada a um conjunto de *interações*, que historicamente, nas classes menos favorecidas, apresentam-se difíceis de acontecer. Os contextos familiares tem se demonstrado, não voluntariamente, um obstáculo educacional, considerando-se que, para Bourdieu (1998, p.42), mais do que os diplomas ou tipo de escolaridade seguida pela criança, "é o nível cultural global do grupo do familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar". Há que se relacionar aqui esse 'êxito escolar' com a aquisição das

competências sonhadas pelo relatório. E, nesse contexto, as famílias apresentam baixa escolaridade e com dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal. Além de que, se considerarmos o crescente dos números do sistema penitenciário brasileiro e no seu entorno os familiares, ter-se-á uma proporção considerável da abrangência das complexidades aqui apresentadas.

A realidade apresentada pelos familiares de detentos, permite considerar limitações para o *aprender a ser*. O jovem "D" explica os motivos que o fizeram repetir o ano na 5ª série do Ensino Fundamental.

> Porque a minha mãe estava grávida e ela não sabia que eram dois. Ai eu tive que parar de estudar, no caso, minha mãe teve no mês de junho. E eu parei de estudar para poder ajudar ela. Entendeu? Ai foi até um ano e meio, até ela se aperfeiçoar as condições que a vida lhe impôs, né, e pronto. Depois eu realmente voltei a estudar sem parar e graças a Deus, hoje estou no segundo ano do ensino médio, mas assim, eu não me arrependo de ter parado de estudar pra poder ajudar minha mãe. [extrato de entrevista de "D"]

O relato demonstra que a nova composição familiar e seus desdobramentos, traz em seu bojo a transferência de responsabilidades, que antes seriam do pai - *ajudar a mãe*, para o filho, que demonstra sentir-se "o" responsável para ocupar o papel. Nesse espaço de aprendizagem, para Bourdieu (1998),

> cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e consequentemente, pelas taxas de êxito. (BOURDIEU, 1998, p. 41-42)

Não podemos desconsiderar que em situações de sobrevivência ficam comprometidas, tanto a representação da escola na educação formal, como o que Burity

chama de realidade: “[…] o resultado de uma construção onde se inserem, mais do que muitos possam imaginar ou admitir, uma infinidade de elementos imaginários, culturais, atitudinais” (2005, p. 25). A transferência de responsabilidades pode ajudar a entender algumas reações contraditórias no comportamento de pais e filhos, que acontecem no espaço escolar, como conta o professor mais antigo do Colégio Estadual Arício Fortes

> a família não consegue controlar esse garotos hoje tá, é que tem garotos que quando chegamos pela manhã aqui, meninos de 13, 14 anos, ai agente manda chama o pai, ele dá esporro na mãe aqui, xinga mãe, xinga pai, ai a mãe chega pra gente e diz, professor entrega ao conselho tutelar, entrega a polícia que não posso mais com esse menino... então a própria família é que não está podendo sustentar esses garotos hoje em dia [Extrato da entrevista de E5]

Esses problemas na relação família e escola colocam em evidência, também, a formação dos professores para lidar com essa complexidade. A entrevistada E1 acredita que, "o professor perdeu muito o compromisso com a educação". E, sem o apoio decisivo da família para lidar com essas singularidade, os profissionais da educação tem recorrido aos mecanismos punitivos nas situações de conflito. Como se percebe no trecho abaixo descrito pelo professor em situações de conflito dentro da escola.

> Eu não vou discutir com você não, eu quero que você cumpra realmente o que agente tem na escola, o regimento da escola, o que agente tá cobrando é o regimento da escola, se você não cumpre o regimento, vai fazer cumprir, fazer o que? cumprir o que a escola da gente tem no regimento, a punição que a escola tem, chama seu pais, assina advertência, depois de entregar a advertência, você pegar uma suspensão, é, na sequência a gente faz o que? comunica a DEA e tira você da escola. [extrato de entrevista de E5]

Dentro do contexto de sentido coletivo está inserida a escola na sua função precípua de formar o cidadão; mas o relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2013) revela que “[...] a despeito dos esforços

empreendidos no sentido de democratizar a educação, historicamente, a escola cumpriu uma função social excludente". Esses impasses tem evidenciado uma realidade extremamente problemática no campo da educação no que se refere ao estímulo para o desenvolvimento das potencialidades verdadeiramente humanas dos jovens, isso se constituindo um processo indissociável entre família, escola e comunidade.

Sabendo-se que essa tarefa está no centro de questões múltiplas, complexas e contraditórias. Esse desafio nos obriga a confrontar o já desgastado impasse entre os motivos que cada segmento tem para participar ou não, contribuir ou não, fazer ou não a sua parte. Sejam os professores, mergulhados nas suas justas crises político-sindicais, por melhores condições de trabalho e salários, e, atualmente, segurança; sejam os pais, nas suas reais impossibilidades, culturais, temporais e financeiras de contribuir e participar das atividades escolares e coletivas; seja o Estado, sempre mergulhado na recessão, sendo incapaz de articular políticas que preparem o profissional da educação. O que nos remete a Bourdieu (1998) ao afirmar, que

> é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sansão às desigualdades iniciais diante da cultura (BOURDIEU, 1998, p. 53)

Todas essas questões estão frente a frente neste início de século com uma ordem social, política e econômica em que persistem desigualdades, principalmente, em termos de classes sociais, de raça e de gênero. Nesse cenário, contraditoriamente, nos deparamos com a revolução científica e tecnológica, a internacionalização do capital e a reestruturação do sistema de produção, contrapondo-se ao desemprego juvenil, e a grande maioria da população distante do direito de se beneficiar dessas mudanças, e de ter acesso a uma educação de qualidade. Isso posto, um novo desafio irrompe: enfrentar esse contexto de exclusão e a partir dele criar formas de lidar.

E para se compreender a subjetividade dos novos problemas da vida moderna e seus novos fenômenos sociais fez-se necessário adentrar outros percursos educacionais. Esse estudo considera o papel da educação escolar na formação humana, mas privilegia os processos da educação informal e não formal por estar inserido em um espaço onde acontecem aprendizagens que as inter-relacionam.

Mais marcadamente, a partir da década de 1980, os estudos se voltaram, efetivamente, para a educação informal e não formal, ou seja, localizada fora das iniciativas institucionais, por se entender que não há uma forma única nem um único modelo de educação. Entendeu-se também que a escola não é o único lugar onde a educação acontece, nem o professor, o seu único agente. A partir daí, os estudos se aprofundaram, conceituando a educação *não formal* como correspondendo a "processos interativos intencionais", construídos informalmente, mas com intencionalidade, tendo como espaço educativo os territórios onde se desenrolam as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, nos espaços de socialização e compartilhamento de experiências coletivas e cotidianas. Já a educação *informal* acontece em espaços marcados por referências de nacionalidade, do local onde se nasceu, idade, sexo, religião, etnia e outras. Carregadas de valores e culturas próprias de pertencimento e sentimentos herdados (GOHN, 2006), ambas estão situadas fora da escola.

Nesses processos educacionais indissociáveis habitam questões que lhes são intrínsecas. Uma delas é a figura de quem educa. Enquanto a abordagem informal tem como agente os pais, a família em geral, os amigos, vizinhos, colegas da escola, igreja, meios de comunicação; a educação não formal tem no 'outro' a referência do educador – com quem interage e se integra.

O *aprender* natural da abordagem informal encontra na família seu primeiro *locus*. É da referência familiar que se constrói o capital cultural do indivíduo e sua noção de êxito ou fracasso, na medida em que "é o nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança" (BOURDIEU, 1998, p.42). O nível escolar e sócio cultural das famílias ora apresentadas, revela um distanciamento dessa perspectiva cultural, logo, esses jovens tendem a ter um *déficit* de informações que possibilitaria uma leitura de mundo com mais perspectivas.

> [...] aqui no bairro não tem diversão, a diversão que nós temos aqui no bairro é só o campo, não tem um barzinho decente pra se frequentar, a gente não tem uma casa de show decente pra se frequentar então a vida é aqui fora, lugar de fora, procura outros lugares para se divertir, pessoas que tão no bairro são as primeiras a esculhambar com o que tem, então o negócio é a gente lutar pra se divertir [extrato da entrevista de A]
>
> [...] na rua. Eu saio e curto né, amigos com os amigos, eu gosto de estar sempre com alguém [extrato da entrevista de B]
>
> [...] jogo bola, vou pro shopping, pra praia [extrato da entrevista de C]
>
> [...] como agora eu só tenho fim de semana, só tenho dois dias da semana, porque eu trabalho cinco dias da semana. Trabalho a semana, estudo a semana toda, só tenho o final de semana, ai ou seja, no domingo a noite vou para a igreja e as vezes fim de semana eu marco com os colegas para ir para a casa deles,ir ao shopping, praia e assim vai [extrato da entrevista de D]

Esse nível cultural global está associado a todos os setores ligados aos resultados escolares, às práticas e aos conhecimentos culturais, tipo: teatro, música, jazz ou cinema. Conhecimentos culturais não citados como referência de lazer pelos entrevistados, ao questionamento de preferência de diversão.

Apesar das políticas públicas de inclusão, baseadas no conceito de Educação para Todos, ao tomarmos o raciocínio dos *sistemas de diferenças*, conforme teorizado por BOURDIEU (1998, p. 48), em que "às diferenças de posições sociais dos pais correspondem a diferenças de posições escolares dos filhos e, mais tarde, diferenças de posições sociais entre esses filhos na idade adulta", entenderemos a distância que se estabeleceu entre aprender e diplomar-se. Diante disso, Charlot (2000) adverte que esta pode ser uma possibilidade, pois o problema pode estar também na relação com o saber e o aprender. Assim, ao não levarmos em consideração as coisas do cotidiano para as questões teóricas fundamentais, perdemos a relação do saber com a condição humana, social e singular, do aprendiz. Apesar de esses jovens declararem a importância da conclusão dos estudos, percebe-se que esta afirmação está ligada somente a perspectiva de inserção no mundo do trabalho.

Os espaços demarcados onde acontece a aprendizagem também se diferenciam. Enquanto a educação informal tem seus espaços educativos referenciados por nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia, a casa onde se mora, a rua, o bairro, o condomínio, o clube que se frequenta, a igreja ou o local de culto a que se vincula sua crença religiosa, o local onde se nasceu; na educação não formal, os "espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora da escola, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais" (GOHN, 2006, p. 3). Ao questionamento de participação em atividades culturais ou esportivas no bairro, os entrevistados afirmam que a insegurança, o medo de assaltos e o comércio de venda de drogas inviabiliza que se fique nos espaços públicos do bairro.

Assim, a intencionalidade que há na educação não formal, do aprendizado em torno da participação da sociedade civil nos conselhos deliberativos e atividades coletivas enfrentam resistência e dificuldades de todas as ordens.

Esse sistema que se elabora através do movimento longo, complexo e inacabável, de autoconstrução, de construção pelo outro, que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações cotidianas de coletivos (GOHN, 2006), denomina-se educação. Charlot (2000) explica que toda educação supõe o "desejo de", como mola propulsora do processo; logo, esse aprender precisa ser desejado, que não se percebe no dia a dia escolar.

Isto porque, a questão do aprender é mais ampla do que a do saber. Inicialmente, por que existem maneiras de aprender que não consistem, necessariamente, em um saber. Dominar uma atividade, por exemplo, ou entrar em formas relacionais com o outro – atividades do conteúdo do pensamento. Nessas atividades mantêm-se outras relações com o mundo. Essas relações vão além da relação de saber. Elas acontecem nas *situações de interacção* (PAIS, 2003a, p. 20), em que nas "contingências e banalidades do quotidiano pode-se chegar a um mundo de significações, através de mediações entre o particular e o global, o individual e o coletivo, o subjetivo e o objectivo". Esta relação, segundo Charlot, obriga o homem a aprender para construir-se, em um triplo processo de 'hominização' (tornar-se homem), de singularização (tornar-se um exemplar único

de homem), de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela) (2000, p. 53).

É nessa relação indissociável que se vai permitir ao homem se tornar humano e desenvolver práticas cidadãs, consigo e com o outro.

3.4 ESTIGMAS NAS ENTRELINHAS

Essas diferenças não se limitam às relações pessoais, até por que elas acontecem em um determinado espaço, que, como um sujeito vivo, passa por esse processo e carrega a sua marca. No caso do América, que se caracteriza por ter nascido a partir da penitenciária, e dessa estar inserida em um sistema que, historicamente,em todas as suas instâncias, não é somente o aparelho repressor do Estado, ele funciona, também, como um campo de concentração para os pobres (WACQUANT), desde o início teve esse estigma associado ao seu espaço. Como explica o morador do bairro, há 41 anos.

> Eu peguei uma das fases bem ruim do bairro América, bem violento, primeiro quando eu cheguei aqui tinha poucas casas; as pessoas não queriam vir morar no bairro América, tinham medo de morar no bairro América, o estigma de violento, e eu vou mais além, o nome do ônibus que circulava no bairro América, não era bairro América, era Circular, isso já em 80, porque as pessoas não queria ser identificada que ia pro bairro América. Se um adolescente ele fosse à procura de emprego e dissesse que morava no bairro América, ele era descartado; se tivesse outro que morasse noutro...ele era descartado. As pessoas aqui tinha medo, que preferia vir a pé do centro a pegar o ônibus com nome bairro América, então, alguns moradores se juntaram e pediram que botasse o nome Circular, pra eles era melhor. (Entrevistado E4).

É preciso lembrar que a construção da penitenciária deu-se nesta área, em função de, naquela época (1926), ser uma área rural, distante do centro e dos bairros urbanos, o

que acabou por se tornar uma prática – afastar a prisão do convívio comunitário. O que voltou a acontecer, na sua desativação, em 2007, quando foi novamente transferida para uma área periférica. Na época de sua instalação, a distância contribuiu para que as demais regiões da cidade considerassem o América incômodo e inconveniente.

Tais sentimentos se alojaram na identidade individual e coletiva dos moradores, de tal forma, que um dos bairros fundados por novos moradores dentro das terras do bairro América denominou-se "Novo Paraíso", em contraste com o que era conhecido como a "Caatinga da Penitenciária". Este novo bairro tinha como linha divisória a Avenida Dr. José da Silva Ribeiro Filho que tem, no seu lado esquerdo (sentido leste - oeste), a penitenciária e no seu lado direito a Igreja dos Capuchinhos, sempre presentes nas alusões à divisão do bairro entre os que moram do lado de lá – a penitenciária – América, e os do lado de cá – Igreja – Novo Paraíso. Como se essa distinção estabelecesse uma diferença entre as pessoas, o que pode ser entendido, a partir do estudo de Elias (2000), em *Os estabelecidos e os outsiders*, quando este autor explica que

> [...] pelo simples fato de morarem em um determinado bairro, os indivíduos eram julgados e tratados – e, até certo ponto, julgavam a si mesmos – de acordo com a imagem que os outros faziam de sua vizinhança. (ELIAS, 2000, p.131)

Imbricado a essa linha tênue de autoestigmatização, o autor explica que o "descrédito coletivo tem em geral alicerces profundos na estrutura de personalidade de seus membros, que, por ser parte de sua identidade individual, não é fácil de descartar" (ELIAS, 2000, p.132). Isso é perceptível nas conversas de grupos de jovens da comunidade, mesmo após a desativação da penitenciária em 2007. E está no imaginário das pessoas; tanto que, teoricamente os moradores dos novos bairros fazem essa distinção, mas na prática a associação parece ser inevitável. A jovem que disse morar no bairro Novo Paraíso, se contradiz e conta

> Porque como eu ando muito. Porque meus primos e minhas primas não moram aqui. São riquinho e tal. E como eu andava muito para o

> lado de lá, quando eu chegava num lugar, que eu tava andando com a galera, ai, você mora na onde?, Eu? No bairro América, conhece?... Vixe maria. Lá perto do Siqueira? Não eu sei... Ai quando eu falava assim... Ai teve uma vez que eu fiz um bolo na minha casa. Ninguém queria vim não. Ninguém queria vim não. O povo ficou receoso de vim. Primeiro perguntaram se na minha casa tem garagem para guardar carro. Porque diziam que ia roubar o carro. Esse dia foi engraçado. Aniversário de treze anos. Ai um amigo meu:- ei na sua casa tem garagem? Isso num grupo. Ai eu: Por que? Por causa de guardar meu carro, porque eu vou de carro e se deixar na porta vão levar até os pneus. Eles tavam tirando sarro. Ai, pois, num sei o que lá. Nunca levei.

A partir de 1996, com os índices de violência em queda, foi solicitado aos órgãos competentes que fosse alterado o nome do bairro nos coletivos que pra lá se destinavam. Novos tipos de comércio se instalaram, novos moradores e a Vigilância Sanitária fechou muitas vilas que não tinham condições de moradia.

A crise de moradia e o baixo poder aquisitivo dos moradores levaram muitos a mudar para novas áreas periféricas de expansão a exemplo do bairro "Terra Dura", hoje "Santa Maria". O bairro vizinho ao América, Siqueira Campos, gradualmente tornou-se uma área comercial, o que melhorou o nível socioeconômico dos moradores do América, melhorias na infraestrutura também contribuíram, assim como a supressão de vilas e guetos. Assim, durante algum tempo, os moradores usaram o estigma em causa própria. O que antes se tinha vergonha de dizer passou a ser denominado de BA, o bairro do amor.

Esse período foi curto e não alterou o conceito do bairro externamente. Os jovens moradores do América ainda convivem de forma concreta, mas apreendida de forma subjetiva com o estigma do bairro, como E3 relata

> já aconteceu assim o pessoal vir fazer entrevista e eu falar o local [...] ficaram muito surpreso quando eu falo que eu sou assim bairro América, o pessoal fica olhando pra mim com outros olhos, assim meio com medo e tal...sério mesmo, as vezes eu falo assim pra uma mina que eu conheço de outro bairro e tal...ce mora na onde? ai eu falo novo paraíso...onde é novo paraíso? ai eu, bairro América...ah bairro América se assusta, fica sem graça, pelo fato de ser do bairro

> América [...] acontece ainda hoje em qualquer lugar que você vai, se disser que mora no bairro América o pessoal fica assim...meio assustado com você, você num pode falar palavrão...que que foi, viu alguma coisa?...fica tudo meio assustado com você

Essas interações revelam uma não distinção entre a estigmatização grupal e o preconceito individual e a relação existente entre ambos. Nesse equívoco, perde-se a possibilidade de discussão do problema que costuma ser tratado em categorias como a de 'preconceito social', quando, na realidade, a questão deve ser discutida relacionando a partir da natureza de sua interdependência. Assim, para se analisar o estigma do bairro América, há que se estudar também os grupos que ali habitam.

Finalizamos as informações colhidas para esta pesquisa, desejando que os espaços educativos formais e não formais, bem como seus sujeitos integrantes pensem sobre como participamos e podemos contribuir para uma sociedade mais justa, inclusiva, menos preconceituosa, principalmente nas questões que envolvem a construção de vida das *juventudes.*

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar às sínteses possíveis ao longo desses dois anos de estudos e pesquisas buscando compreender os percursos educacionais das juventudes que vivem o encarceramento simbólico (auto) infligido pela condição de familiar de detento em espaços - lugares instáveis socialmente, neste caso o Bairro América em Aracaju - Sergipe, marcado pela instalação em 1926, de sua Penitenciária Modelo, instituição que se tornou referência espacial do bairro; percebemos tratar-se de um tema inesgotável, no que pretendemos, tão somente, contribuir nas discussões.

Para fundamentar a pesquisa histórica inicial contada no livro *Bairro América: a saga de uma comunidade* (2009) realizamos uma investigação bibliográfica e documental, seguida de entrevistas com referências comunitárias. Apresentamos o percurso histórico-cultural de aproximação e afastamento da comunidade com o presídio, para entendermos as questões de segurança pública que envolvem o América, ainda hoje.

Ao mesmo tempo, diferenciamos as teorias em torno do conceito de estigma, por percebermos que é importante compreender, nas minúcias cotidianas, o seu processo de edificação simbólica e as teorias que o sustentam e legitimam. Ainda nesta etapa, discutimos sobre os jovens que estão nesse espaço e seus conflitos a partir da condição de familiar de detento. As relações familiares e suas perspectivas de futuro. O que nos levou a concluir, que assim como foi naturalizada a barbárie em grande parte do sistema penitenciário brasileiro, em que pouco parece importar o que se passa dentro dos muros; assim também, esses jovens cá fora, tem encontrado estratégias de convivência, aparentemente pacífica com a sua condição de familiar de detento. Isso se deve, assim como no meu caso - de ter superado a pecha de filha de desquitada pela percepção da alteração do sentido de família; à alteração do sentido de estigma, como *diferente*.

Essa conclusão parte da minha desvinculação da condição de hóspede, anfitriã e professora, para compreender, que relacionar o estigma do encarceramento simbólico dos jovens do BA a um contexto desviante é, no mínimo, reduzir a potencialidade que esses sujeitos tem de dizer não. Bem como, é anistiar a responsabilidade das agências de controle social do Estado - como a escola, que reproduzem práticas excludentes. E os

jovens entrevistados, apesar de falarem da convivência inquietante e incômoda afetivamente pela situação do parente encarcerado, em síntese, disseram "não" a condição de diferente. E isso se deve em parte, a natural condição que a "mocidade" tem, em sua plenitude, de superar e acreditar.

O mesmo não aconteceu com a percepção do estigma coletivo, que se sobrepõem ao Bairro América negativamente, na medida em que, apesar da desativação da penitenciária em 2007, ele segue com altos índices de violência, muito em função do envolvimento de jovens com as drogas e o tráfico, e em desencontros com políticas de segurança pública eficazes na prevenção, combate e recuperação desses jovens. Concluímos que, o estigma coletivo sim, interfere na construção das sociabilidades do jovem do entorno. Que se vê privado de espaços públicos juvenis seguros e referenciais na construção de sua prática cidadã.

Ainda como fundamentação e para o conhecimento do leitor, apresentamos a conflituosa interação no espaço escolar entre professores, jovem e família. Dessa interação, fica a percepção de que há uma inversão e um impasse no sentido e papel desempenhados pela escola, principalmente no Ensino Médio, perceptível nos números reduzidos de oferta nas escolas do bairro e pelo não funcionamento de turnos, antes considerados concorridos. Bem como, a resistência ou (des) preparo de alguns professores em lidar com esse novo conceito de *juventudes* que tem como característica a extensão etária e *temporalidades* não convencionais. Essas questões, exigem uma reavaliação das teorias que abordam cultura escolar e eximem o professor da participação ativa no fenômeno.

Cumpridas as etapas do percurso metodológico para essa dissertação, que se fundamentou na pesquisa qualitativa, utilizando o estudo de campo; cumpre-nos registrar a superação teórica efetivada, que consolidou o procedimento empírico do percurso formativo, possibilitando o reconhecimento da ciência empírica como a mais apropriada para se desvendar os problemas sociais sem as proteções conceituais prévias e definições sentimentais.

Tendo como meta alcançar os objetivos propostos, continuamos a pesquisa realizando, após a fase da coleta de dados, a sua categorização, observando os eixos norteadores previstos no roteiro das entrevistas: a relação com o eu e a família, a relação

com a comunidade, com escola, com o estigma e as perspectivas de futuro. A partir desse delineamento, construímos um perfil panorâmico dos jovens entrevistados, onde é possível observar suas similaridades e diferenças sócio - educativa e familiares. Nesse ponto, cabe registrar a ausência paterna por abandono e, confirmando as estatísticas oficiais, a predominância da *monoparentalidade* feminina na condução desses lares. Pelos relatos dos jovens, essa 'nova' constituição familiar se encaixa confortavelmente na percepção do sentido de família. Essas considerações, também permitem sinalizar para as possibilidades de investigações futuras sobre a participação efetiva da família na escola, na perspectiva de um maior e melhor aproveitamento e rendimento escolar desses jovens, que tem na reprovação anual, uma característica comum.

Apresenta-se como outra possibilidade de investigação futura, a atuação da gestão escolar, no que concerne ao papel do professor na interação com o aluno em comunidades diferenciadas socialmente. Lembremos que o prédio da penitenciária no bairro América, foi tombado como patrimônio histórico municipal e continua vinculado ao sistema de segurança pública, não tendo desenvolvido iniciativas que alterem sua simbologia no imaginário coletivo. Ao contrário do espaço do Carandiru, que teve sua história reescrita a partir da extinção do símbolo, deixando ao tempo, a responsabilidade de apagar as barbáries ali vivenciadas. O que possibilitará que as gerações futuras do entorno estabeleçam novas apropriações vividas e significantes.

Importa observar que, apesar do pouco envolvimento político dos jovens pesquisados, nos seus planos para o futuro, há neles a esperança, a perspectiva de que haja mais e melhores políticas públicas para a resolução dos problemas que afetam as suas vidas.

Concluímos esta pesquisa com algumas afirmações que redimensionam a compreensão do estigma do encarceramento simbólico nas juventudes, entendendo que para se fugir de forças invisíveis e misteriosas, que constroem possíveis infratores míticos - que mais se harmonizam com nossas explicações hipotéticas, há que se defrontar de modo contínuo com os detalhes das coisas que nos propomos a investigar em toda a sua complexidade. Afinal, as construções mitificadas não tem como se defender contra os fatos construídos a partir do conhecimento profundo.

Esperamos por fim, que esta pesquisa possa contribuir nas reflexões sobre os processos de construção das representações sociais das juventudes com um familiar detento que habitam espaços marcados por exclusão. E que possam também, inspirar reflexões produtivas em todos os envolvidos na dinâmica desses cotidianos. E, ao se considerar os problemas que envolvem as juventudes e as mais complexas relações por elas vividas na contemporaneidade, convém lembrar a poesia de Mario Quintana.

Se as coisas são inatingíveis...ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!
Mario Quintana[31]

[31] Poesia "Das Utopias" de Mário Quintana, disponível em: http://www.escritas.org/pt/mario-quintana, acessado em 22.12.2015.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. L. **Uma relação muito delicada: escola e comunidade.** Disponível em:<www.anped.org.br/25/excedentes25/adirluzalmeida>.Acesso em: 19 mai. 2010.

ANDRÉ, Marli E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 18ª ed. Campinas, SP. Papirus, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio.** Trad. Maria Luiza X. de Borges; revisão técnica Karina Kuschinir. 1ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. Disponível em: https://comunicacaoeesporte.files.wordpress.com/2010/10/becker-howard-s-outsiders-estudos-de-sociologia-do-desvio.pdf. Acessado em: 05 set de 2015.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.p. 42 - 57.

_____. BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BURITY, Joanildo A.; VAINSENCHER, Samira A. **Escuridão no fim do túnel:** ocotidiano das famílias de presos no Estado de Pernambuco. Recife: FJN, 2005.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria.Traduçãode Bruno Magne**.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Jovens de Sergipe**: quem são eles, como vivem, o que pensam. Secretaria de Estado do Combate à Pobreza e da Assistência Social: Aracaju, 2006.

DAVIS, Cláudia; VIEIRA, Sofia L. (Orgs.). **Gestão da escola:** desafios a enfrentar. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DAYRELL, Juarez.; T. GOMES, Nilma L. **A juventude no Brasil. Revista** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007 Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>. Acesso em 10 fev de 2015.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Coleção Trans. Disponível em:http://copyfight.me/Acervo/livros/DELEUZE,%20Gilles.%20Empirismo%20e%20Subjetividade.pdf. Acesso em: 10 ago de 2015.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel**. São Paulo: Ática, 1997.

ELIAS, Norbet. SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Süssekind - Rio de Janeiro: Zahar, 2000

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** 4.ed. São Paulo: Centauro, 2012.

FOUCAULT, Michel. Suplício e Punição.In: **Vigiar e punir:** nascimento da prisão.Tradução de Raquel Ramalhete. 23.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.Capítulos I e II. p.39-64.

_____. **Microfísica do poder**. 21.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005. Disponível em: <http://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfisica_do_Poder_-_Michel_Foulcault.pdf. Acesso em: 20 mar de 2015

FRIGOTTO, Gaudêncio. Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI. Conferência de abertura. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPEd), 33., Caxambu, MG. Anais da Revista Brasileira de Educação. vol. 16, nº 46, jan-abr, 2011.p. 235-274.

GATTI, Bernardete A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** –Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOHN, Maria da Glória. Ensaio: Educação não-formal, participaçãoda sociedade civil e estruturascolegiadas nas escolas. **Educação não formal: um novo campo de atuação**.Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GRENWOOD, Ernest. **Métodos de Investigação Empírica em Sociologia.** Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224164262K2lAE9wd1Ui39AM8.pdf

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 3ª ed. Rio de Janeiro. DP&A, 1999.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos:** o breve século XX (1914-1991).Tradução de Marcos Santarrita; revisão técnica de Mara Célia Paoli. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

JULIÃO, Elionaldo F.; SANTA RITA, Rosângela P. **Privação de liberdade:** desafios para a política de Direitos Humanos. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Tradução de Célia Neves e AldericoToríbio. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 4ª ed. Paris: ÉditionsAnthropos, 2000.

LEIRO, Augusto Cesar Rios. Formação docente e educação básica: currículo e arranjo de pesquisas. In:LEIRO, Augusto Cesar Rios; SOUZA, Elizeu Clementino. (Orgs.). **Formação docente e educação básica**. Políticas e práticas de formação. Salvador: Edufba, 2012.p. 23-38.

_____. **Educação e mídia esportiva:** representações sociais das juventudes. 293 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa formação**. 2ª ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

MELO, Zélia Maria. **Os estigmas: a deterioração da identidade social.** Disponível em: <http://proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/anaispdf/estigmas.pdf>.Acesso em:25jan. 2015.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003a.

_____. **Culturas juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003b.

_____. **Ganchos, tachos e biscates:** jovens, trabalho e futuro. 2ª ed. Porto. Ambar, 2005.

_____. **Consciência histórica e identidade:** os jovens portugueses em contextos europeus. Secretaria de Estado da Juventude. Celta Editora. Oeiras, 1999.

_____. **A construção sociológica da juventude**. In: Análise Social.,vol. XXV (105-106), 1990 (1.°, 2.°), 139-165. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf. Acesso em 05 mar de 2015.

PASSOS, GleiseP. da R. **"Segurança pública não é só polícia!": segurança e participação social em relação ao policiamento comunitário na cidade de Aracaju**. 2011. 236 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador. 2011.

SPÓSITO,Marília Pontes. FÁVERO, Osmar. CARRANO, Paulo. NOVAES, Regina R. (Orgs.). Coleção Educação para Todos **Juventude e contemporaneidade**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) Brasília, DF: UNESCO; MEC; ANPEd, 2007.

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (PNE), . Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em 20 jan de 2015.

PINHEIRO, Alessandra et al. **Detentos:** areintegração social.Aracaju: Opção Gráfica e Editores, 1998.

PONCE, Anibal. **Educação e luta de classes.** 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

QUINTANA, Mário. Poesia "**Das utopias".** Disponível em: http://www.escritas.org/pt/mario-quintana, acessado em 22.12.2015.

Relatório da UNESCO. **Educação um tesouro a descobrir**. Disponível em: <http://ftp.infoeuropa.eurocid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf. Acesso em 25 mar de 2015.

ROCHA. Emanuel S.; CORRÊA, Antônio Wanderley de M. **Bairro América:** a saga de uma comunidade. Aracaju, SE: Info Graphics, 2009.

ROSARIO, Angela; B. KYRILLOS NETO, F.; MOREIRA, Jacqueline de O**. Faces da violência na contemporaneidade:** sociedade e clínica.(Orgs.). Barbacena, MG:EdUEMG, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Educação:** do senso comum à consciência filosófica. 12ª ed. Campinas, SP. Autores Associados, 1996.

SCHILLING, Flávia. MIYASHIRO, Sandra G. **Como incluir? O debate sobre o preconceito e o estigma na atualidade**. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.34, n.2, p. 243-254, maio/ago. 2008. Disponível em: Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v34n2/03.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2015.

SCHMID, Christian. **A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre:** em direção a uma dialética tridimensional**.** Tradução de Marta Inez Medeiros Marques e Marcelo Barreto. Revista GEOUSP – espaço e tempo, São Paulo, N°32, pp. 89- 109, 2012.

SILVA, Ana Carina O. **Para uma cartografia imaginária:** Desfragmentação das "Cidades Invisíveis" de Ítalo Calvino. 2013. 145 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Escola de Arquitetura, Universidade do Minho, 2013.

SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda R.; PRANDINI, Regina Célia A. (Orgs.).**A entrevista na pesquisa em educação:** a prática reflexiva. Brasília, DF:Plano Editora, 2002.

THIRY-CHERQUES, H.R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista Administração Pública**, v. 40, n. 1,p. 20-34, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. 1ª ed. 21ª reimpressão. São Paulo. Atlas, 2012.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria.**Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WAISELFISZ, Julio J. **Mapa da Violência 2014: Os jovens do Brasil**. Secretaria Nacional da Juventude. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf. Acessado em: 10 ago de 2015.

WILDE, Oscar. O retrato de Dorian Gray. In: **As obras primas de Oscar Wilde**. Tradução de Marina Guaspariet al. Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.

Censo Demográfico, IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em 01 fev de 2015.

Artigo **População prisional: Brasil vai passar os EUA em 2034**. Disponível em: <http://institutoavantebrasil.com.br/populacao-prisional-brasil-vai-passar-os-eua-em-2034/>.Acesso em: 01 dez. 2014.

Artigo Prévia do "**Mapa da Violência 2014. Os jovens do Brasil**". Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Previa_mapaviolencia2014.pdf>. Acesso em: 17 out. 2014.

Constituição Federal Brasileira. Disponível em: <http://www.promenino.org.br/noticias/arquivo/constituicao-federal-brasileira#_titulo8_cap7>.Acesso em: 12 fev. 2015.

Os filhos de Ruth. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9XWLxOkxnY>.Acesso em: 25 fev. 2015.

Resultados e Metas. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=8873819>.Acesso em: 08 mar. 2015.

Visão Global. Disponível em: <http://www.prisonstudies.org/country/brazil>.Acesso em: 03 fev. 2015.

Relatórios Estatísticos - Sintéticos do Sistema Prisional Brasileiro. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/seus-direitos/politica-penal/transparencia-institucional/estatisticas-prisional>. Acesso em: 20 fev. 2015.

Síntese de Sergipe. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=se>. Acesso em: 01 mar. 2015.

População jovem de Sergipe cresce com mais educação. Disponível em: <http://www.seplag.se.gov.br/index.php/noticias/2642-populacao-jovem-de-sergipe-cresce-com-mais-educacao>. Acesso em: 15 mar. 2015.

Perfil da Juventude Brasileira. Disponível em: <http://www.fpabramo.org.br/uploads/perfil_juventude_brasileira.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2015.

Estigma e Educação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UQ7kZVM2WgE>. Acesso em: 05 set. 2015.

Disponível em: http://editora.unoesc.edu.br/index.php/coloquiointernacional/article/view/1257/620. Acessado em: 05 set de 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUADRO DE ENTREVISTADOS

PARTE I - *CORPUS FORMATIVO* DA PESQUISA

Código	Profissão	Idade	Relação com o de BA
CP1	Dona de casa	31	Mulher de Detento
CP2	Não Informado*	26	Mulher de Detento
CP3	Diarista	34	Mulher de Detento
CP4	Não informado	NI	Detento
CP5	Servidor Público	NI	Diretor da CDA
CP6	Servidor Público	43	Professor de Escola Pública
CP7	Servidor Público	50	Professor de Escola Pública
CP8	Servidor Público	33	Professor de Escola Pública e morador do bairro
CP9	Servidor Público	43	Professor de Escola Pública
CP10	Servidor Público	NI*	Professor de Escola Pública
CP11	Servidor Público	36	Professor de Escola Pública
CP12	Servidor Público	49	Professor de Escola Pública
CP13	Servidor Público	NI	Professor de Escola Pública
CP14	29 Alunos da Escola Pública	13 a 23	

PARTE II - METODOLOGIA CONSTRUÍDA

Código	Profissão	Idade	Relação com a pesquisa
E1	Professora aposentada	63	Gestão Escolar
E2	Policial aposentado	79	Morador do BA há 59 anos
A	Forneiro	28	Jovem com parente detento
E4	Líder Comunitário	48	Morador do BA há 41 anos
E5	Professor Estadual	55	Professor de Escola Pública
B	Aluno1 da rede pública	16	Jovem com parente detento
C	Aluna2 da rede pública	17	Jovem com parente detento
D	Aluno3 da rede pública	18	Jovem com parente detento

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Objetivo da pesquisa: analisar o processo educacional de encarceramento simbólico vivido pelos jovens da comunidade do bairro América em Aracaju - Sergipe

Sujeitos: juventudes do bairro América em Aracaju/SE, na faixa etária de 15 a 29 anos que tenham um ente detento.

OBS: Este roteiro é um direcionamento para o pesquisador. As entrevistas serão gravadas e transcritas.

01. Identificação

Idade:

Sexo:

Estado civil:

Bairro onde mora:

Tem filhos?

Se tem filhos, quantos são e quem os cria?

Trabalho/Profissão:

Você mora em casa própria?

Ente Detento/Laço de parentesco:

Mora com quem? Quantos são?

03. Relação com o "eu"e a família

Com quem moras? Quantos são? Sempre morou?

Qual a escolaridade dos demais membros da família?

O que fazes no teu tempo livre?

Te consideras tímido ou extrovertido?

02. Relação com a comunidade

Já moraste em outro bairro?

Morar no bairro América já te causou algum problema ou constrangimento?

O que gostas de fazer pra se divertir? onde vais?

Te interessas por política?

Já participaste ou participas de atividades coletivas no bairro? Time de futebol? Grupo da Igreja? Paixão de Cristo? Banda da Escola? Conselho de segurança? Orçamento participativo? Por que?

Sentes falta de atividades recreativas ou de interação no bairro?

04. Relação com a escola

Estudas? Onde?

Gostas de estudar? Qual tua matéria preferida? Por que?

Já repetiste de ano? Se sim, quais as séries ?

Gostas de esportes? praticas algum? Qual?

Já brigaste na escola?

Como é/era tua relação com os professores e colegas?

Pretendes continuar teus estudos até que nível?

05. Relação com estigma

O que mudou na tua vida após teu parente ser preso?

Você visita ele ou ela? Como tu te sentes? Como é?

As pessoas no trabalho sabem ? E teus amigos?

Na escola sabem que tu tens um parente detento?

O que tu pensas sobre o prédio da penitenciária ficar no bairro para sempre?

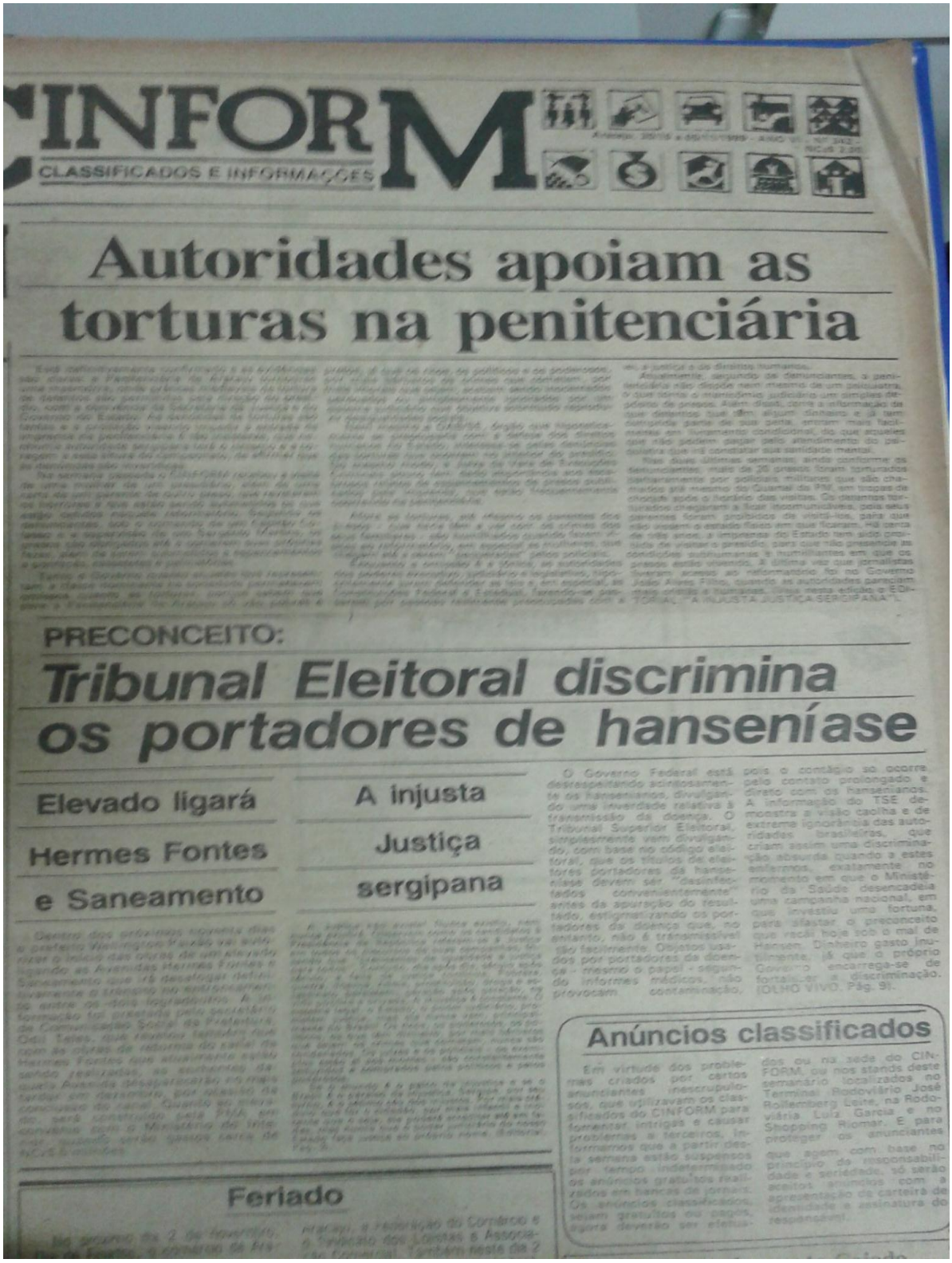
06. Futuro

Como vês o teu futuro?

ANEXOS

ANEXO 1

Jornal CINFORM nº 342 - 1989, publicação semanal.



CINFORM
CLASSIFICADOS E INFORMAÇÕES

Autoridades apoiam as torturas na penitenciária

PRECONCEITO:

Tribunal Eleitoral discrimina os portadores de hanseníase

Elevado ligará Hermes Fontes e Saneamento

A injusta Justiça sergipana

O Governo Federal está desrespeitando acintosamente os hansenianos, divulgando uma inverdade relativa à transmissão da doença. O Tribunal Superior Eleitoral, simplesmente vem divulgando, com base no código eleitoral, que os títulos de eleitores portadores de hanseníase devem ser "desinfectados convenientemente" antes da apuração do resultado, estigmatizando os portadores da doença que, no entanto, não é transmissível sequer facilmente. Objetos usados por portadores da doença - mesmo o papel - segundo informes médicos, não provocam contaminação, pois o contágio só ocorre pelo contato prolongado e direto com os hansenianos. A informação do TSE demonstra a visão caolha e de extrema ignorância das autoridades brasileiras, que criam assim uma discriminação absurda quando a estes enfermos, exatamente no momento em que o Ministério da Saúde desencadeia uma campanha nacional, em que investiu uma fortuna, para afastar o preconceito que recai hoje sob o mal de Hansen. Dinheiro gasto inutilmente, já que o próprio Governo encarrega-se de fortalecer a discriminação. (OLHO VIVO. Pág. 9).

Anúncios classificados

Em virtude dos problemas criados por certos anunciantes inescrupulosos, que utilizavam os classificados do CINFORM para fomentar intrigas e causar prejuízos a terceiros, informamos que a partir desta semana estão suspensos por tempo indeterminado os anúncios gratuitos realizados em bancas de jornais. Os anúncios classificados, sejam gratuitos ou pagos, agora deverão ser efetuados ou na sede do CINFORM, ou nos stands deste semanário localizados no Terminal Rodoviário José Rollemberg Leite, na Rodoviária Luiz Garcia e no Shopping Riomar. E para proteger os anunciantes que agem com base no princípio da responsabilidade e seriedade, só serão aceitos anúncios com a apresentação da carteira de identidade e assinatura do responsável.

Feriado

ANEXO 2

Jornal CINFORM nº 345 - Dezembro de 1989, publicação semanal.

CINFORM
CLASSIFICADOS E INFORMAÇÕES

Autoridades 'lavam as mãos':
Dois detentos são mortos e mais um vai ser assassinado

Os assassinatos dos detentos Sidney Roberto Farias, 23 anos, conhecido por "Espanador da Lua", e de Carlos Alberto Gomes de Oliveira, vulgo "Carlos Chaveiro", ocorreram consecutivamente, na quinta e na sexta-feira, da semana passada, no interior da Penitenciária de Aracaju, demonstraram mais uma vez, que a violência contra os presidiários requer reformatório e a norma geral, com a conivência das autoridades estaduais, que têm conhecimento de que as torturas e até a eliminação de presos são práticas comuns e cometidas até mesmo pelos próprios policiais e agentes de segurança da penitenciária.

"Espanador da Lua" estava preso pela segunda vez depois que, por vingança, matou um cabo da Polícia Militar do presídio, que o havia submetido a uma série de torturas por ocasião de sua primeira prisão. Antes de ser levado à penitenciária, nesta segunda vez, no mês de setembro, ele chegou a anunciar à imprensa, na frente do então Secretário de Segurança Fernando Matos (hoje Secretário de Justiça), que tinha os dias contados, pois sabia que os Pms do presídio iriam esperá-lo até à morte ou planejar a sua morte para que fosse assassinado pelos outros detentos. Posteriormente, ele ainda chegou a denunciar que estava sendo vítima de atrocidades no presídio, sendo espancado e mantido numa solitária com bastante lixo e ratos. Quinze policiais militares chegaram a torturá-lo barbaramente, para vingarem o colega morto. Mesmo sabendo que ele estava marcado para morrer por ordem dos próprios policiais, a Secretaria de Justiça não fez absolutamente nada para impedir sua morte, que veio como se esperava.

MAIS UM VAI MORRER

O próximo a morrer deverá ser o detento Nelson Messias dos Santos, que denunciou, há cerca de um mês, os espancamentos a que ele e seus colegas estavam sendo submetidos. As denúncias de Nelson resultaram na demissão do antigo diretor do presídio, Josué dos Santos, e do chefe da Guarda do Presídio, capitão Cerqueira, que comandava as torturas, tornando a sua morte, policiais se encarregariam de passar para alguns detentos a informação de que Nelson seria um "alcaguete" a serviço da direção do presídio, e ele já está sendo ameaçado. O secretário de Justiça Fernando Matos já tem inclusive conhecimento das ameaças e agora aguarda-se apenas o desfecho da mais um assassinato. Com a ajuda de sua mulher, Nelson enviou inclusive algumas cartas ao CINFORM, onde, desesperado, informa que é o próximo da lista para morrer. Em todos estes casos, é evidente a ação de policiais.

VERSÃO DA JUSTIÇA

Entretanto, a Secretaria de Justiça já divulgou boletim em que informa que "Espanador da Lua" foi morto pelos detentos Josivan César de Araújo, Antônio Gildo dos Santos, Cícero Bispo de Menezes e José Nivaldo Silveira dos Santos, sem tocar no envolvimento de policiais no assassinato. A Secretaria diz ainda que o outro preso morto, Carlos Alberto Gomes de Oliveira, foi assassinado pelo detento Francisco Vieira da Silva.

Na nota a Secretaria informou também que "a inspeção do presídio foi redobrada e que as inspeções nos presídios do Estado são realizadas constantemente pelas guardas", como se a própria polícia não tivesse envolvida nas mortes. O atual diretor do presídio, Roberto Porto, enquanto foge da imprensa, promete "apurar" os fatos.

Engenheiros denunci
incompetência da
diretorias da Energ

O Sindicato dos Engenheiros de Sergipe - SENGE, condenou a incompetência das administrações da Energipe, que apesar de terem tido uma previsão bem antecipada dos problemas que ocorreriam no sistema elétrico de Sergipe, principalmente de Aracaju, caso não fossem investidos recursos na ampliação do sistema, simplesmente fizeram "vistas grossas" aos avisos da diretoria técnica da empresa e investiram em obras não prioritárias. Segundo o SENGE, ao invés de buscarem a solução preventiva dos problemas que hoje se fazem sentir na rede elétrica estadual, os diretores presidentes da empresa, de Clélio Araújo, até o atual Walter Barreto, preocupados apenas em fazer política, adotaram "práticas administrativas prejudiciais à empresa, como convivência com vultosos débitos, sem solu... deres públicos e presas privadas, surdas como uma empreyados à di... tros órgãos, co... empresa, núme... assessores com ...ões, gastos de... doações, publi... des, atendime... ternos descab... na Presidênc... sões, sem p... versos gerer... Diante do ... leitor perce... ficiência da... os problem... de Aracaju é o cont... empresa, ... cagem ... o relatór... FORMA...

BRASIL VAI ESCOLHER:
Fica mais à esquerda, ou muito mais à direita

Na final desta semana os brasileiros decidirão, pela primeira vez nos últimos 30 anos, se preferem continuar imersos no continuismo político, entregando o poder nas mãos de um autêntico representante das elites do país, que não tem as rédeas da ação para um torneiro mecânico, legítimo representante da maioria dominada, da classe trabalhadora e das esquerdas brasileiras. Está mais do que claro, com a evidente polarização ideológica que se formou com esta eleição, que o brasileiro não vai escolher apenas um homem político, um candidato a Presi...

Vasp so
com videoc
de passa

Os passageiros da Vasp precisam t... suas bagagens valiosas. Eles simples... É o que garante o passageiro Ismar ... um videocassete numa viagem de ... simplesmente não se responsabili... pagar o valor do objeto pelo seu p... valor superior a NCz$ 5 mil, a Va... 300,00 (NCz$ 70,00 por quilo do ... rente geral da Vasp em Aracaju, A... todas as semanas ocorrem roubo... videocassetes adquiridos na Zo... Ismar. Paranhos chegou a afirm... da do manuseio de cargas no...

ANEXO 3

REFERENTES AO BAIRRO AMÉRICA

ANO	TOTAL DE ACIONAMENTOS
2006	828
2007	793
2008	885
2009*	1699
2010	4965
2011	5428
2012	5002
2013	6676
2014	6208
2015 ** (PARCIAL ATÉ MARÇO)	1756
Total Geral	**34240**

Elaboração: CEAC/ PMSE / SSP/SE
Fonte: COPOM (2006 – 2008) / SReports/CIOSP (2009 – 2015)[32]

[32]*Em 2009 o sistema passou a funcionar plenamente no novo molde do CIOSP.
** Dados referentes até o dia 31/03/2015